5561 - Edição 43 Ano 5 Nº 02 1988 NCz$ 1,70

A CRÍTICA ELEGE OS MELHORES DE 88

BIZZ

EDITORA AZUL

NEW ORDER NO BRASIL

DIÁRIO DE BORDO
EXCLUSIVA COM PETER HOOK

HIP HOP
NO ASFALTO PAULISTANO

CREATION
O NOVO ROCK INDEPENDENTE INGLÊS

JAMES BROWN • LITTLE RICHARD • JERRY LEE LEWIS
PRINCE • HERÓIS DA RESISTÊNCIA • MILTON NASCIMENTO

MARISA

MONTE

O disco

Nas lojas.
Em LP/K7 e CD

EMI

MARILLION

'THE THIEVING MAGPIE'
(La Gazza Ladra)

O MELHOR DAS PERFORMANCES AO VIVO DE UMA DAS BANDAS MAIS POPULARES DA EUROPA. UM REGISTRO DOS PRIMEIROS SETE ANOS DE CARREIRA COM O VOCALISTA FISH

em álbum e cassete duplo EMI

SHOW BIZZ

RAPPERS UNIDOS CONTRA A VIOLÊNCIA

Os músicos e donos de gravadoras ligados ao rap estão cada vez mais preocupados com a idéia — insistentemente propagada pela mídia — de que esse tipo de música estaria diretamente ligado à violência. A polêmica começou quando um garoto foi esfaqueado durante um show de rap e piorou no momento em que algumas gangues decidiram resolver suas diferenças dentro dos teatros onde se apresentavam rappers. Para por um fim à discussão, vários grupos — **Public Enemy, Boogie Down Productions** e **Kool Moe Dee**, entre outros — formaram uma espécie de associação chamada Stop the Violence, que acaba de lançar um disco lá fora. Segundo os produtores, o objetivo do lançamento de Self Destruction é alertar para as causas reais da violência dentro da comunidade negra — além de ter seus lucros revertidos para instituições de caridade ligados ao crime e analfabetismo.

Kool Moe Dee: rap não é sinônimo de violência

O MISTÉRIO DO PIPI-POPÔ

Todo mundo já está careca de saber o final de um dos maiores mistérios do século: quem matou **Odete Roitmann**. Mas nem todo mundo sabe quem é, afinal, **Pepino Carnale**, mentor dos hits "Pipi-Popô" e "Cuidado com a Deme", dos **Vestidos de Espaço**. Quem aparece frente às câmeras fazendo playback são o artista plástico e diletante socialite **Fernando Zarif** e a eterna musa **Bronie**. É o som que rola de verdade seria o de **Paula Toller** e alguns dos **Titãs**, numa jogada onde as armações são ironizadas com a construção de uma outra.

LETRAS TRADUZIDAS AGORA É MENSAL

Você pediu, BIZZ atendeu. A partir deste mês, a revista Letras Traduzidas é mensal. Só assim poderemos atender à avalanche de cartas que despenca todos os meses na redação com pedidos de traduções. Não perca, neste mês, os sucessos mais recentes do **New Order, A-ha, Duran Duran, Tracy Chapman** e muitos outros.

Charles: contra ação dos seguranças

VAMOS PARAR DE DAR PORRADA?

O Olympia — casa de espetáculos em São Paulo — tem se tornado, ao longo de seus eventos, um palco de violência. Durante quatro oportunidades em que BIZZ esteve presente, pôde ouvir histórias de maus tratos aos freqüentadores por parte da segurança da casa. Essas histórias foram se tornando a cada dia mais reais, principalmente a partir do protesto de Charles Gavin (**Titãs**), no segundo dia da apresentação do grupo no espaço. A certa altura, Charles levantou da bateria e pediu aos seguranças que "maneirassem" no tratamento com o público. Mas foi na apresentação do **New Order** que nossa editoria pôde ver, ao vivo e em cores, o que significavam, de fato, todas essas reclamações. Na tentativa de retirar do recinto um espectador alcoolizado, os seguranças ultrapassaram os limites. Com o garoto dominado por cinco seguranças, estendido ao chão, um dos seguranças não "resistiu" e deferiu uma bofetada na cara do espectador.

Bono: mitologia destrutiva?

IMPRENSA IRLANDESA MALHA O U2

Indiscutivelmente a banda de maior sucesso no mundo atualmente, o **U2** passa por problemas em casa. Em artigo publicado no jornal *Irish Times*, o jornalista **Finten O'Toole** disse que a mitologia americana representada pelo U2 no filme *U2 — Rattle and Hum* é "enormemente destrutiva para a juventude irlandesa" e que, apesar de se manifestar contra o apartheid e a política de Reagan na América Central, "a banda essencialmente partilha a visão que Reagan tem da América".

Morrissey, Joyce e Rourke: juntos, mas sem Johnny Marr (terceiro à esquerda)

NOVIDADES SMITHIANAS

As coisas não vão nada bem para **Andy Rourke**, ex-baixista dos Smiths. Recentemente, ele foi expulso da nova formação do **Killing Joke**. Rourke foi preterido em favor de um baixista desconhecido, um tal de **Taffe**. Na nova formação da brincadeira-quarteto, está ainda **Martin Atkins**, ex-baterista do **PIL**. Em 89, porém, Rourke já tem rumo certo: irá participar, junto com os outros ex-Smiths **Mike Joyce** e **Craig Gannon**, do novo LP de **Morrissey**. Este, aliás, andou sendo visto circulando por casas noturnas de house music — para grande espanto dos seus fãs... E, enquanto o novo álbum de Morrissey não vem, os fãs dos Smiths lá fora podem ir se consolando com o lançamento de vários CD singles. Embora todas as canções já sejam conhecidas, há algumas novidades, como versões ao vivo para "Meat Is Murder", "Nowhere Fast" e "Stretch Out and Wait", no CD que tem ainda "Headmaster Ritual".

A CONDENAÇÃO DE LOBÃO

"Eles são uns covardes". Essa foi a reação de **Lobão** ao saber da sua condenação pelo Tribunal de Justiça do Rio, no dia 23 de novembro do ano passado. Continuando a sua série de atritos com a justiça — que o elegeu como bode expiatório número um no que se refere as drogas —, o cantor foi condenado a nove meses em regime de prisão semi-aberta, pela acusação de posse de cocaína. De acordo com a sentença, Lobão teria que passar as noites em uma prisão albergue — o detalhe é que não existe nenhuma instituição desse tipo no Rio. Alguns dias mais tarde, porém, o advogado do roqueiro conseguiu, através do Supremo Tribunal Federal, uma permissão para que Lobão pudesse cumprir a pena em liberdade. Revoltado com o desgaste que sua imagem vem sofrendo, Lobão anunciou que pretende escrever um livro relatando suas experiências nas garras da lei.

Lobão, caçado implacavelmente pela justiça carioca

COLETÂNEA LEMBRA ROCK DO VIETNAM

O semanário inglês *New Musical Express* lançou um álbum com sucessos da era da guerra do Vietnam. Entre as verdadeiras pérolas, a música título, "I Feel Like I'm Fixin' to Die", de **Country Joe & the Fish**; "Sky Pilot", com **Eric Burdon & the Animals**; e "Vietnam Blues Part I and II", de **Lightin' Hopkins** ⊗ **Billy Idol** trabalhando em LP novo a ser lançado em maio. De acordo com ele, "um disco voluptuoso, menos produzido que *Whiplash Smile*, mais rock'n'roll, com um pouco de blues" ⊗ **The Fall** entra para a história com o lançamento do primeiro compacto duplo em CD.

MILES DAVIS VAI BEM, OBRIGADO

Todo ano tem nego dizendo que **Miles Davis** não vai mais fazer shows ao vivo por estar mais pra lá do que pra cá. É sempre vem um desmentido. Miles tocou na abertura de um novo clube de jazz, o Indigo Blues, em Nova York, em dezembro. E no mesmo mês a Columbia lançou nos EUA um pacote com 35 faixas intitulado *Miles Davis: The Columbia Years 1955-85*, uma espécie de *Biograph* dele (um pacote de cinco discos de **Bob Dylan**, da mesma gravadora). E, por fim, Miles está na trilha de *Os Fantasmas Contra-Atacam* (onde aparece brevemente), em "We Three Kings of the Orient", além de tocar nos novos LPs de **Chaka Khan** e **Cameo**. Mal das pernas?

OS DEZ MAIS DA BILLBOARD

A fé de George Michael conquista a América

A *Billboard* divulgou em sua edição de 24 de dezembro o seu "The Year in Music & Video", com os campeões de vendagem de 88. No pop, quem faturou foi mesmo George Michael, que abocanhou o primeiro lugar entre os singles e o álbum mais vendidos, ambos do mesmo nome (*Faith*). A vão as listas dos dez LPs e singles mais vendidos nos EUA no ano que passou.

LPs
1. *Faith*/GEORGE MICHAEL
2. *Dirty Dancing*/VARIOS
3. *Hysteria*/DEF LEPPARD
4. *Kick*/INXS
5. *Bad*/MICHAEL JACKSON
6. *Appetite for Destruction*/GUN N' ROSES
7. *Out of the Blue*/DEBBIE GIBSON
8. *Richard Marx*/RICHARD MARX
9. *Tiffany*/TIFFANY
10. *Permanent Vacation*/AEROSMITH

SINGLES
1. "Faith"/GEORGE MICHAEL
2. "Need You Tonight"/INXS
3. "Got My Mind Set on You"/GEORGE HARRISON
4. "Never Gonna Give You Up"/RICK ASTLEY
5. "Sweet Child O'Mine"/GUN N' ROSES
6. "So Emotional"/WHITNEY HOUSTON
7. "Heaven is a Place on Earth"/BELINDA CARLISLE
8. "Could've Been"/TIFFANY
9. "Hands to Heaven"/BREATHE
10. "Roll With It"/STEVE WINWOOD

LANÇADO SONGBOOK DE CAETANO

No dia nove de dezembro foi lançado na casa noturna People, no Rio, o songbook dedicado à Caetano Veloso. Idealizado, produzido e editado pelo violonista e professor Almir Chediak, o songbook de Caetano reúne em dois volumes 135 canções contendo melodia, letra e harmonia com acordes cifrados. É mais do que uma coleção de partituras, já que inclui uma biografia do compositor, entrevista, fotos, discografia completa e textos de José Miguel Wisnik, Gilberto Gil e João Gilberto. O show de lançamento contou com a presença de várias celebridades. Das anunciadas "canjas", algumas foram memoráveis: **Tim Maia, Gal Costa, Nara Leão** e **Cazuza**, que cantou "Esse Cara", "Janelas Abertas nº 2" e "Todo Amor que Houver nessa Vida", esta última com Caetano.

O encontro dos poetas: Caetano e Cazuza fazem a festa

OUÇA ESSA

"Por que eles chamaram o disco de Michael Jackson de *Bad*? Porque a palavra *patético* não coube na capa." **Prince**

Orbison: fim da carreira de um hitmaker

ROY ORBISON (1936-1988)

No último 6 de dezembro, quando visitava sua mãe num subúrbio de Nashville, faleceu — aos 52 anos, vítima de um ataque cardíaco — o cantor/compositor **Roy Orbison**, uma das lendas do rock'n'roll. Contemporâneo de Elvis, Johnny Cash, Carl Perkins e Jerry Lee Lewis, foi um dos primeiros a gravar no berço do rockabilly, o lendário estúdio Sun, em Memphis.

Seu período de maior sucesso e criatividade veio entre 1959 e 64, através de hits clássicos como "Only the Lonely" (60), "Crying" (61, regravada por Don McLean), "Running Scared" (61), "Oh Pretty Woman" (64, regravada pelo Van Halen), "Mean Woman Blues", "It's Over...", "Leah"...

Orbison teve também uma das vidas mais trágicas do rock, perdendo num espaço de dois anos — entre 66 e 68 — primeiro a esposa, num acidente de moto, e depois dois filhos, quando sua casa incendiou-se.

Por sua influência, roqueiros de gerações posteriores não o esqueceram e, em 86, o cantor voltava à cena no LP *Class of 55*, uma homenagem à Sun Records junto a Cash, Perkins e Lewis.

Este ano, Orbison passou a integrar o supergrupo **The Travelling Wilburys**, com **Bob Dylan, George Harrison, Tom Petty** e **Jeff Lynne** (ex-ELO), cujo LP encontrava-se no oitavo posto das paradas quando morreu.

ANNIE LENNOX NO BRASIL

Quem deu as caras por aqui em janeiro foi **Annie Lennox**, a porção feminina dos **Eurythmics**. Em férias com o marido, o cineasta Yuri Fruchtman, Annie preferiu o anonimato, evitando badalações e fugindo da imprensa. Em uma das poucas entrevistas em solo tropical, revelou que gostaria de tocar no Brasil, embora não tenha feito nenhum contato para isso. Sobre a viagem — que incluiu estadas no Rio e na Bahia —, a cantora declarou que veio ao Brasil por acaso, já que estava por perto, passeando no Caribe.

Annie no Brasil: por enquanto, só férias

IAN MCCULLOCH FICA SOZINHO

Mac: antes só do que mal acompanhado

Enquanto o restante do **Echo & the Bunnymen** procura um vocalista, **Ian McCulloch** diz que no momento não procura músicos para formar outra banda. Ele estava num estúdio em Liverpool tocando todos os instrumentos, apostado em uma loteria eletrônica, e de lá disparou: "Depois de dez anos com caras que pensei que fossem músicos excelentes, eu não quero cair de novo em uma armadilha."

Robbie: a volta ao vinil, em trabalho solo

EX-DOORS VOLTA AO ATAQUE

Robbie Krieger, ex-guitarrista dos **Doors**, lança disco solo. Ele tentou encontrar vocalista, mas disse que não conseguiu, depois de trabalhar tanto tempo com **Jim Morrison** (⊗). Depois da explosão mundial do primeiro LP, que mal acabou acontecendo aqui, **Terence D'Arby** terminou disco novo, que poderá ser duplo, no estúdio dos Hothouse Flowers, em Dublin (Irlanda). Deve sair em abril.

OUÇA ESSA

"Nós estamos sempre tão apressados que só temos tempo de escrever nossas músicas a caminho do banheiro." **Morten Harket**, do A-ha

Macca, brindando o Brasil com um show em 89?

MCCARTNEY TAMBÉM VEM AÍ?

É bem possível que **Paul McCartney**, o velho Macca, acabe desembarcando aqui este ano, para histeria total dos viúvos e viúvas dos Beatles. Nosso país pode fazer parte de uma turnê na qual Macca cantará acompanhado por uma orquestra inteira — no melhor estilo Frank Sinatra — antigos sucessos de seus companheiros daqueles tempos (⊗). O **Jesus and Mary Chain** foi colocado fora de uma festa a tapa por alguns simiescos seguranças em Nova York. A festa era em homenagem a eles mesmos (!), depois de terem feito um show com **Iggy Pop**. Os donos do clube acharam que a aparência da banda era muito dúbia e delinquente para a casa.

RAP BRASILEIRO EM PÉ DE GUERRA

A cena black paulistana está em pé de guerra. **Luiz Alberto**, o Luizão, dono do Chic Show (a maior equipe de som do país, há 15 anos organizando shows em São Paulo) e também produtor da coletânea *O Som das Ruas*, iniciou a polêmica declarando que o seu LP "é mais fiel ao público negro do que outros caras por aí que estão no estágio de rua de 15 anos atrás." **MC Jack**, um dos "outros caras" mencionados por Luizão, integrante da coletânea *Cultura de Rua*, não perdoou: "Luizão não tem conhecimento musical para criticar". Segundo **MC Who do Credo**, *O Som das Ruas* "é todo chapado, composto só de covers. Parece mais um karaokê." Conferindo os shows de lançamento dos dois LPs, BIZZ chegou à conclusão de que são duas tendências diversas. *O Som das Ruas*, abrindo mão do hip hop em favor do "balanço romântico" do *charm*, cai como uma luva para os bailes do Chic Show. *Cultura de Rua*, por sua vez, é a linguagem black da rebelião deste quase anos 90, que troca a violência por passos de dança.

MC Jack (de boné vermelho): disparos contra O Som das Ruas

Strummer (centro) e Simonon (à direita): os ex-Clash na ativa

JOE STRUMMER VEM AÍ EM DISCO SOLO

Joe Strummer em Los Angeles, trabalha em disco solo com o Latino Rockabilly War Band. Outro ex-**Clash**, **Paul Simonon**, embarca também em carreira solo, depois de ter trocado por um tempo o baixo pelos pincéis. Ele é o autor, por exemplo, da capa de *Tighten Up Vol. 88*, do **Big Audio Dynamite** ⊗ O **Pere Ubu** andou trancado no estúdio de **Prince**, Paisley Park, gravando faixas de um novo LP ⊗ **Ian McNabb**, do **Icicle Works**, está gravando com **Zak Starkey**, filho de **Ringo Starr** e também baterista.

Rosa, ganhando as FMs com um hit dos anos 60

A JUSTIÇA TARDA MAS NÃO FALHA

Foi preciso uma agência de publicidade requisitar que **Rosa Maria** fizesse uma reinterpretação de "**California Dreamin'** " (de John Phillips e Michelle Gilliam) para que seu talento viesse à tona, depois de anos fora das paradas de sucesso. Para quem não sabe, Rosa Maria é uma das melhores — senão a melhor — intérpretes de blues brasileira, está na estrada há 25 anos e tem seis LPs — sendo o primeiro de 65 (*Uma Rosa com Bossa*) — e 21 compactos lançados, todos fora de catálogo, encontráveis apenas em sebos ou na mão de colecionadores. De 76 a 82, Rosa foi a número um da casa paulista Opus 2004, onde encantava, como agora, os corações dos amantes de blues com sua voz suave e de timbre único. As poucas vezes em que apareceu no rádio foi através das músicas "Passo do Jacaré" (de Eliane Ribeiro e Ednéia Ribeiro) e "Azul da Cor do Mar" (de Tim Maia), ambas de 82. Numa ligação telefônica, perguntamos a Rosa por que seu reconhecimento artístico nunca esteve à altura de seu talento. "Porque eu nunca tive este espaço com uma mídia empurrando. No meu tempo, as 'multis' não tinham dinheiro para pagar jabá", respondeu.

FEVEREIRO 89

4 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e bateria
9 **INDICE**
Você está aqui...
12 **PARADA,**
Grã-Bretanha e Parada do Leitor
14 **AO VIVO**
Chance, James Brown e Bo Diddley, Cláudio Zoli, Taj Mahal, Prince, Fela Kuti, Milton Nascimento, Sepultura, Heróis da Resistência, Os Mulheres Negras
22 **NEW ORDER**
Entrevista e bastidores da excursão brasileira
34 **OS MELHORES DE 88**
Os críticos apontam seus favoritos
46 **HIP HOP BRASILEIRO**
A onda que se alastra
50 **CREATION**
A chegada dos novos independentes ingleses
54 **BRASIL**
O que rola do Qipoque ao Chuí
58 **LANÇAMENTOS**
Araketu, Four Tops, Cultura de Rua, João Gilberto, Jerry Harrison...
62 **CINEMA**
As memórias de Pamela des Barres, na cama com os superstars
66 **EM CARTAZ**
Hairspray, Instinto Fatal
68 **VÍDEO**
Warren Beatty e os principais lançamentos
70 **LETRAS**
"Under a Milk Way", The Church
72 **CARTAS E SERVIÇOS**
74 **DISCOTECA BÁSICA**
Loki (?), Arnaldo Baptista

O R.E.M. está entre os Melhores de 88, junto com outras surpresas, na pág. 34

Fotos de capa: Ricardo Siqueira/F. Gra. Jorge Rodemberg (Box)

Nas três cidades brasileiras onde se apresentou — São Paulo, Rio e Porto Alegre —, o **New Order** mostrou como uma banda nasceu e cresceu independente, sem bombásticos lances promocionais de megastars, consegue arrastar legiões a seu show. Com exclusividade, BIZZ conseguiu colar na banda **José Augusto Lemos** que, lápis e papel na mão, sempre escudado por um fotógrafo, esteve onde ela esteve, criando um saboroso diário de bordo — do qual publicamos nesta edição o primeira parte — e uma entrevista com **Peter Hook** — que sai aqui inteirinha. Ainda nesta edição, 25 jornalistas de música de todo o país escolhem seus **Melhores de 88**. Tanto nas categorias nacionais quanto nas internacionais, confirma-se tendência apontada na votação de 87 — a aposta em bandas emergentes, na qualidade e na diversidade.

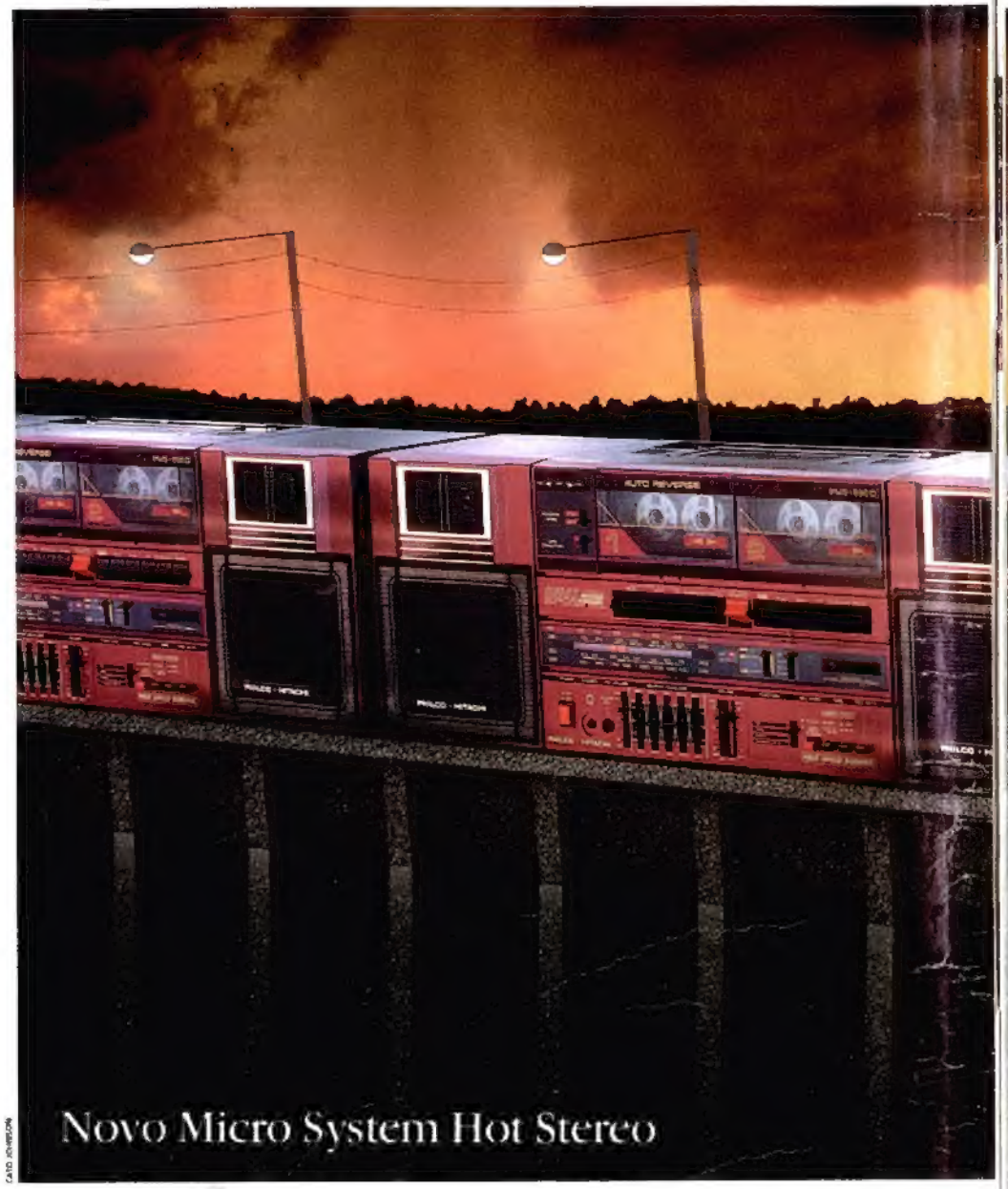
Por falar em bandas emergentes, está desembarcando no país o selo independente inglês **Creation**, que no momento domina as paradas de lá. Através dele, você vai ficar conhecendo grupos como **House of Love** e **My Bloody Valentine**, que se agarram ao pop dos anos 60, reciclando-os com grande carga de energia. As bandas do Creation são dissecadas por **Marcel Plasse**.

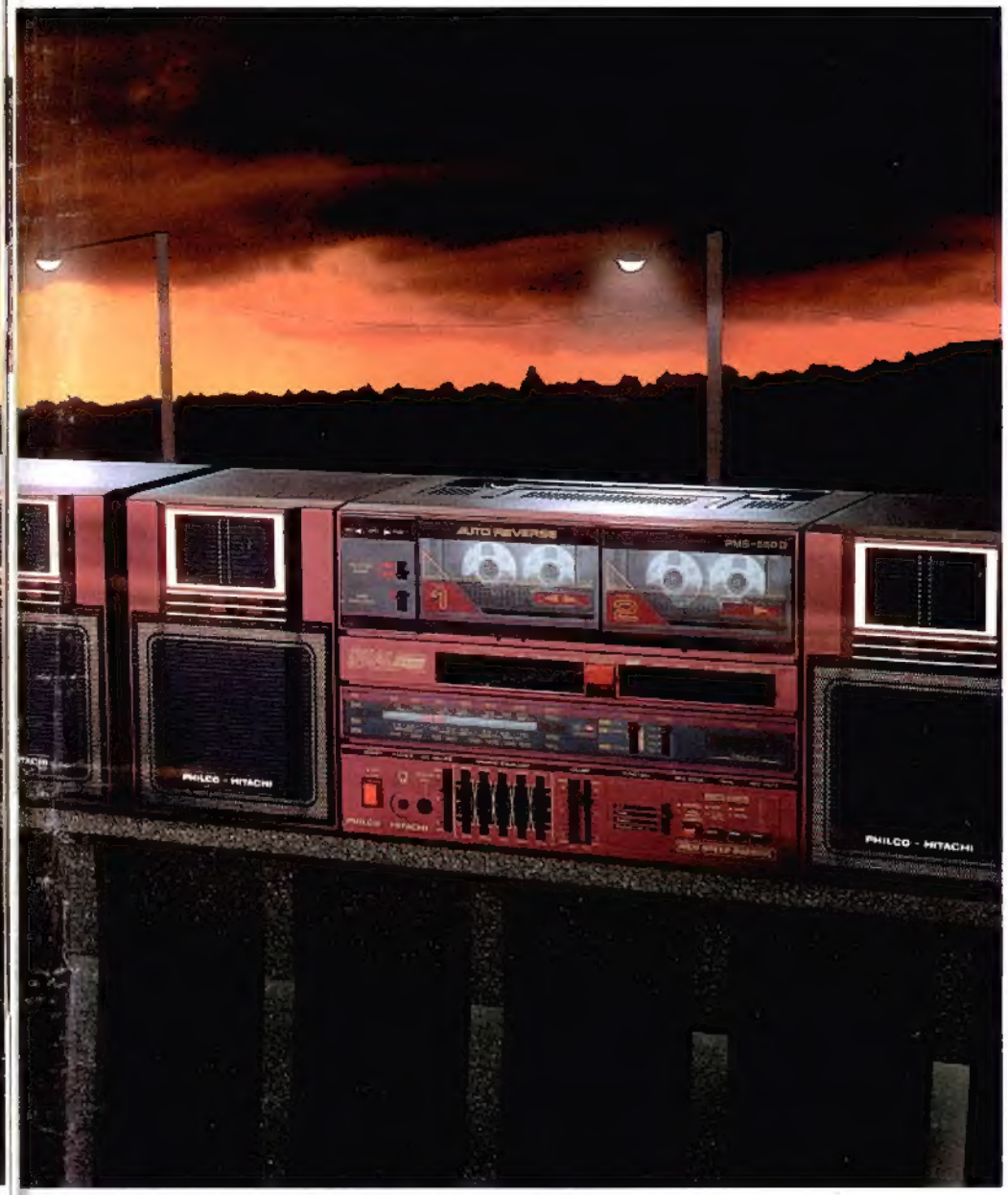
Também surgindo para provocar grande estardalhaço por aqui em 89 estão os grupos paulistas de **hip hop**, que tiveram sua origem nos breakers da Estação São Bento do Metrô, em São Paulo, conforme revela o mesmo Plasse.

E, no ao vivo, você tem **James Brown** e **Bo Diddley, Milton Nascimento, Prince, Fela Kuti, Sepultura, Heróis da Resistência** e **Mulheres Negras**.

José Eduardo Mendonça

Expresso do Oriente.





O Micro System Hot Stereo coloca em suas mãos o resultado da alta tecnologia Philco-Hitachi.
É o som limpo, puro, que faz sucesso nos dois lados do mundo.
O Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo acompanha você em todos os passos.

Em casa, no agito da praia, nas danças de rua, em qualquer lugar.
São 60 watts pulsando no seu mundo, fazendo a descontração da sua vida.
O Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo é Dual Cassette, para copiar de fita para fita, em alta velocidade (High Speed Dubbing) ou velocidade normal. É o único Auto-Reverse da sua categoria. Tem equalizador gráfico, rádio com 4 faixas e caixas destacáveis.
Não perca o Expresso do Oriente.
Reserve já o seu lugar no Micro System Philco-Hitachi Hot Stereo em um dos revendedores Philco-Hitachi.

Care
CENTRAL DE ATENDIMENTO E RELAÇÕES EXTERNAS
(011) 800-8130 DDD GRÁTIS
GRANDE SP • 941-6986

PHILCO - HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

PARADA

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB), de 5 a 26.11.88. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 23.12.88

Tracy Chapman: tema de novela e lugar garantido na parada

Parada do Leitor (LPs)

1	(1)	*Go Back* — **Titãs** (WEA)
2	(5)	*Substance* — **New Order** (WEA)
3	(N)	*Big Thing* — **Duran Duran** (EMI-Odeon)
4	(N)	*Introspective* — **Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
5	(3)	*Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** — (WEA)
6	(12)	*Cuidado!* — **Lobão** (BMG-Ariola)
7	(2)	*Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
8	(8)	*RPM* — **RPM** (CBS)
9	(N)	*Rattle and Hum* — **U2** (WEA)
10	(10)	*Ideologia* — **Cazuza** (PolyGram)
11	(9)	*Psicoacústica* — **Irá!** (WEA)
12	(N)	*Children* — **Mission** (BMG-Ariola)
13	(4)	*Faith* — **George Michael** (CBS)
14	(7)	*Que País É Este?* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
15	(11)	*Vive Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)

LPs (EUA)

1	(7)	*Rattle and Hum* — **U2** (Island)
2	(N)	*Giving You the Best That I Got* — **Anita Baker** (Elektra)
3	(2)	*Appetite for Destruction* — **Guns n' Roses** (Geffen)
4	(3)	*Cocktail* — **Trilha Sonora** — **Vários** (Elektra)
5	(1)	*New Jersey* — **Bon Jovi** (Mercury)
6	(4)	*Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
7	(5)	*Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
8	(N)	*Any Love* — **Luther Vandross** (Epic)
9	(N)	*Silhouette* — **Kenny G.** (Arista)
10	(10)	*Faith* — **George Michael** (Columbia)

LPs (GB)

1	(4)	*Kylie* — **Kylie Minoque** (PWL)
2	(1)	*Money for Nothing* — **Dire Straits** (Vertigo)
3	(N)	*Greatest Hits* — **Human League** (Virgin)
4	(N)	*Now That's What I Call...* — **Vários** (EMI/Virgin)
5	(N)	*Private Collection* — **Cliff Richard** (EMI)
6	(5)	*Watermark* — **Enya** (WEA)
7	(N)	*Greatest Hits* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
8	(2)	*Rattle and Hum* — **U2** (Island)
9	(7)	*The Best of Chris Rea* — **Chris Rea** (WEA)
10	(N)	*Wanted* — **Yazz** (Big Life)

LPs Independentes (GB)

1	(1)	*Daydream Nation* — **Sonic Youth** (Blast First)
2	(N)	*From Enslavement to ...* — **Napalm Death** (Earache)
3	(6)	*Kylie* — **Kylie Minoque** (PWL)
4	(2)	*Bug* — **Dinosaur Jr.** (Rythm King)
5	(N)	*Isn't Anything* — **My Blood Valentine** (Creation)
6	(N)	*Let It Be* — **Laibach** (Mute)
7	(N)	*The Serpent's Egg* — **Dead Can Dance** (4AD)
8	(5)	*Into the Dragon* — **Bomb the Bass** (Rythm King)
9	(N)	*Straight Out the Jungle* — **Jungle Brothers** (Gee St)
10	(N)	*Wanted* — **Yazz** (Big Life)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidade na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

JAMES BROWN/ BO DIDDLEY/ RAY CHARLES/ LITTLE RICHARD/ JERRY LEE LEWIS/ FATS DOMINO/ B.B. KING

Os sete cavaleiros do apocalipse reunidos num único show em prol da Unicef

Little Richard, a "louca" tutti-frutti, e Bo Diddley, com sua guitarra "turbo, cinco velocidades"

Palaeur (Roma) 17/11/88

Com seus nervos ardentes, incendiários, ainda gostariam que o planeta fosse de vidro para fazê-lo saltar em pedaços.

Com sede de bárbaros, se arremessariam às estrelas para reduzi-las a pó.

Três décadas depois de uma rebeldia vulcânica, concentrada em gritos primais para convulsionar a consciência do planeta, lá estavam eles — os velhos imperadores —, todos juntos, em uma autêntica fossa de leões da Roma pós-moderna, uivando para a Lua e para o grande antro líquido de memória.

Suas peles ardiam. Sua febre voltava a contaminar impérios. Seus urros inflamavam o ar. Seu ritmo comprometia os acordes das esferas e o movimento dos mundos.

Ray Charles, 58 anos, sorriso de beatitude, brincando como um menino com um Steinway negro. Fats Domino, 60, eterno terno rosa e anéis de noites árabes, martelando outro Steinway. Bo Diddley, 60, e B.B.King, 63 — 250 kg conjuntos de TNT rítmica, ensaiando passos do elefantinho. Jerry Lee Lewis, 53, o *killer* pai nosso de todos os punks, passeando pelo palco como um gângster corporativo, incitando a malta ao crime. Little Richard, 53, delicado como uma princesa africana em *overacting* operático, batendo palmas e soltando suas onomatopéias em um ritual cabalístico. James Brown, 55, o godfather de tudo, insinuando-se entre backing vocals de fundo de igreja na Georgia rural e duos no piano de Domino. Conversam, gargalham, celebram. Atrás de tudo, uma superbanda sob o mestre de cerimônias David Edmunds — emérito rocker inglês com PhD — castiga um fundo apropriado de jam-session entre o rhythm'n'blues e o rock'n'roll. A jam dura cerca de 20 minutos — subjugada aos confrontos letais de guitarras, pianos, metais e mantras encantatórios dos sete imperadores. Juntos — pela primeira e talvez última vez na história da música popular.

Vídeo à vista — *The Giants of Rock'n'Roll* foi uma apoteose em benefício da Unicef. Uma operação só possível por uma sacra tríade de business: megacorporação (Coca-Cola), olho de Big Brother (RAI) e um grande produtor privado (David Zard, estabelecido na Itália). Só faltou o Godfather do rock'n'roll em carne, osso e Gibson vermelha. Chuck Berry tinha outros compromissos — não especificados — e desistiu à última hora, substituído por B.B. King (mas já em 87 se apresentou no mesmo cenário, à sombra de uma arquitetura neo-fascista, em um show cru e memorável). O ufanismo italiano pelo sucesso deste rodeio pop ultrapassou todos os limites. A estupidez dos comentaristas em rádio, TV e imprensa mereceria uma revista à parte. O fato principal — para quem não viu — é que um vídeo logo estará circulando pelos mercados internacionais.

O festim dos imperadores — B.B. King nos diz que o blues teve um bebê black — batizado no ato de rock'n'roll. Os sete cavaleiros do apocalipse, juntos, compuseram uma história compacta não só de blues e rock como de toda a música afro-americana das últimas décadas.

James Brown, Mr. Dinamite, o Homem Que Mais Trabalha no Show-Business, lembrou-se do tempo em que fazia 300 shows por ano e entrou arrebentando com os JB's em uma performance de pura nitroglicerina — impossível quando se apresenta em teatrinhos sub-yuppie. O Godfather — em caldeiras ferventes como essa fossa de leões romana — volta na psique aos clubinhos de R&B e soul do sul dos E.U.A. no fim dos anos 50. *Lord have mercy!* Tudo é ícone: o berro, o bocão, o laquê no cabelo pastoso, as intimações a "Soul!". Set incandescente: "Papa's Got a Brand New Bag", "I Feel Good", "Please, Please, Please" — com a antológica rotina dos mantos de veludo — e a compulsiva orgia dançante por excelência, "Sex Machine".

Bo Diddley — o bonachão que espremeu o blues e limou a selva elétrica do rock, servida em bandeja de prata para Stones, Animals e todos os dandies e/ou marginais ingleses do início dos anos 60 — entrou luzindo com mais uma de suas inimitáveis guitarras quadradas (com uma inscrição: "Turbo, cinco velocidades"). O *dragster* de Bo — sob tambores da selva despencando de uma hidrelétrica — entrou em *cruising* com os clássicos "Who Do You Love" e "I'm a Man". Bo ainda pula no palco como um rebelde com causa — reduzindo a marmotas epilépticas 99% do pop contemporâneo.

Ray Charles — a voz de Deus, se Deus se dignasse a abrir a boca —, cego desde os 6, órfão desde os 15, entrou anunciado por Bo ("senhoras e senhores, uma lenda em seu próprio tempo") e aos acordes de "What I'd Say". Perpetrou uma frenética "Mess Around" — já imortalizada pelo boogie woogie piano de New Orleans do Lúcifer dos bordéis, Professor Longhair (descanse em paz) — e "Fool for You", um daqueles gospels de casaco de vison que intimam qualquer ateu, agnóstico, niilista ou alcoólatra a acreditar na possibilidade de uma salvação terrena.

Entre salvar ou se dissipar, Little Richard optou pelo pastiche de si próprio. Entrou fantasiado de couro negro. Subiu em cima do piano — apoplético, sob uma maquilagem de travesti de *trottoir*. A "louca" tutti-frutti foi de sub-gospel a sub-country e apenas ameaçou algo memorável como "Lucille" ou "Long Tall Sally". O homem a quem um certo Paul McCartney foi pedir lições de falsete com uma humildade das esferas resultou numa absoluta decepção como performer. Excesso de ego ("quem inventou o rock'n'roll fui eu"). Para compensar, foi o próprio Richard — fato inédito nos anais do rock'n'roll — quem introduziu ao palco o killer dos killers, Jerry Lee, de quem sempre foi inimigo mortal.

O pai de todos os punks — Se Little Richard hoje é um Tibério gay e senil, Jerry Lee Lewis parece um Nero zen, mas capaz de explodir a qualquer segundo. Na sua face e no seu corpo magro estão impressos todos os signos reconhecíveis — e irreconheciveis — de eros, danação, álcool, rebeldia e rock'n'roll. Este é o pai de todos os punks planetários, o homem que gritava "shake it, baby, shake" na cara da América puritana (esse "shake" não tinha nada a ver com receita de coquetel, é claro), o incendiário incestuoso que hoje é procurado pela polícia porque deve três milhões de dólares em impostos atrasados. O killer levou à catalepsia os rockabillies romanos (e fiorentinos, e napolitanos, e sicilianos...) de periferia, na linha *Accattone*, de Pasolini. Arremessou à pira olímpica "The Wild One", "Great Balls of Fire" e "Whole Lotta Shakin' Goin' On". Terno preto, mocassim branco. Tocou com o pé direito, com o traseiro, arregaçou as mangas no meio do set, desafiou toda a arena para um combate até a morte. Ainda tem o estofo de que são feitos os imperadores — bárbaros ou "civilizados".

Fats Domino — emérito gastrônomo (carrega pelo mundo o cozinheiro particular, faz refeição completa a cada três horas) — provocou lágrimas com "Blueberry Hill". B.B. King — o eterno Moby Dick black com alma de santo — mais uma vez foi para a cama com a grande mulher de sua vida, Lucille, em "Let the Good Times Roll" e nos solos de blues em harmonia com as Forças da Natureza.

Depois, vieram os trovões e os relâmpagos. O festim dos imperadores. Os Ulisses, Teseus, Alexandres, Césares, Calígulas, Michelangelos e Beethovens da música pop novamente forjando — como bestas vorazes — o seu Santo Graal pagão. Grandes, enormes bolas de fogo escaparam da fossa de leões da Roma pós-moderna, dissolveram-se no céu e entraram para a história do rock'n'roll — esse desejo selvagem, bárbaro, incorruptível.

Pepe Escobar

... Jerry Lee Lewis levou à catalepsia os rockabillies da periferia local

FELA KUTI

O verdadeiro presidente da Nigéria

Fela conduz seu povo à liberdade através da música e discursos sem firulas

Orfeo (Milão) 16/11/88

Toda sexta-feira, Fela Anikulapo Kuti toca no Jazz 38, em Lagos, Nigéria. Em outubro de 88, completou 50 anos. No meio do show comemorativo, mandou um recado para as antenas parabólicas do mundo: "Ainda não estou velho. Ainda faço amor". Encarcerado por um bárbaro regime militar, solto pelo genêral Babangida — que comanda o subseqüente e atual regime militar —, Fela também anunciou que não vai participar das eleições de 1992, quando os nigerianos vão escolher entre os militares e os civis. Obstinado, agressivo, aventureiro, um definitivo *hit* entre o sexo feminino, Fela é o escorpião na bota do regime militar nigeriano: "Não vou votar. Estarei em outro lugar e vou lançar minhas bombas musicais para informar ao mundo de que gênero de classe política somos escravos". Suas ameaças ao regime são contínuas: "Haverá uma revolta, pacífica ou violenta, se as coisas não mudarem rapidamente".

A Europa é a tribuna privilegiada para as bombas musicais de Fela. Uma performance de Fela é um verdadeiro *evento*. Começa quando ele quer. E só termina se existe um horário rígido a respeitar (sempre, no que tange a Italietta pequeno-burguesa). Já a chegada de sua tribo a um show como esse é um espetáculo à parte. Estavam em quatro hotéis diferentes. Uns se perderam pelas ruas da cidade. Outros foram para um bar. Outros foram a uma pizzaria. Outros ficaram passeando com rumo incerto. De vez em quando, aparecia um no teatro, com seus instrumentos. Mas Fela — o Black President nigeriano — não: chegou uma hora antes do início programado, para dar o exemplo. A tribo não é muito obediente ao Black President. São ao menos 50, entre músicos e acompanhantes. Homens, mulheres e crianças em número decrescente. Pelo menos, 40 acabam no palco: 20 da banda (incluindo 5 saxofones, um mega-sax, 4 trompetes, 5 backing-vocals e 7 dançarinas) e alguns extras. Todos têm estampado no peito o mapa da África.

Um ritual hipnótico — Fela conduz à liberdade total, ao som de ritmo e feeling em estado puro. Uma composição arquetípica de Fela é um tormento repetitivo que induz qualquer mortal a um estado de zumbi matemolente. Fela assume a figura do sacerdote xamã que canta falando e fala cantando — enquanto a megassessão de metais ataca riffs flamejantes, coristas bailam com os traseiros em velocidade estratosférica e a selva percussiva engendra um bordel do qual ninguém se subtrai. O ritmo é implacável. A anarquia é generalizada. Fela — como uma águia — dirige essa macumba com carisma imaculado, passeando de um lado a outro do palco, fumando um cigarro atrás do outro, aceso pelos seus adeptos no backstage. De vez em quando, ataca riffs ao piano.

Depois de uma hora, qualquer espectador dessa demência transporta-se para o coração das trevas africanas. Aos mais sintonizados, baixa o santo com todo o seu esplendor. A música aflora com irregularidade. Quando assume densidade, revela todo o seu fascínio. Tivemos "apenas" três músicas — na verdade três jams intermináveis de mais de 40 minutos cada, uma das quais o clássico "U.S.", que na cosmologia de Fela significa "Underground System", e não "United States". A orgia de kitsch, primitivismo, ritmo e vitalidade absolutamente demencial não oblitera as mensagens essenciais. Fela avisa: "Não vamos deixar que os ingleses nos colonizem novamente". Reafirma aos italianos que seu objetivo é uma África Unida. Saúdam a platéia com os dois braços para o alto e os punhos fechados. E, sob a fornalha do ritmo, a rumorosa e indisciplinada tribo do Black President encadeia o eterno retorno de uma idéia-chama: um prazer polimorfo como arma de conscientização política.

P.E.

MILTON NASCIMENTO

As Gerais de Milton são o mundo

Milton trouxe de volta e para perto sua voz e canções, perdidas nas distâncias dos grandes palcos

Olympia (SP) 02/12/88

De algum tempo para cá e mais, no caso do Brasil, depois que políticos se apoderaram de sua "Coração de Estudante", Milton Nascimento vinha dando shows para platéias cada vez maiores, em estádios. Se este tipo de apresentação empolga pela participação popular, o público perde pela qualidade de som disponível e pela falta de um outro tipo de contato e comunhão, mais íntimo, com seu ídolo. Foi como no caso do show da Anistia Internacional, em que Milton, aos olhos de quem estava nas arquibancadas, media mais ou menos polegada e meia. Como Milton não é propriamente um ídolo pop, como o são Bruce Springsteen ou Peter Gabriel, muita gente, como eu, que cresceu vendo o cantor em locais pequenos desde o começo da década de 70, saiu insatisfeita. E foi, portanto, com a maior sede ao pote ver Milton se apresentar depois de muito tempo em local mais adequado, menos massivo (apesar da lotação nada desprezível de cinco mil espectadores, no Olympia).

Valeu a espera. Como valeu. Pat Metheny e Herbie Hancock, as estrelas (a primeira, para mim, de gosto duvidoso) que lhe faziam companhia em seu último LP, *Miltons*, não fizeram a menor falta. Como sempre, Milton estava escorado no magnífico baterista Robertinho Silva (que trouxe para se juntar a ele em uma impecável e embasbacante cozinha seus filhos Ronaldo e Wanderlei) e ainda nos teclados de Túlio Mourão e no baixo de João Baptista.

Milton, que alcançou recentemente a grande glória de virar enredo de escola de samba (no caso, a Unidos de Cabuçu, do Rio), abriu seu show com "Maria, Maria", lembrando que "é preciso ter força, é preciso ter raça". Foi o que se viu durante todo o tempo em que ocupou o palco. Acenou para Paulo Ricardo, do RPM, sentado numa mesa colada ao palco e babando, extático, quando cantou "Feito Gente", que gravou com ele. Moreno, que temperou a cor embaçada de platéias delirantes até mesmo na longínqua Dinamarca, mostrou com seus competentes passeios musicais, frutos de estrada, perambulação e estudo, uma lição acabada e emocionante deste gênero que chamamos de world music. Em Milton há Minas e nas Minas de Milton há de tudo. Ele inventa o caos e habilidosamente o trabalha e o reconduz às águas serenas do cais, que inventou para quem quer se soltar. Nem é necessário aqui desfiar música por música. Elas impressionam, e o todo impressiona, numa harmonia construída da tensão de perfeitas peças.

José Eduardo Mendonça

CHANCE

Autonomia e alienação

Márcia Mont Serrat: uma das muitas nuances da voz, música e cores do Chance

Dama Xoc (SP) 29/10/88

Existem grupos que procuram agradar o maior número de pessoas possível e outros que buscam atingir da maneira mais profunda o seu público, mesmo que isso signifique negar as vantagens do estrelato pop.

O Chance faz parte desse segundo time. Eles trabalham com texturas delicadas e um espantoso uso dos graves, o que confere a sua música uma outra carga emocional. Essa característica foi prejudicada, neste show, por três fatores básicos — e provavelmente alheios à vontade do trio —: o som baixo, que rompe o envolvimento com a platéia; o calor, que às vezes torna sufocante a música (onde está o ar-condicionado do Dama Xoc?); e o uso de uma bateria eletrônica, provavelmente uma Roland 707, de timbres limitados e amplamente utilizada em jingles e trilhas de comerciais. O que acontece aí é que a limitação da bateria, combinada ao piano, faz tudo parecer um pouco a mesma coisa, escondendo as boas linhas que Angelo Barcellos extrai do marfim.

À frente, temos o vocal monocromático e quase falado de José Augusto Lemos (também teclados e guitarra) e as muitas nuances da excelente cantora Márcia Mont Serrat, que também ataca nos teclados e guitarra. Tudo isso, mais uns bôings (boom tschack) e outros ruídos sampleados, compõe a intrincada textura das músicas do Chance.

O show, que começou etilicamente confuso, foi ganhando em envolvimento, criando o clima necessário para a boa compreensão da proposta do grupo, e atingiu seu ponto máximo no mix de "Você É Moda" e "Madame X" — esta última lançada na coletânea *Não São Paulo I*.

Além disso, eles demonstraram extremo bom senso em fazer um show no tamanho exato (cinco ou seis músicas razoavelmente longas) para uma platéia um pouco preocupada apenas em dançar. A utilização de vídeos produzidos pela própria banda é outra marca que acrescenta em muito o trabalho do trio. Utilizando-se da técnica de multimonitores sincronizados, o Chance faz uma leitura metalingüística do universo do disco, com cores e ritmo.

A certa altura do show, Márcia fala sobre as raras apresentações do grupo e os eventuais problemas com o equipamento de som. Normal e normal. Um conjunto como o Chance não é para qualquer cérebro e depende de fatores geográficos e culturais para ser compreendido. Isso quer dizer: uma banda fora do universo pop, que consegue ter uma linguagem própria, envolve e hipnotiza os que conseguem decifrá-la e, além de tudo, que tem uma característica de Terceiro Mundo, já que utiliza ritmos brasileiros em meio à parafernália eletrônica.

Carlos Eduardo Miranda

CLÁUDIO ZOLI

Dama Xoc (SP) 11/11/88

Certos grupos são incapazes de reciclar suas mais marcantes influências. Em muitos casos, quando a camuflagem é impossível, a imitação torna-se trágica. A banda que acompanha Cláudio Zoli é formada por músicos de primeira linha, todos competentes, mas que parecem não saber com quem tocam. Provavelmente cada um deles ouviu todos os discos de David Sanborn e de Grover Washington Jr. — os maiores expoentes do jazz-muzak — e seguramente adorariam acompanhar um deles. Parecem tocar standards o tempo todo, seja lá do que for: funk, jazz-fusion, reggae. Se cantassem, pareceriam mais uma "Placa Luminosa". Como não cantam, nem reluzir esta placa consegue.

O próprio Zoli não aparece com muito destaque no palco, apesar de sua avantajada estatura. A técnica com que toca sua guitarra é a coisa mais curiosa do show: ele não usa palheta, mas mantém o polegar e o indicador colados, como se segurasse uma. Quando não tenta solar, imprime uma batida surpreendente, carregada de suíngue, que injeta um pouco de ânimo na platéia — já cansada de aguardar o grande momento. Na verdade não há grande momento, pois Zoli queima seus cartuchos logo no início, emendando "Criminoso Sutil" (carro-chefe de seu recente LP) e o hit "A Noite do Prazer" (que o consagrou ainda nos tempos do Brylho, com o inesquecível refrão "Na madrugada a vitrola rolando um blues, tocando B.B. King sem parar..."). Daí pra frente o show se arrasta.

A tragédia fica mesmo nas covers. "Azul da Cor do Mar", de Tim Maia, é suportável na voz de Zoli, mas a versão que Cláudio Rabello fez para "What's Going On?", de Marvin Gaye, é um desastre. Traduzi-la, por brincadeira, para "Não Foi em Vão", tudo bem. Levar isso a sério já é demais. *Celso Masson*

HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Aeroanta (SP) 18/11/88

Os Heróis da Resistência poderiam facilmente passar desapercebidos como mais um grupo pop-brega-descartável, seguindo a trilha aberta tempos atrás por coisas como Roupa Nova e Rádio Táxi — que vendiam milhares de cópias antes mesmo da explosão do rock brasileiro. Afinal, a única diferença entre o grupo de Leoni e os seus antecessores é que este último decidiu vestir seu trabalho com uma falsa imagem de sofisticação — vide a (belíssima) capa do disco recém-lançado, *Religio*, lembrando os bons tempos do Roxy Music. Mas um produto dificilmente se sustenta apenas pela embalagem — ainda que amparado por um fortíssimo esquema de divulgação. E é isso que fica bem claro nessa apresentação no Aeroanta.

Musicalmente, os Heróis não ultrapassam os limites do medíocre — embora o coquetel funk-reggae-balada-pop-brega seja eficientemente executado por Jorge Shy (guitarra), Cadu (bateria) e pelo próprio Leoni no baixo. As coisas pioram sensivelmente quando se presta atenção nas letras (?) de Leoni. Um desfile de melodramas açucarados e reflexões vazias recheiam canções como "Silêncio", "Contato" e "Sujeito Oculto" ("Então me traia sempre/Me traia enquanto eu durmo/É tudo que nos resta/Meu irmão, meu duplo..."). Como se não fosse o bastante, o ex-abelhudo comporta-se em cena como um clone mal-acabado do ex-sex símbol Paulo Ricardo. Fingindo exercer um carisma que não existe, ele dança de costas para a platéia, dá cambalhotas, faz discursos pseudofilosóficos sobre as dificuldades da fama e chega a descer do palco na esperança de que a platéia tente rasgar (mais) as suas roupas. Toda essa *mise-en-scène* serve apenas para realçar o sentimento geral de tédio — só quebrado com a ressurreição dos hits "Fixação", "Lágrimas e Chuva" e "Exagerado". Esta última, uma parceria de Leoni com Cazuza, é prova de que nem tudo está perdido: bem acompanhado, Leoni pode até chegar a ser um bom compositor. *M. A. G.*

SEPULTURA

Técnica, agressividade e peso

Andreas e Max mostrando porque o Sepultura põe o galero em delírio

Dama Xoc (SP) 13/11/88

Domingo é o dia mais monótono da semana e raramente há algum evento para quem gosta de música pesada. Com o fechamento do Mambembe (SP) — o único que dava espaço para o estilo —, parecia que as coisas iam ficar ainda piores. A moçada heavy, bem como o público de bandas hardcore, precisava de um novo espaço. E o Dama Xoc, desde meados de novembro, abriu as portas a esse tipo de som.

Inesperadamente anunciaram a vinda do Sepultura, de Belo Horizonte, para tirar a virgindade da casa, até então sem nenhuma marca metal. Às vésperas da gravação de seu quarto LP, o famoso quarteto mineiro prometia um show de porte internacional.

Com os habituais problemas de atraso, o público já se aglomerava na bilheteria pouco antes das 6, horário previsto para a abertura. Quase 8 horas e cerca de 700 pessoas já circulavam pela pista e pelos bares, ao som próprio do dia. Rodava de Dokken a Metallica, o que surpreendeu muita gente, além de deixar uma boa impressão no público, acostumado a lugares onde não se leva em conta que eles estão ali para ouvir metal, seja com ou sem uma banda no palco.

Já era quase 9 horas. Muito gelo-seco cobriu todo o palco, criando uma expectativa ainda maior. Sob uma iluminação perfeita e uma introdução de teclados, eles abriram a noite com sua música mais conhecida, "From the Past Comes the Storms". Grande parte da platéia, pelo menos os mais entusiasmados, entrava em delírio. E os seguranças já começavam a ter trabalho com os mergulhadores de palco.

O som rápido e brutal do Sepultura, conduzido pela eficiente bateria de Igor e uma experiente presença de palco, satisfazia a todos os gostos presentes. Várias músicas do último LP, *Esquizofrenia*, foram tocadas no primeiro set, sem deixar de lado "Troops of Doom", da fase death metal do grupo e hoje executada com mais técnica. Anunciando a gravação do próximo LP, Max (guitarra base e vocal) provocou a curiosidade da platéia ao iniciar "Lobotomy", inédita até então. Com isso já deu para ter uma idéia do que vem por aí: eles devem seguir a linha de *Esquizofrenia* — tão pesado e agressivo quanto esse LP.

Logo após, com um arranjo de teclados ao fundo, Andreas fez um curto e eficiente solo de guitarra, aproveitando bem a microfonia e finalizando *à la* Hendrix. Depois de tocarem mais uma inédita, "Beneath the Realms", eles saíram sob os berros de pedidos de bis da platéia. E voltaram para a encore com "Cérebros Atômicos", dos Ratos de Porão, para surpresa de muitos e frenesi de João — integrante dos Ratos e fã número 1 dos garotos do Sepultura —, que ajudou nos vocais. Em seguida terminaram com o habitual cover do Black Sabbath, "Sympton of the Universe", deixando no público um ar de que "foi do caralho". *Marcos Campolim*

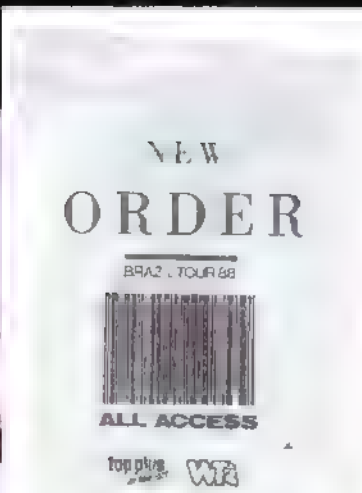
A MAIORIA DOS AMERICANOS E EUROPEUS JÁ CONHECE A QUALIDADE VERBATIM.

ESTE DISCO ESTA FAZENDO O MAIOR SUCESSO NAS PARADAS AMERICANAS E EUROPEIAS E NAS BANDAS DE CA TAMBEM A VERBATIM É LIDER MUNDIAL DE VENDAS EM DISQUETES E FITAS MAGNETICAS DE ALTA PRECISAO AQUI E LA FORA, QUEM ENTENDE DE COMPUTADOR CONHECE QUER DIZER NÃO É COINCIDÊNCIA.

AQUI, VOCÊ PODE SER UM DOS PRIMEIROS.

E COMPETÊNCIA. ESTE COMPROMISSO DA VERBATIM COM A QUALIDADE CHEGOU AGORA AS FITAS DE VIDEO. E CHEGOU DANDO UM ANO DE GARANTIA. SEJA UM DOS PRIMEIROS A CONHECER O LANÇAMENTO MAIS EMOCIONANTE DO ANO. VERBATIM. JÁ À VENDA EM DISCOS E FITAS.

Verbatim.
SINÔNIMO DE PRECISÃO EM TODAS AS LINGUAS



DIÁRIO DE BORDO DE UM PASSAGEIRO QUASE CLANDESTINO

Ou "Nove Dias de Delírio Disfarçado de Diplomacia" ou José Augusto Lemos *infiltrado na Usina Dançante Itinerante que nasceu das cinzas de uma certa banda chamada Joy Division*

O desembarque no Rio. Acima: o trio Hooky, Gillian e Steve Morris. Abaixo: Terry Mason recebe Peter Hook

(24/11/88)

São pouco mais de sete horas da manhã e já estamos — o fotógrafo Ricardo Siqueira e eu — a caminho do aeroporto do Galeão, onde o New Order deve desembarcar pouco antes das oito.

É a segunda vez que venho ao Rio este ano. A primeira foi para ver/ouvir sete noites com Karlheinz Stockhausen e sua "matemágica" troupe. Agora é a vez do New Order. Digamos que eu vim ver a História da Música Eletrônica, ou quase... (fico imaginando os Kraftwerk tomando o bondinho do Pão de Açúcar).

No ala do desembarque internacional, poucas pessoas com cara de fã-clube organizado. O venerável Millôr Fernandes com certeza veio por outros motivos. Márcia Primo e Luciana Brandão, não. Fãs das ansiosas, foram as primeiras a chegar. Pergunto se é a primeira vez que vêm "recepcionar" ídolos. Não: já estiveram aqui mesmo à espera de Renato Russo. Gostam também do Joy Division? A expressão facial é "Quem mesmo?". Não: só New Order e Legião Urbana.

Enquanto isso, já passam das onze e nada do vôo Londres-Rio que deve trazer a turma. Um loiro alto — daqueles que os brasileiros costumam atribuir o apelido carinhoso de "alemão" — está mais que impaciente, circulando sem parar pelo corredor. É Terry "Feedback" Mason, primeiríssimo baterista do Joy Division e desde então *road manager* da banda (espécie de "coordenador geral" de shows e turnês). O saguão começa a encher de jornalistas e fãs atrasados, como o pessoal de uma banda chamada Quocientes Inconformados, e outra "tecnopop, sem nome ainda", como define seu fundador Christian Lyra. O verdadeiro agito, porém, está um andar acima, no Embarque Internacional, onde — luzes, câmera, ação e um batalhão de curiosos — Raquel Accioly procura resgatar seu neto antes que o casal que o comprou decole. Penso até em gritar a "Anistia para Maria de Fátima! Ela já sofreu demais!", mas a consciência profissional me leva até o elevador e dele para ala de desembarque.

É meio-dia em ponto quando a histeria dos fãs e a correria dos fotógrafos anuncia: eles chegaram! (Observando tudo, passo por mim um carregador que cantarola: "Não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar...")

É o estilhaçar do primeiro preconceito. Tidos como "frios", "distantes", quando não "antipáticos", todos os quatro — mesmo depois de um vôo que, sem atrasos, já seria longo o suficiente para fazer Mike Tyson se perguntar sobre o sentido da vida — dispõem de paciência para autógrafos, fotos posadas com os fãs e algumas trocas de palavras com jornalistas. Eu mesmo, que cansei de ler que eles odeiam a imprensa em geral, fico observando a distância e meditando sobre a função que terei de cumprir durante mais de uma semana, a de "carrapato oficial".

Perda de tempo. New Order, empresário e equipe técnica, um total de dezesseis pessoas, já se enfiaram no ônibus. O negócio é sair voando para Copacabana, onde fica o hotel que os hospedará e onde está marcada a primeira e única entrevista coletiva de toda a turnê brasileira.

* * *

Pitoresca, mas um tanto "caída" e suja — é o mínimo que se pode dizer da paisagem no trajeto Galeão—Copacabana. O céu cinza-chumbo começa a despejar um aguaceiro. Não é, com certeza, o cartão-postal que eles imaginavam.

* * *

A vista da cobertura do Othon Palace Hotel é magnífica, a baía da Guanabara estendida lá embaixo até o ponto onde o azul do mar e o cinza do céu se encontram.

Alguns hóspedes estirados à beira da piscina estão perguntando o que significa a aglomeração de jornalistas em seu tranquilo santuário nas alturas. Reencontro de colegas interestaduais e também de alguns cretinos profissionais, é claro.

"A-ha! Você é que é da BIZZ, é?"

(Gulp, glup. O cara é de uma *daquelas* rádios.)

"Por que vocês só metem o pau em todo mundo?"

(Cristo!) Er... não é bem assim... Alguém tem de ter opinião neste país.

"Mas só falam bem dos independentes."

(Ai, minha mãe! Será que ele sabe que estamos todos reunidos esperando uma banda independente...) A gente tem um bom motivo para falar *também* dos independentes.

"Ah é, é?! E qual é esse motivo?"

Eles não têm grana para dar jabá para rádios como a tua.

(Ufa!)

A intérprete contratada avisa que não serão permitidas perguntas sobre o Joy Division. (Depois é que ficamos sabendo que essa iniciativa não partiu de ninguém da banda.)

* * *

Quem senta logo atrás de mim é o velho Jean-Yves de Neufville, que já conseguiu se apoderar de uma lista do equipamento declarado pela banda na alfândega. A grande surpresa fica por conta de um extenso equipamento de vídeo e dois gravadores multipista digitais. Ou seja, podemos aguardar mais um homevídeo do New Order provavelmente acompanhado de um disco ao vivo. Perguntados sobre isso, dizem que não, que é para registro pessoal (o que os Sony digitais obviamente desmentem).

Quando o quarteto chega para a entrevista, o céu cinza-claro começa a rasgar e, em cerca de meia hora, o céu está todinho turquesa. *Touched by the hand of God, indeed.*

* * *

Depois de uma sessão de fotos à beira da piscina, eis os quatro sentados diante de nós. Da esquerda para a direita:

Peter Hook, amigo de infância de Bernard. O mais expansivo dos quatro, barba por fazer, dado a couro preto, o baixista que toca com o instrumento mais perto do joelho e que criou o estilo exótico de um baixo "agudo" e melódico, também especializado em martelar seu *octapad*, aparelho percutível que dispara timbres sintetizados e *samples*) nos breaks de "Blue Monday" e "Perfect Kiss".

Bernard Sumner ou Barney, para os "íntimos". No JD, escondia o verdadeiro sobrenome sob Dicken e, depois, Albrecht. Vocalista de voz frágil, o substituto de Ian Curtis ao microfone, e guitarrista de um estilo simples mas inconfundível.

Stephen Morris, baterista *extraordinaire* — como os três anteriores, surgiu no Joy Division com um enfoque totalmente original de seu instrumento, que veio se tornar um dos melhores programadores de *drum machine* do planeta. Um dos seres mais tímidos e humildes da raça humana, junto com

Gilian Gilbert, sua companheira, convocada para os teclados pouco depois de Ian Curtis tirar sua própria vida, encerrando por tabela o capítulo Joy Division.

Peter Hook: "Não sabíamos tocar nada quando começamos. Por isso chamamos Gilian. Ela também não sabia."

À esquerda: Steve Morris enfrenta o sol dos trópicos na cobertura do Othon Palace Hotel. À direita, Barney e Hooky interceptam a passagem de som no Maracanãzinho

À esquerda: o quarteto de Manchester perfilado para a coletiva carioca. À direita, Barney "Rubble" Sumner em sessão de autógrafos no ato de desembarque

* * *

Na coletiva, ficamos sabendo que eles até que tem *muita* paciência com a imprensa.

Presentes escreveriam depois sobre "frieza" e "ironia" e realmente existe uma distância — o confronto Joy Division/New Order x imprensa sempre foi inevitável — e essa distância provoca conflitos. Barney, quando ainda Albrecht, chegou a dizer numa entrevista: "Não julgamos se o JD tem sucesso pelo número de discos vendidos ou pelo número de espectadores que vêm nos ver. Julgamos o sucesso do JD avaliando se as canções que fazemos são as canções que queremos fazer."

Agora imagine alguém aqui com a reclamação de que a mixagem dos vocais é tão baixa que não dá para entender trechos da letra. Steve Morris e, diplomático: "Nem publicamos as letras no encarte porque elas e os vocais não têm nenhuma hierarquia superior aos outros instrumentos", Peter Hook. "Nós não mixamos para vocês, nós mixamos para nós" (ou: "de acordo com o nosso gosto e a nossa vontade").

Outra pergunta espoucada na coletiva, que aliás, deixa transparecer certa concepção que às vezes parece natural num país em que a maioria "avalha" a pobre Fatima e a rica Odete como os viloes da história. Essa pergunta veio logo depois de Barney ter respondido a anterior, "Por que vocês nao gostam de dar entrevista?" ("Se voce da muitas entrevistas, perde um tempo precioso e ainda tem de ficar se repetindo.")

Ai... um, dois, três — fogo!

"Se vocês são antipaticos assim com a imprensa, como explicam a admiração que a critica inglesa tem por vocês?"

Peter Hook. "Porque nós somos bons" (uma pausa de puro silêncio em que ele provavelmente começa a achar que pode soar um tanto arrogante, para depois emendar "Nos trabalhamos para isso").

Esta leva o "Troféu de Pergunta Mais Interessante". Já o de "Pergunta Mais Imbecil" vai para o franco-atirador de "Não sei se eles sabem, mas o espiritismo é uma religião muito forte no Brasil... Então, eu queria perguntar se eles acreditam que os mortos dançam". Além de inconveniente, espertinho, como indica a intenção de citar a dupla Dead Can Dance. Seria o mesmo que perguntou a Bob Smith qual dos membros do Cure era "a Mary"?

Foi o único momento em que um deles perdeu a paciência e se levantou da mesa: Bernard. Mas alguns minutos depois ele já estava de volta, ficando até o fim.

De aproveitável, ficamos sabendo que o novo compacto, com as músicas "Fine Line" "Don't Do It!" e "Fine Time", estava saindo naquele dia na Inglaterra. O guitarrista exibe a capa, com a habitual classe de Peter Saville, comprimidos e cápsulas numa foto de cores fogosas. O LP só sai em janeiro, com o nome *Technique*. Já o disco solo de B. Sumner e J. Marr está parado desde "abril, mano". Impossível saber o que vai acontecer com ele.

* * *

Encontrar pela primeira vez pessoas que, através de uma forma ou outra, tiveram uma presença sentida durante anos de nossas vidas — que também senti com Jorge Ben, David Byrne e Brian Eno — provoca sensações perturbadoras. No inglês dos EUA, diz-se "Starstruck". As vezes, acontece de a gente só engasgar e ter dificuldade para pensar e/ou falar. Na maioria delas, o mito ou fantasma obviamente é desmentido pelo ser em carne e osso.

Desta vez, eu saio pela rua surpreso com o bom humor e a espirituosidade dos quatro, e comovido com sua simplicidade e humildade, daquelas que certas pessoas já tiveram de escalar o Tibet para encontrar e cuja residência mais improvável é o ego de um rock star.

Ainda por cima, o Rio estava numa semana das mais privilegiadas, ali mesmo, pelas artérias de Copacabana, o FestRio corria solto. Logo mais, uma exibição de *The Dead*, o último filme de John Huston (outro que não precisou ir até o Tibet), extraído do conto de Joyce e que culmina com um solilóquio em torno da morte, desfiado numa madrugada de neve, passada a Ceia da Epifania.

Dois quarteirões fora do cinema e paro de me perder no monólogo d'*Os Mortos*, porque me vem como um raio a ausência presente, permanente, a ausência gritante de um morto específico. E lembro de Tony Wilson, no escritório da Factory, citando a letra de "Heart and Soul": "Tomem vocês meu lugar no confronto final/ Ficarei assistindo com olhar cheio de pena". E os néons de Copacabana brilham numa noite tropical, quente, agradável, deliciosa. E eu vou para o hotel.

* * *

Fico pensando nos mortos (John Huston, Ian Curtis) e nos sobreviventes (o New Order, nós) e não consigo parar.

No passagem de som, Gillian e Steve conferem programas

Começo a admirá-los — o New Order — como músicos e criadores ainda mais. Superar uma perda destas, lapidar "uma mudança de velocidade, uma mudança de estilo", dominar a eletrônica musical de sua primeira até a última geração, permanecer onze anos num selo independente e — ainda assim — ir conquistando o mercado mundial através de pop puro na perfeição da simplicidade e na concisão do essencial. Pop doce na melodia, hipnótica — como um "Baby Love" nos anos 60 — e rico na multiritmia possível de um 4/4 — como o creme do creme do pop negro americano. Tudo isso numa série de *singles fatais* como "Everything's Gone Green", "Temptation", "Blue Monday" (um dos clássicos de programação nítrica na década do hip hop e da *house music*), "Thieves Like Us", "Subculture", "Perfect Kiss" e "Bizarre Love Triangle".

Uma banda, enfim, não só subestimada pela mentalidade "O Solo Mais Rápido d'Oeste" como mal-interpretada pelos que dizem que o JD é que era "sério" e "anticomercial" como desconhecida pelos próprios fãs que nem sabem o que/quem foi o JD. (Quando mencionei o caso do aeroporto ao empresário, ele disse: "Nos Estados Unidos é a mesma coisa".)

Quanto ao "dançável", existe ainda um preconceito de fundo racista que permanece em alguns corações e mentes parados nos anos 70, mais exatamente num conflito "ideológico" chamado rock x discotheque. Cobraram essa "virada de casaca" da banda tanto na coletiva do Rio como na segunda que aceitaram, por fim, conceder em São Paulo.

Barney respondeu, se repetindo (ver BIZZ n.º 18), "Foi Ian Curtis quem nos apresentou 'Trans-Europe Express' em 78". Na coletiva de São Paulo, Hook explicou que foram trabalhar com Arthur Baker e John Robie (produtores de Afrika Bambaataa) porque haviam gostado muito do que eles tinham feito com a música do Kraftwerk. Mas nem todo mundo ali sabia que essa música era "Trans-Europe Express", de onde a dupla extraiu a melodia para aquele *single* que é um divisor de águas nos capítulos do rap e do hip hop, "Planet Rock", com Afrika Bambaataa & the Soul Sonic Force (1982). Garimpadores de sebos, fiquem tranquilos, ambos os discos saíram no Brasil. Já a "versão" do New Order para a melodia do Kraftwerk pode ser encontrada em *Power Corruption Lies*: "Your Silent Face", por isso mesmo batizada também de "KW I".

Tanto a música alemã quanto a música africana têm muito a nos ensinar, e esse quarteto de Manchester, GB, não prima pela exclusão de nenhuma das duas. Ritmo, melodia, matemática aplicada.

* * *

Antes de assistir à montagem do palco e à passagem de som no Maracanãzinho, um pulo rápido ao escritório carioca da WEA para uma escutadela no compacto com "Fine Time" e uma espiadela no clip correspondente. Com forte molho *acid house* e um fraseado de *clavinet* que lembra o clássico riff de "Superstition", "Fine Time" no último volume não derruba as encostas rochosas do Jardim Botânico por milagre. (Perguntado, na coletiva, se havia influência *acid* em *Technique*, Bernard respondeu com um gesto de "só uma pitadinha". Vai ver então que está toda concentrada nessa faixa.)

Lá no Maracanãzinho, Jason — técnico de som — está ficando louco com o eco de mais ou menos oito segundos que a redoma metálica do ginásio reflete. E equaliza daqui, equaliza dali e... não há remédio, por mais *high-tech*. Pouco depois de ajustes na medida do possível e dos mades terem tudo armado e aceso, os quatro vão chegando para a passagem de som.

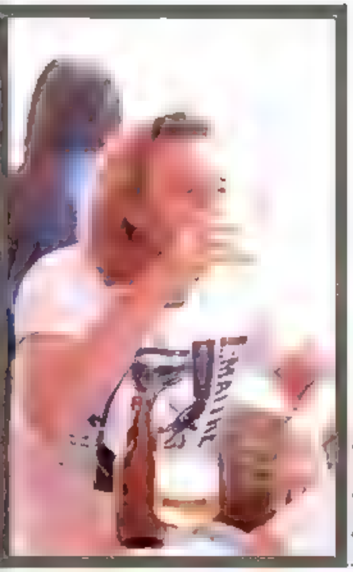
Jorge Rosemberg Azul

DÉCADAS (1978-88)

PERDAS E CONQUISTAS

UM PAPO COM PETER HOOK

O vôo 931 da Cruzeiro está deixando o aeroporto de Porto Alegre em direção a São Paulo. Na poltrona ao lado, a afável presença de "Hooky" — como ele é chamado pela entourage. O único integrante da banda sem uma "timidez criminosa" (como diria Stephen Patrick Morrissey) o baixista do New Order tem até a simpatia de pegar um superWalkman com o técnico de luz, na outra poltrona, depois de dar uma olhada no gravador que eu havia trazido ("This is pre-historic, wait a minute...")



À direita: El Hook contempla a paisagem brasileira pela primeira vez. À esquerda: pausa para uma loura gelada à beira da piscina

Você estava contando que aquele "Guitar Nero" nas tuas caixas de retorno (Hook começa a rir) era uma homenagem a Steve Jones, que tinha o mesmo escrito nas dele.

A homenagem é aos Sex Pistols como um todo.

Poderia contar alguma coisa sobre aquela época em Manchester, desde o show dos Pistols em si. A cena punk de Manchester foi muito... Depois dos Sex Pistols, todas as melhores bandas pareciam vir de lá — do Fall e Buzzcocks e John Cooper Clarke...

Suponho que foi um ótimo começo, era um momento ótimo. Bandas que começaram naquela época e ainda estão aí ou duraram bastante, o que é bom também... Não como outros lugares... Havia outras cidades com bastantes bandas, como Leeds... Em Manchester, foi mais durável. Só os Buzzcocks não duraram muito.

Conte então sobre o show dos Pistols em Manchester.

Eles fizeram quatro. Bem no comecinho, só em Manchester. Custava 50 pence para entrar, algo como 400 cruzados — entrevista feita em 29/11. *Nos dois primeiros shows, não havia quase ninguém... Entre 50 e 75 pessoas. Aí veio uma forte onda de propaganda contra — com o programa de Bill Grundy... Não sei se você sabe o que é, é um show de TV, eles foram e disseram um monte de palavrões no ar... Depois disso, ficou barra... Foi aí que começou a ir para o brejo. Mas era uma época boa, e tudo muito novo para nós, que estávamos começando como músicos. Não sabíamos nada, não conhecíamos ninguém. Então era estimulante encontrar pessoas com quem tínhamos algo em comum. Antes, a única coisa em comum era sair para beber. Tínhamos um assunto a mais para conversar. Isso é ótimo.*

E que tipo de música você ouvia antes disso tudo?

Para falar a verdade, não ouvia muita música. Passei por uma fase heavy metal, basicamente Deep Purple, Groundhogs, Led Zeppelin. Nunca me preocupei muito com música. Foi Ian Curtis, na verdade, quem nos apresentou à música: aparecia nos ensaios trazendo seus discos do Velvet Underground, dos Doors, e dizia: "É isso que vocês deviam estar ouvindo!"

Você e o resto da banda se conheceram...

Eu e Barney estudamos juntos desde os 11 anos de idade. Conseguimos Steve através de um anúncio e costumávamos encontrar Ian nos shows, era um rosto constante nos shows, frequentávamos os mesmos lugares. Foi assim.

Dá para dizer que Manchester tem uma "personalidade musical"? Você falou das bandas de Leeds, e a Gang of Four e os Mekons têm algo em comum, assim como as bandas de Sheffield, as eletrônicas, principalmente Human League, Heaven 17, BEF, Throbbing Gristle, Psychic TV etc... Você acha que Manchester tem a sua identidade?

Ahhhm... Acho que sim. Do Joy Division aos Smiths, há uma relativa... lugubridade. Não sei se é isso, é difícil descrever... Mas há, sem dúvida, um fio de melodia que passa pelo Fall, pelo Joy Division, pelos Smiths. Como um cordeiro... Mas talvez seja aí uma coisa superestimada, como no caso dos Smiths, quando as pessoas dizem "Oh! Que lúgubre!!" Não acho que seja particularmente correto dizer isso deles. As pessoas têm uma tendência a generalização quando não conhecem algo por dentro.

Sinto isso na música, mas não senti na cidade.

É o que eu tava dizendo... trata-se de uma generalização. Dá para entender como chegam a ela, mas talvez seja só uma questão de haver maior seriedade, não ser uma música descartável.

"Ceremony", o primeiro compacto do New Order — e também algumas faixas de *Movement*, como "Dreams Never End" — tem um certo sabor Califórnia (Hook já está rindo), das guitarras aos vocais... "florais", como nos Byrds. Ao mesmo tempo, a eletrônica começa a ter maior presença. Como foi, nessa época, a procura de uma nova identidade musical?

Não sei dizer ao certo, mas foi bem esquisito... "Ceremony" e "In a Lonely Place" eram ainda músicas do Joy Division... Já Movement *foi a primeira coisa que fizemos do zero. Não consigo explicar a transição, porque não ficamos sentados, dizendo "vamos fazer isso" e "vamos fazer aquilo", o que fizemos foi meter a mão na massa. Tínhamos pouquíssimo tempo para compor, pois era importante para nós não parar, e também porque tudo o que aconteceu foi tamanho choque que tínhamos de nos manter ocupados. Por isso que fomos gravar o mais rápido possível. E até hoje o único LP que fizemos assim tão rápido. E isso transparece... Ficou um pouco confuso em certas partes. Mesmo assim, acho um bom disco. A produção, bem... foi nossa primeira grande briga com Martin Hannett. Não acho uma boa produção. O que tínhamos em mente era muito mais pesado e* hard*, e ele fez bem leve. Mas gosto muito de faixas como "The Him", "Doubts Even Here", "Dreams Never End".*

É uma das minhas favoritas. Junto com "Truth".

Ah! "Truth" é muito boa. Minha tendência é não gostar de uma canção do começo ao fim, e sim gostar de determinados trechos. "Truth" tem alguns dos meus trechos favoritos: bem no meio da faixa tem um dos meus trechos favoritos de todo o New Order.

Bem... depois da coletiva no Rio, e dos shows lá e em Porto Alegre, confesso que todas as minhas expectativas foram quebradas.

Por quê?

Tudo que eu tinha visto, além de alguns clips, eram os vídeos *Taras Schevenko* (ao vivo em Nova York) e *Pumped Full of Drugs* (ao vivo em Tóquio).

Faz tempo...

O que aconteceu?

(Hook começa a rir.)

Não esperava gélido, mas não imaginava tão quente. Aconteceu gradualmente?

A passagem de som no Maracanãzinho: Peter "Born to Be Wild" Hook e sua roadie Jane, uma estonteante versão britânica e morena de Sigourney Weaver, que arrebatou corações locais

Sim. O que sempre digo sobre isso, é uma questão de segurança. Dependia muito de Barney: assim que ele começou a se sentir seguro e confiante como cantor, transmitiu isso para todos. Foi um processo longo. Até ele se convencer de que era bom... Nós sabíamos que estava tudo bem, mas ele demorou um tempo para conseguir sentir isso. A grande qualidade de Ian Curtis era que tinha total segurança e confiança, tinha absoluta convicção do que estava fazendo e, quando se tem isso, nada pode dar errado. E Barney ficou tão frágil no começo... Dava para sentir no ar. Agora está bem mais solto.

Em ambos os shows aqui, certas canções foram bem alongadas, quase num clima de *jam session*.

Ha ha. Acho que vamos descartando-as enquanto tocamos.

Bem alongadas.

O legal disso é que, se você está se sentindo bem, as músicas saem mais longas.

O que eu ia perguntar: como vocês conciliam improvisação e pré-programação? Porque não é fácil fazer isso com essas máquinas todas.

Bem. Só em algumas canções. Em outras, a única coisa pré-programada é uma linha de baixo e um bumbo. Dá bastante liberdade.

Vocês não trabalham, então, com "canções pré-programadas, com começo, meio e fim"?

Existem algumas assim, existem outras sem quase nenhuma programação. Depende da canção. Numa canção muito eletrônica, há realmente pouco espaço para a improvisação, a sua parte é limitada. Mas nas mais acústicas, tudo depende de como estamos nos sentindo. É bom ter dos dois tipos, é um bom contraste.

Uh-huh. É uma das grandes qualidades do New Order, eu acho, conhecer as dosagens certas de acústico e eletrônico.

(Começa a rir outra vez.)

É bom usar as duas coisas. O problema com o lado "tecno" é que, com as máquinas tocando, não dá para "rasgar" quando se tem vontade. A vantagem das acústicas é que, se você se sente bem, pode tocá-las mais rápido, se você se sente mal, pode tocá-las mais lentamente. Se é a máquina que está regulando o andamento, não dá. Às vezes a gente tem de se controlar, em outras a música parece rápida demais. Depende de se você está cansado ou não... Depende de como você está se sentindo.

Você disse que foi Ian quem apresentou a vocês o Velvet Underground e os Doors. Mas, ao mesmo tempo, ele parecia ter uma obsessão por tudo que era alemão.

Yeah. Eu e Barney pegamos isso mais pela imagem, no começo. As pessoas foram rápidas demais em associar isso à música. O rigor, a austeridade, as sombras da música se encaixavam muito bem nisso, a imagem nazista. É uma daquelas coisas que, depois que você começa, nunca mais consegue se livrar delas. Hoje mesmo, onze anos depois, as pessoas continuam dizendo isso. Parece que não fizemos mais nada depois. Virou um clichê.

Outro fator de admiração é... Bem, veja o que

Um dos pontos altos do show carioca, "Blue Monday", com Hooky pontuando os breaks martelando sua octapad (percussão eletrônica)

aconteceu com os Doors após a morte de Jim Morrison. Vocês não só sobreviveram, fizeram muito mais, definiram toda uma nova identidade, um novo som.

Seria interessante saber por que os Doors não conseguiram. eram sensacionais musicalmente.

Grandes músicos, sem dúvida.

Não consigo entender por que. Deve ter sido por motivos pessoais. Para nós, nunca houve nenhuma dúvida de que deveríamos continuar. No caso deles, não sei se acho que seria muito interessante descobrir. Basicamente, o que fizemos foi não desistir. Felizmente, tudo deu certo.

E a cena musical na Grã-Bretanha de hoje? O que você acha? Da *acid house* a Stock, Aitken & Waterman? Por outro lado, o punk parece ter fechado mesmo um ciclo.

O que eu acho legal na acid house é justamente a recuperação do espírito punk. Como quando o punk começou, há uma movimentação coletiva em torno, estimulando pessoas que normalmente jamais gravariam um disco eu faríam alguma coisa a gravar, a fazer algo. Isso é muito bom. Mas, ao mesmo tempo, o que está acontecendo agora na Inglaterra é que está sendo cooptada como "moda". Também foi estabelecida uma conexão direta com o uso de drogas, o que não corresponde exatamente à realidade. Por isso está sendo esmagada e tomando o rumo que o punk tomou: ficando comercial e virando moda. Comercializado, ela vai perdendo o que havia de especial nela... o que é uma pena. Quanto a Stock Aitken & Waterman, eu simplesmente acho que estão grampeados numa linha que mantém a música viva — como Abba uma década atrás, o Abba era o que as Bananarama são hoje. Não há quase nenhuma diferença, a não ser na tecnologia envolvida. Não tenho muito a ver com esse tipo de coisa — quer dizer, acabo escutando, mas nunca saio à procura desse som. O problema de se viver tudo isso aqui é que a gente acaba deixando de se envolver com qualquer outra coisa.

Mas devem ocorrer aqueles momentos em que você chega em casa e quer colocar um disco.

Quando volto para casa, demora um tempão para que eu tenha vontade de colocar um disco... É a última coisa que se quer ouvir. Mas ouço bastante música, até hoje. Comprei um CD e estou comprando bastante discos laser.

Como o da Enya. Você já ouviu falar?

Enya?

Enya. Lembra do Clannad?

Lembro. O disco até saiu no Brasil.

Era a carioca. É um belo disco. Comprei o do James. Conhece James? É da Factory.

Conheço. É esse que foi produzido pelo Lenny Kaye?

É esse. Também estou com o novo do U2. Até hoje, quando ouço um bom disco, eu saio para comprá-lo. Acho que o melhor CD que comprei até agora foi o dos Go-Betweens, gostei muito. Mas no geral a impressão que se tem é de que não há muita novidade. Na Inglaterra isso é evidente.

Você tem ouvido o que anda saindo na Bélgica?

Quase nada.

Front 242?

Humm... Tem um cara que é quem faz a Factory Benelux (licenser da Factory para Bélgica, Holanda e Luxemburgo) na Bélgica. Ele costuma nos mandar bastante material. Wim Mertens. Ouvi Front 242, não é mau. Um pouco pesado, eu acho.

Tem uma outra banda, só que australiana, que eu acho muito interessante. Começaram com um som bem New Order, mas acabaram partindo para algo completamente diferente... São os SPK.

Ah sim, conheço os SPK. Tenho um cassete bem do começinho deles. Bom, muito bom, soa como um bom cruzamento entre Einstürzende Neubauten e, se você quiser colocar assim, New Order. Melodia com um pano de fundo bem pesado. Tem também uma banda que abriu um show nosso uma vez, Severed Head... Já ouviu?

Não, não.

Não, não, chama-se Severed Heads.

Ah, sim.

É muito, muito bom. Bem esquisito. Tudo mundo na Inglaterra começou agora a dizer que eles são geniais. Mas quando ouvi pela primeira vez, logo 'Bad Genius!' Conhece?

Sim.

Sempre achei ele muito subestimado. O primeiro LP é brilhante. Acabaram desaparecendo.

Há um inglês que mora em São Paulo, tocava no Dome. Não sei se você ouvia.

Não, não.

Uma banda com ex-integrantes do Wire.

Conheço!

Ele gosta muito dos Severed Heads.

Essa é uma das bandas que eu perdi no Dome.

Você já teve alguma fase de ficar ouvindo reggae?

Não, não muito. Gosto de algumas coisas como Augustus Pablo... mas nunca ouvi muito.

Desde que ouvi o Joy Division, sempre achei o teu baixo próximo do papel que o baixo desempenha no reggae — mais melódico, enquanto a guitarra fica mais percussiva.

Yeah... yeah... mas nunca foi uma influência consciente, o reggae. O jeito que o baixo funciona no Joy Division foi mesmo uma surpresa ocasional. Acho que porque, na maior parte do tempo, nosso equipamento era tão ruim. Não conseguíamos nos ouvir uns aos outros, ficávamos nos esforçando para ouvir e aí se tem a tendência a tocar mais para os agudos. Evoluiu a partir disso.

Não é essa a mágica da música?... Estar se esforçando, brigando com ela, e acabar saindo com belíssimas linhas e frases de baixo, como as das músicas do Joy Division? *Great basslines!*

Yeah... Uma pena que... quando estávamos gravando este último LP... trabalhamos o tempo todo com o mesmo engenheiro de som, Mike Johnson. Uma vez ficamos só nós dois conversando, e eu dizendo que era uma luta criar uma "linha de baixo" para uma música

MADE IN BRAZIL

Se você pensa que para conseguir estes discos era preciso viajar a Londres ou Nova Iorque, fique tranquilo.
Short / sharp shocked de *Michelle Shocked* e *the best of* de *art of noise* podem ser encontrados na loja da esquina.
E você vai ficar sintonizado com o que há de mais interessante no cenário da música pop.

Seja em Londres ou Nova Iorque

Em discos, fitas e compact disc

PolyGram

Aí ele disse "Então talvez você tenha de tocar todas as suas" (Risos) "Talvez tenha de pedir um novo lote a Deus" (Mais risos.) Livras de baixo? Talvez só haja um número finito de vezes o ponteio em que começam a ficar todas parecidas umas com as outras

Gostei muito do último single

Não diria que é das minhas favoritas, entre as faixas do LP

Você tem uma fita aí?

Não, eu não. Mas é capaz que Rob tenha, dificilmente ele vai dar para você

O que estava dizendo é que fiquei com uma ótima impressão ouvindo "Fine Time". Não tinha gostado muito de "Shellshock" nem de "True Faith" ou "Touched by the Hand of God" tanto quanto de todo o material anterior

Estou gostando mais agora que vão ao vivo, parecem ter ganhado uma vida nova para mim... O que é engraçado é você citar exatamente os três que nós não produzimos. "True Faith" foi produzida por Steve Hague, "Shellshock" por John Robie e a outra, por Arthur Baker. E se ídolo foi produzido por nós

Mas eu adoro "Confusion", que tem produção do Arthur Baker

É... é verdade. "Confusion" é uma boa canção, eu gosto. Mas foi uma das piores vendas que tivemos em compactos... junto com "Shame of the Nation". Foram os compactos que menos venderam. Mas sempre achei "Confusion" muito mais imediata que "Shame". Acho que podia ter tido uma aceitação maior

Em São Paulo, foi uma espécie de hit nas pistas de dança

É? Também é muito popular em Nova York, na Inglaterra... nada. É uma produção bem punk, bem crua, bem dia. Arthur Baker sabe ser bem mais cru que John Robie e Steve Hague, que têm um som bem mais polido. Arthur Baker é punkier. Mas Rob digitalmente se passava a pira, com medo de que seja pirateada... Não deixe as pessoas nem chegarem perto

Entendo. Não quero a fita, só quero ouvi-la

Sei... deve ser frustrante

Tenho tido um problema nos shows com as músicas novas cujos nomes vocês não anunciam. Para escrever sobre elas... Vocês geralmente tocam um bloco de duas

É verdade... para falar a verdade, não o sei por que a gente faz isso (começa a rir). Simplesmente aconteceu. Quer dizer, esses dois shows que fizemos aqui... é a primeira vez que tocamos ao vivo em um ano. Aqui chegamos a dar um show em 88, por isso estava meio enferrujado tocando o caminho musical, a música, até voltar a entrar na coisa e nos envolver. Eu mesmo achei o show do Rio meio... capenga, acho meio tático. Não tivemos muito tempo para ensaiar

Eu senti que foi crescendo até atingir um pico entre "Bizzarre Love Triangle" e "Every Little Counts"

Bem, ontem à noite eu achei bom. Bem melhor. Não sei como vai ser em São Paulo, porque, geralmente, quando fazemos shows sucessivos numa mesma cidade, ou começa uma verdadeira merda e vai e termina bem, ou começa bem e termina uma merda. Impossível quatro noites seguidas e quatro bons shows. Nunca tocamos tantas assim, é a primeira vez, por isso vai ser estranho... Não gostamos de fazer nem duas noites no mesmo lugar, tira um pouco do fio de corte. Especialmente se você for o mesmo repertório

No caso de São Paulo, é necessário. A cidade tem 12 milhões de habitantes. Vocês nunca tocaram lá. Ainda assim, deve ter muita gente que vai a três ou mesmo todos os quatro shows

(Risos.)

É engraçado. Quase todas as bandas que eu já conheci tocou sempre o mesmo repertório, toda noite... Não entendo por quê. Essa repetição me levaria à loucura

(Longo silêncio.)

Acho que você esgotou suas perguntas

É. Acho que sim

E então... quais as bandas que estão "acontecendo" por aqui?

"Ninguém conseguiria escrever a história da banda, fora nós"

Hummm... Difícil dizer, uma coisa é as que mais tocam no rádio, outra são as estimativas fornecidas pelas gravadoras, outra são as cartas que recebemos na revista... Os leitores escrevem bastante. Parece que, no momento, o A-ha é a que mais vende

Yeah? Que estranho! Deve ser muito difícil para as bandas brasileiras tentar fazer alguma coisa quando se tem um mercado inundado com música européia e norte-americana. Muito difícil

É muito difícil. Acontece também o seguinte: imagine a seguinte comparação grosseira: o Rio seria uma Los Angeles, onde estão instaladas as sedes de todas as grandes gravadoras. São Paulo seria uma Nova York, onde está a maioria das bandas alternativas e dos selos independentes

Aham?

Aí acontece de haver uma forte rivalidade, o que já dificulta bastante o acesso de bandas paulistas, mineiras e gaúchas às gravadoras a não ser que sejam "comerciais". Para piorar tudo, a crise econômica do país parece ter bebido o fundo do poço este ano. Os selos independentes abertos há dois, três, quatro anos passaram perto de fechar

Deve ser muito difícil. Quando se vê as bandas de língua inglesa rodando o mundo inteiro. Seria muito difícil para uma banda brasileira se dar bem na Inglaterra... É triste. As bandas brasileiras cantam em inglês ou...?

Algumas cantam em inglês, mas são poucas. Ao mesmo tempo..., é quase impossível excursionar até por nosso próprio país. Dá até para tocar no Rio e em SP. Além disso, os custos de uma produção decente ficam impossíveis. Todo o equipamento tem de ser comprado no mercado negro, começa por aí

Você quer dizer que não dá para comprar nem guitarras, amplificadores?

Too fucking expensive. Os instrumentos brasileiros não têm um padrão de qualidade aceitável para profissionais, com a exceção de violões e percussão

E as leis de importação, também são superproibitivas com equipamento musical?

Estupidíssimas. O que acontece, então, é que o verdadeiro boom no mercado de instrumentos musicais vai ou para os contrabandistas ou para o governo, como taxa de importação

Bem

Há também outra lei no Brasil, sobre tudo que é computadorizado, chama-se Lei Nacional de Informática. É proibido entrar com qualquer computador no país

Oh!

Porque o governo militar sempre viu os computadores como uma espécie de... como se diz?

Uma coisa underground, subterrânea, você quer dizer

Não. Como uma forma de poder. Quem tem computadores, tem poder. As pessoas favorecidas pelo regime obtiveram licenças para abrir fábricas de computadores. A... até o governo americano está tentando fazer alguma coisa contra isso. Ao todo o software passou a ser pirateado de forma. Tem gente ganhando muita grana com isso

Bem... o software musical disponível hoje em dia... é simplesmente incrível. Faz tudo ficar tão fácil

No Brasil não há nenhum

Wow

(Outro silêncio.)

Uma última pergunta: os livros que eu trouxe comigo para fazer a matéria sobre a turnê são estes (*An Ideal for Living* e *Wayward Distractions and Unknown Pleasures*). São confiáveis?

São alright, mas têm mais especulação e interpretação do que a história da banda propriamente dita. Isso ninguém conseguiria escrever a não ser nós mesmos. É não escreveríamos, porque aí... (Com o indicador faz o gesto de quem corta sua própria garganta.)

Você não tem vontade de, um dia, escrever suas memórias?... quando tiver uns 70, 80 anos?

Hummm. Seria interessante... interessante e até instrutivo. Não conheço nenhuma banda que tenha durado tanto quanto a gente, fazendo sempre tudo de acordo com sua própria vontade. Há tão pouca integridade, tão pouca dignidade nesse meio

COM CHEQUE AZUL TODO MUNDO VÊ A COR DO SEU DINHEIRO.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

A VOTAÇÃO DA CRÍTICA

O MELHOR DE 88

E mais uma vez a crítica se reuniu para apontar os melhores do ano. Os procedimentos e critérios foram os mesmos utilizados nos anos anteriores. A novidade este ano é que dividimos a categoria melhores instrumentista em Guitarra, Baixo, Bateria e Outros Instrumentos e suprimimos melhor Clip, uma vez que a produção andou meio fraca e os melhores programas de clips sumiram da TV. E vamos aos melhores...

Esse ano os melhores não estiveram entre as bandas já super consagradas, com exceção de Cazuza e Paralamas do Sucesso. No ano do brega, os vencedores foram aqueles que se distanciaram completamente da vulgaridade, como as Mercenárias, o DeFalla, o Vzyadoq Moe. E o rock carioca foi a grande surpresa: Ed Motta & Conexão Jopeni, Black Future, Picassos Falsos e Barão Vermelho apresentaram trabalhos de excelente qualidade. No ano dos zebras, BIZZ não poderia ficar atrás: entre os melhores do rock, apareceu com justiça, o jazz do Nouvelle Cuisine.

No front internacional, deu rock em todos os sotaques; num quase empate em primeiro lugar: o americano R.E.M., o irlandês U2 e o inglês Fall. Os excelentes lançamentos de hip hop esse ano estão representados pela Boogie Down Productions. Mr. Morrissey comparece com o finado Smiths e na carreira solo. Claro, Prince não poderia faltar (e arrebatou também outras categorias). Nick Cave & the Bad Seeds, que aporta por aqui pela primeira vez com suas próprias composições, e os Primitives, que também estreiam, mostram que coisas novas são bem recebidas. E a bela Sade também é uma das melhores.

Não há crise que justifique o desânimo. O rock, mais uma vez, não só não morreu como se mostrou vivo e chutando, em suas mais variadas vertentes.

GRUPO

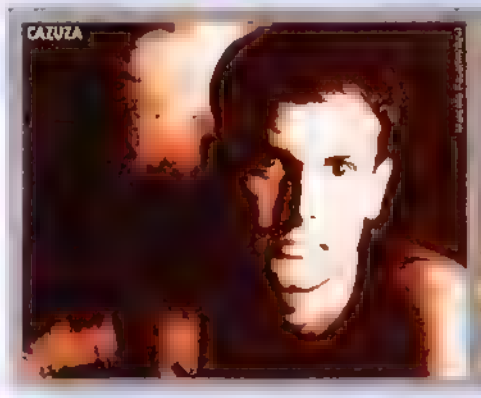
NACIONAL	
1 TITÃS	30
2 Paralamas	29
3 DeFalla	24,5
4 Vzyadoq Moe	23,5
5 Legião Urbana	21

INTERNACIONAL	
1 R.E.M.	40,5
2 U2	30
3 New Order	29
4 Fall	26,5
5 Nick Cave & Bad Seeds	15,5

MÚSICA

1 "Ideologia" – Cazuza	45,5
2 "Vamos Dançar" – Ed Motta & Conexão Japeri	39
3 "Faz Parte do Meu Show" – Cazuza	33,5
"Manoel" – Ed Motta & Conexão Japeri	
5 "Como Você Já Devia" – DeFalla	29,5
6 "O Beco" – Paralamas do Sucesso	27,5
7 "Dense Dance" – Barão Vermelho	25
8 "Eu Sou o Rio" – Black Future	24
9 "Verões" – Picassos Falsos	23,5
10 "O Elevador" – Lobão	21

1 "Alphabet Street" – Prince	44
2 "Colors" – Ice-T	39,5
3 "Paid in Full" – Eric B & Rakim	22
4 "Anna Stesia" – Prince	21,5
5 "Fish" – Throwing Muses	21,5
6 "It's the End of the World as We Know It" – R.E.M.	21
7 "I'm the Man" – Anthrax	20,5
8 "The Tap" – Fat Boys	20,5
9 "Late Night, Maudlin Street" – Morrissey	20
10 "Two Lane Highway" – John Zorn	9,5



A dobradinha Cazuza/Ed Motta dominou os primeiros quatro lugares em melhor Música e ainda apareceu em melhor LP, respectivamente no quinto (dividindo com o estreante Vzyadoq Moe) e terceiro lugar. Cazuza ainda emplacou como melhor Letrista, e Ed foi o melhor Vocalista. As Mercenárias, melhor LP, também levaram a melhor Capa e sua baixista, Sandra Coutinho, está em primeiro lugar. O pequeno príncipe apareceu em melhor LP, no sétimo lugar, incluiu duas (primeira e quarta) Músicas e foi melhor Vocal, Guitarra e Outros Instrumentos. É mole? Em melhor grupo internacional a votação seria quase igual a de melhor LP, se não fosse pela intrusão do New Order, que ainda apareceu em melhor Show, Baixo, Bateria e Outros Instrumentos. Os Paralamas, segundo melhor Show e Grupo, tem o melhor Baterista (João Barone) e o segundo melhor Baixista (Bi Ribeiro). Ice T é o compositor da segunda melhor Música, da trilha sonora do filme Colors, o terceiro melhor Filme. O mix de Eric B & Rakim, "Paid in Full", da mesma trilha sonora, também emplacou: terceiro lugar. Calma que nas próximas páginas tem mais melhores de 88...

LP

1 *TRASHLAND* – Mercenárias	85,5
2 *DeFALLA*	69
3 *ED MOTTA & CONEXÃO JAPERI*	65
4 *Eu Sou o Rio* – Black Future	63
5 *O Apse* – Vzyadoq Moe	60,5
Ideologia – Cazuza	60,5
7 *Supercoisa* – Picassos Falsos	55,5
8 *Nouvelle Cuisine*	52
9 *Carnaval* – Barão Vermelho	49,5
10 *Bora Bora* – Paralamas do Sucesso	47

1 *DOCUMENT* – R.E.M.	74,5
2 *Rome and Hum* – U2	74
3 *The Frenz Experiment* – FALL	73,5
4 *By All Means Necessary* – Boogie Down Productions	55
Viva Hate – Morrissey	55
6 *Rank* – Smiths	52,5
7 *Lovesexy* – Prince	52
8 *Tender Prey* – Nick Cave & Bad Seeds	49,5
9 *Lovely* – Primitives	41
10 *Stronger Than Pride* – Sade	32

◆GUITARRA◆

NACIONAL

1 EDGARD SCANDURRA (Ira!) 35
2 Luis Gustavo (Picassos Falsos) 33
3 Edu K (DeFalla)
Augusto Licks (Engenheiros do Hawaii) 10

INTERNACIONAL

1 PRINCE 15
2 Keith Richards 13
3 Johnny Marr 11

◆BAIXO◆

NACIONAL

1 SANDRA COUTINHO (Mercenárias) 24,5
2 Bi Ribeiro (Paralamas) 21,5
3 Edgar Stefan (Vzyadoq Moe) 13,5

INTERNACIONAL

1 ADAM CLAYTON (U2) 15
2 Peter Hook (New Order) 11
3 Robbie Shakespeare 10

◆BATERIA◆

NACIONAL

1 JOÃO BARONE (Paralamas) 21
2 Marcos Stefan (Vzyadoq Moe) 19
3 Bira Maura (DeFalla) 18

INTERNACIONAL

1 SHEILA E (Prince) 20
2 Susan Weissenrich (Fall) 9
Steven Morris (New Order)

◆VOCAL◆

NACIONAL

1 ED MOTTA 32
2 Edu K 16
3 Renato Russo 12

INTERNACIONAL

1 PRINCE 14
2 Nick Cave 13
3 Bono 12,5

◆OUTROS◆

NACIONAL

1 BOCATO 15
2 Herminio Peschoal 12
3 Egberto Gismonti 10

INTERNACIONAL

1 PRINCE 14
2 Courtney Pine 9
Gillian Gilbert (New Order) 9

Tardou mas não falhou: o veterano Iggy Pop foi o melhor Show de 88. Prince levou o título de melhor Vocalista mas logo atrás, Nick Cave e Bono Vox não deixam por menos. A Revelação nacional foi abocanhado por Ed Motta mas os gauchinhos dos Colarinhos Caóticos vão dar o que falar. Tracy Chapman chegou de mansinho e foi eleita a Revelação Internacional. No mais a justiça foi feita: melhor Capa para Lovesexy, Adam Clayton tocou o melhor Baixo, o velho stone Keith Richards apareceu em melhor Guitarra, o trombone de Bocato levou o melhor em Outros Instrumentos. Ah, Edgard continua sendo o melhor...

◆SHOW◆

NACIONAL

1 TITÃS 19
2 Paralamas do Sucesso 17
3 DeFalla 16

INTERNACIONAL

1 IGGY POP 39
2 New Order 22,5
3 Peter Gabriel 8

◆REVELAÇÃO◆

NACIONAL

1 ED MOTTA & CONEXÃO JAPERI 18
2 Colarinhos Caóticos 13
3 Vzyadoq Moe 6
Marisa Monte

INTERNACIONAL

1 TRACY CHAPMAN 21
2 Sugarcubes 11,5
3 Sinéad O'Connor 10

◆LETRAS◆

NACIONAL

1 CAZUZA 27,5
2 Fausto Martho (Vzyadoq Moe) 15
3 Humberto Gessinger (Engenheiros) 13,5

◆CAPA◆

NACIONAL

1 *TRASHLAND* — Mercenárias 35
2 Fury Tales — Harry 22
3 *Outsider* — Maria Angélica 10

INTERNACIONAL

1 *LOVESEXY* — Prince 12
2 *By All Means Necessary* — Boogie Down Productions 9
3 *Diesel and Dust* — Midnight Oil 8

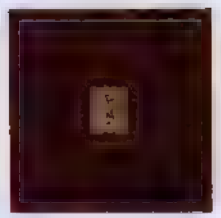
◆FILMES◆

NACIONAL

1 FELIZ ANO VELHO 12
2 Romance 11
3 A Dama do Cine Shanghai 9,5

INTERNACIONAL

1 UMA CILADA PARA ROGER RABBIT 12
2 A Festa de Babete 11
3 Cobra 8
Asas do Desejo 8



HORS CONCOURS

Uh-lá-lá!!! Não fosse a inflação e tena sido um ano de ouro para o viciado em vinil. De repente, preciosidades de 1 a 6 décadas atrás começaram a surgir com tamanha abundância que os lançamentos propriamente ditos (de 87/88) foram forçados a uma concorrência totalmente desleal no balcão da loja — daí esse listão *hors concours* de discos acima de gostos pessoais; acima da crítica, enfim.

Senão, o "Lançamento das Duas Décadas" ficaria com a série *Atlantic Rhythm's Blues*, (WEA) um total de sete álbuns duplos cujos primeiros seis traçam todas as rotas certas do casamento blues/gospel e seus bebês R&B e soul — **Joe Turner, Ray Charles, Solomon Burke, Wilson Pickett, Otis Redding, Booker T.** e seus fabulosos **MGs** e **Aretha Franklin** só para citar alguns. Arquivos paralelos do mapa Soul/R&B foram desenterrados pela Brasidisc: **Louis Jordan, Little Richard, Bo Diddley, Chuck Berry, James Brown, Chuck Willis, Lloyd Price, Dee Clark** e **Elmore James**. Ao mesmo tempo, esse selo — movido o amor pelo que é eterno —, continuou dando vazão a seu fluxo habitual de *RRRockEnRROLL* com **Jerry Lee Lewis** e **Roy Orbison**, entre rockabilly em profusão; e *POP Dourado*, como os mais faiscantes *singles* dos **Kinks** na série *British Pop* e *girl-groups* em coletâneas como as das **Shirelles** e das **Sangri-las**. Enquanto isso, outros discos históricos na série *BLUES ANTHOLOGY* (WEA) — mais Bo Diddley junto a **Muddy Waters, B.B. King** e **Little Walter** e o grão-mestre **John Lee Hooker** aparecendo por todos os lados (WEA, Brasidisc, Black&Blue). Completando essa aula de História: a EMI-Odeon apareceu com remasterizações digitais do melhor de **Eddie Cochran** e **Fats Domino**, além de *todos* os LPs dos **Beatles**, por fim, a CBS com a coletânea *Story of the Blues*, e outra de **Charlie Christian**.

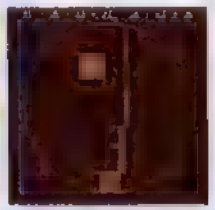
Capítulos subseqüentes do pop foram levantados em coletâneas "substanciais" como os do **Joy Division, New Order, Ramones, Bauhaus, Clash, Grace Jones** e *not least*, um **João Gilberto** triplo. Mais recentes ainda, *rap'n'hop* em *Hip Hop Hits* (CBS), *Word 2* (BMG), *Rhythm Kingdom — Move*, e *house* de desmontar o esqueleto em *The Cream of Supreme* (ambas Stiletto, que trouxe também o seleto cast do selo 4AD com faixas inéditas em *Loneny is An Eyesore*)

Relançamentos de clássicos há muito fora de catálogo ou *nunca* editados aqui também provocaram, com **Brian Eno** (*Before and After Science* e *Music for Airports*), **Talking Heads** (*Remain is Light*), **Joy Division** (*Unknown Pleasures*), **New Order** (*Power Corruption Lies*), **Durutti Column** (*Without Mercy*), **Doors** (*LA Woman*), **Miles Davis** (*We Want Miles!* e muito mais, só em K7 cromo), **Fripp** (*League of Gentlemen*) e **Echo** (*Heaven Up Here*). Agora os únicos órfãos são os leitores que escrevem querendo Velvet Underground — deviam estar escrevendo também para a Polygram, que detém os direitos do selo Verse (onde também tem o primeiro Zappa).

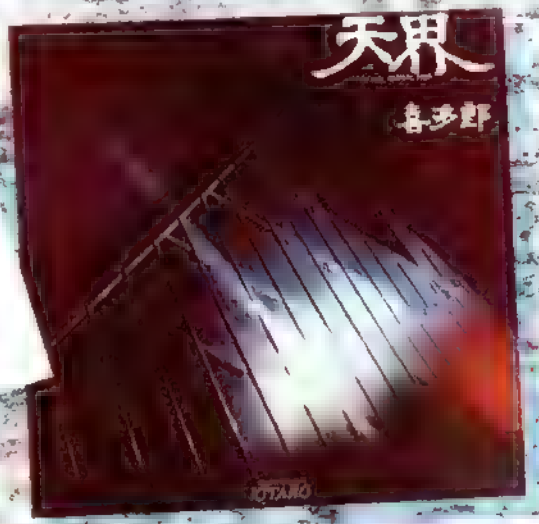
Trilhas sonoras também foram excluídos da votação (com exceção de eventuais faixas inéditas que, como nas coletâneas, valiam na categoria *Melhor Música*) Isso tirou do ringue música finíssima, como a encontrável em *Paris, Texas* (**Ry Cooder**), *Colors* (**Ice T, Eric B & Rakim** e ao.), *Full Metal Jacket* (**Sam The Sham, Nancy Sinatra** e **Trashmen**), *Good Morning Vietnam* (**James Brown, Beach Boys, Martha & Vandellas**), *Walker* (**Joe Strummer**), *The Last Emperor* (**David Byrne, Sakamoto** e **Cong Su**) e a compilação *Film Music*, com trechos de trilhas de **Mark Isham**.

Aaah!... E quem se interessa por música contemporânea ainda teve de caçar o pacote **Boulez/Schoenberg** (CBS/Breno Rossi)), os *Coros Invisíveis* de **Stockhausen** (Polygram) e o *Catálogo dos Pássaros, Vols I e II*, de **Messian**, por **Jocy de Oliveira**. Haja... (a) soco (b) grana em 89

José Augusto Lemos



VANGELIS, KITARO E MARK ISHAM



Três novidades acabam de chegar ao mercado brasileiro. Após anos de negociações, o tecladista grego **Vangelis** liberou para disco a trilha sonora que fez para o magistral documentário *Antarctica*, considerado um dos melhores trabalhos de **New Age Music** do mundo.

Na mesma onda este o japonês e também tecladista **Kitaro** com outra novidade, o LP *Astral Trip*.

O terceiro desembarque é do americano **Mark Isham** com *The Beast of War*, uma trilha sonora recebida de pé por Europa, Estados Unidos e, enfim, os mercados mais qualificados do mundo.

PolyGram

1 *De Falla* 2 *Ed Motta & Conexão Japeri* 3 *Mano* — Maria Bethânia 4 *Feixe de Lux* — Egberto Gismonti 5 *Ideologia* — Cazuza 6 *O Ápice* — Vzyadoq Moe 7 *Delirium Tremens* Kães Vadius	1 "Pense e Dance" — Barão Vermelho 2 "O Beco" Paralamas 3 "Redenção" — Vzyadoq Moe 4 "Vamos Dançar" Ed Motta & Conexão Japeri 5 "Faz Parte do Meu Show" — Cazuza 6 "Corpo Fechado" — Thaíde 7 "Ilariê" — Xuxa 8 "Pipi-popó" — Vestidos de Espaço	1 *Diesel and Dust* — Midnight Oil 2 *Naked* — Talking Heads 3 *Wooden Foot Cops on the Highway* — Woodentops 4 *Document* — R.E.M. 5 *Big Thing* Duran Duran 6 *Lovesexy* — Prince 7 *Faith* — George Michael 8 *Stronger Than Pride* — Sade 9 *Talk Is Cheap* — Keith Richards 10 *Introducing the Hardline* — Terence Trent D'Arby	1 "Beds Are Burning" Midnight Oil 2 "I Don't Want Your Love" — Duran Duran 3 "Desire" — U2 4 "Alphabet Street" — Prince 5 "Wishing Well" T. T. D'Arby 6 "It's the End of the World as We Know It" — R.E.M. 7 "Stronger Than Pride" — Sade 8 "Blind" — Talking Heads 9 "Got My Mind Set on You" — George Harrison

1 *Trashland* — Mercenárias 2 *O Ápice* Vzyadoq Moe 3 *Supercarioca* — Picassos Falsos 4 *Eu Sou o Rio* — Black Future 5 *Filme* — Ultimo Numero 6 *Árvore da Vida* — Jorge Mautner 7 *Egito Madagascar* — Olodum 8 *Introdução* Colarinhos Caóticos 9 *Ed Motta & Conexão Japeri* 10 *Bora Bora* — Paralamas	1 "Eu Sou o Rio" — Black Future 2 "Verões" Picassos Falsos 3 "Missa dos Vermes" Livio Tragtenberg e Grupo 4 "Redenção" — Vzyadoq Moe 5 "Genebra" Harry 6 "Como Vovó Já Dizia" — DeFalla 7 "Sunshine" — Arnaldo Baptista & Patrulha do Espaço 8 "Surdi" — Itamar Assumpção 9 "Pense e Dance" Barão Vermelho 10 "Hotel Hearts" — Maria Angélica	1 *Tender Prey* — Nick Cave & Bad Seeds 2 *By All Means Necessary* — Boogie Down Productions 3 *The Frenz Experiment* — Fall 4 *Viva Hate* Morrissey *Rank* — Smiths 6 *Document* — R.E.M. 7 *Time Boom X De Devil Dead* Lee Perry & Dub Syndicate 8 *Greed* — Ambitious Lovers 9 *Lovesexy* Prince 10 *Paid in Full* — Eric B & Rakim	1 "Paid in Full" Eric B & Rakim 2 "The Mercy Seat" — Nick Cave & Bad Seeds 3 "Yeke Yeke" — Mory Kanté 4 "Colors" — Ice-T 5 "Alphabet Street" — Prince 6 "Lost in Madrid" — Miles Davis 7 "Fish" — Throwing Muses 8 "Raggamuffin" — Asher D & Daddy Freddy 9 "Two Lane Highway" — John Zorn 10 "I'm the Man" — Anthrax

1 *DeFalla* 2 *Trashland* — Mercenárias 3 *Ideologia* — Cazuza *Ouça o que Eu Digo: Não Ouça Ninguém* — Engenheiros 5 *O Ápice* — Vzyadoq Moe 6 *Introdução* Colarinhos Caóticos 7 *Ed Motta & Conexão Japeri* 8 *Eu Sou o Rio* Black Future 9 *Psicoacústica* — Ira! 10 *Filme* — Ultimo Numero	1 "Ideologia" — Cazuza 2 "Nunca Se Sabe" Engenheiros 3 "Faz Parte do Meu Show" — C. 4 "Cidade em Chamas" — E. H. 5 "Provérbios do Inferno" Mercenárias 6 "Anita" — Júlio Reny & E.O. 7 "Céus, o Céu Pode Cair" Barato Oriental 8 "Corpo Fechado" — Thaíde 9 "Redenção" — Vzyadoq Moe 10 "Rock'n'Roll" — Marciano Sodomita	1 *By All Means Necessary* — Boogie Down Productions 2 *Tougher than Leather* Run-DMC 3 *Stronger than Pride* — Sade 4 *Rank* — Smiths 5 *In Full Effect* Mantronix 6 *Greed* — Ambitious Lovers 7 *Lovesexy* — Prince 8 *He's the DJ* — D.J. Jazzy Jeff 9 *Dream of Life* — Patti Smith 10 *Diesel and Dust* — Midnight Oil	1 "Colors" Ice-T 2 "Illegal Business" — B.D.P. 3 "I'm the Man" Anthrax 4 "Mary, Mary" — Run-DMC 5 "Twist" — Fat Boys 6 "Stronger than Pride" Sade 7 "I Could Have Stood You Up" Keith Richards 8 "People Have the Power" Patti Smith 9 "Fast Car" Tracy Chapman 10 "Beds Are Burning" Midnight Oil

1 *O Ápice* Vzyadoq Moe 2 *Trashland* — Mercenárias 3 *Supercarioca* — Picassos Falsos 4 *Eu Sou o Rio* Black Future 5 *Filme* — Ultimo Numero 6 *Fairy Tales* — Harry 7 *Introdução* Colarinhos Caóticos 8 *Carnaval* — Barão Vermelho	1 "Não Há Morte" — Vzyadoq Moe 2 "Verões" — Picassos Falsos 3 "No Nights" — Black Future 4 "Mesmas Leis" — Mercenárias 5 "Ars Longa Vita Brevis II" — Ultimo Numero 6 "Vamos Dançar" — Ed Motta & Conexão Japeri 7 "Lycanthropia" — Harry 8 "It's Life" — Colarinhos Caóticos 9 "O Beco" — Paralamas 10 "Ideologia" — Cazuza	1 *Tender Prey* — Nick Cave & Bad Seeds 2 *Rank* — Smiths 3 *Strangeways, Here We Come* Smiths 4 *Frenz Experiment* — Fall 5 *Viva Hate* — Morrissey 6 *Document* — R.E.M. 7 *Lovely* Primitives 8 *Lovesexy* — Prince 9 *Brian Wilson* 10 *Greed* — Ambitious Lovers	1 "Late Night, Maudlin Street" Morrissey 2 "Mercy" Nick Cave 3 "Death of a Disco Dancer" Smiths 4 "Watching Alice" — Nick Cave 5 "The Steak Place" — Fall 6 "It's the End of the World..." — R.E.M. 7 "Deus" — Sugarcubes 8 "Alphabet Street" — Prince 9 "Fast Car" — Tracy Chapman "Copy Me" — Ambitious Lovers

1 *Árvore da Vida* — Jorge Mautner *Nouvelle Cuisine* *Supercarioca* — Picassos Falsos 4 *Outsider* Maria Angélica *Fairy Tales* — Harry *Eu Sou o Rio* — Black Future 7 *Trashland* Mercenárias 8 *Introdução* — Colarinhos Caóticos *Filme* Ultimo Numero 10 *Psicoacústica* — Ira	1 "No Nights" Black Future 2 "Vamos Dançar" — Ed Motta 3 "Útero" — Colarinhos Caóticos 4 "Another Life" — Maria Angélica 5 "Zum Zum" — Jorge Mautner 6 "Madagascar Olodum" — Reflexu's 7 "Marlene" — Picassos Falsos 8 "Provérbios do Inferno" — Mercenárias 9 "Corpo Fechado" — Thaíde 10 "Pipi-popó" — Vestidos de Espaço	1 *Stronger Than Pride* — Sade *Brian Wilson* *Let Me Touch You* — O'Jays 4 *Rank* Smiths *By All Means Necessary* Boogie Down Productions 6 *Time Boom X De Devil Dead* — Lee Perry & Dub Syndicate 7 *Greed* — Ambitious Lovers 8 *In Full Effect* — Mantronix 9 *Hot Cool Vicious* — Salt'n'Pepa 10 *He's the DJ...* — DJ Jazzy Jeff & Fresh Prince	1 "Colors" — Ice-T 2 "True Love Never Dies" — O'Jays 3 "Alphabet Street" — Prince 4 "Anna Stesia" — Prince 5 "Fish" Throwing Muses 6 "Walkin the Line" — Brian Wilson 7 "Death of a Disco Dancer" Smiths 8 "Paid in Full" Eric B & Rakim 9 "Girls Can Jack Too" Suzan 10 "I Like to Listen" — T Coy

1 *Trashland* — Mercenárias 2 *Eu Sou o Rio* — Black Future *O Ápice* — Vzyadoq Moe *Supercarioca* — Picassos Falsos *Filme* — Ultimo Numero 6 *Carnaval* Barão Vermelho *Introdução* — Colarinhos Caóticos *Árvore da Vida* — Jorge Mautner *Elo Perdido* — Arnaldo & Patrulha do Espaço 10 *Ed Motta & Conexão Japeri*	"Walverme" Picassos Falsos "Pense e Dance" — Barão Vermelho "Eu Sou o Rio" — Black Future "Missa dos Vermes" — Livio Tragtenberg 5 "Redenção" — Vzyadoq Moe 6 "No Thanks" — Sexo Explícito "Suni" Itamar Assumpção "Gritos" Hojerizah 9 "Hotel Hearts" — Maria Angélica "Corpo Fechado" — Thaíde	1 *Tender Prey* — Nick Cave *Siesta* — Miles Davis e Marcus Miller *Greed* — Ambitious Lovers 4 *The Frenz Experiment* — Fall *Document* — R.E.M. *The World By Storm* — Three Johns *Lovesexy* — Prince 8 *Viva Hate* — Morrissey *By All Means Necessary* Boogie Down Productions *White Coats* — New Model Army	(sem ordem de preferência) "Coals to Newcastle" — Three Johns "You Don't Move Me" — Keith Richards "Budapest By Bump" — Thomas Dolby "Easy Rider" — Iggy Pop "True" Wayne Horvitz "Blues for Salvador" Santana "Colors" — Ice-T "Dad I'm in Jail" Was (Not Was) "Anna Stesia" Prince "Rock Ya Il the House" — Fat Boys

1 *Eu Sou o Rio* — Black Future 2 *Fairy Tales* — Harry 3 *Filme* — Ultimo Numero 4 *Trashland* — Mercenárias 5 *Lumi* 6 *Supercarioca* — Picassos Falsos 7 *DeFalla* 8 *O Ápice* — Vzyadoq Moe 9 *Outsider* Maria Angélica 10 *Pior Que Antes* — Garotos Podres	1 "Expresso Oriente" — Julio Reny & Expresso Oriente 2 "Filme" Ultimo Numero 3 "Ideologia" — Cazuza 4 "Pegue Essa Arma" Ira! 5 "Provérbios do Inferno" — Mercenárias 6 "Beije-me Cowboy" — Arte no Escuro 7 "Algum Lugar" — Marcelo Nova 9 "Bolero" Picasso Falsos 10 "Nunca Existiu Pecado" — Barão Vermelho	*Pleased to Meet Me* Replacements 2 *People* — Hothouse Flowers 3 *Document* — R.E.M. 4 *Tender Prey* Nick Cave & the Bad Seeds 5 *Lovely* Primitives 6 *Calenture* Triffids 7 *Blue Bell Knoll* — Cocteau Twins 8 *Lonely is an Eyesore* — Vários 9 *The Christians* 10 *The Frenz Experiment* — Fall	1 "Finest Worksong" R.E.M. 2 "Deanna" — Nick Cave 3 "Boy in the Beach" — Rainbirds 4 "Ballad of Kane" — H. Flowers 5 "This Corrosion" — S. of Mercy 6 "What's the Matter Here?" 10.000 Maniacs 7 "Won't Shut your Mouth" Julian Cope 8 "Crash" — Primitives 9 "Tower of Strength" — Mission 10 "Burn Clear" — Something Happens

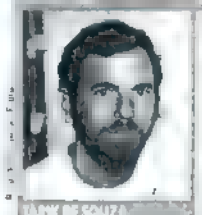
1 *Trashland* — Mercenárias 2 *O Ápice* — Vzyadoq Moe 3 *Supercarioca* — Picassos Falsos 4 *Eu Sou o Rio* — Black Future 5 *Elo Perdido* — Arnaldo & Patrulha do Espaço 6 *Filme* — Ultimo Numero 7 *Introdução* — Colarinhos Caóticos 8 *Outsider* — Maria Angélica 9 *Egito Madagascar* — Olodum 10 *Bora Bora* — Paralamas	"Corcas de Aço" Luiz Melodia e Rafael Rabello 2 "Como Vovó Já Dizia" DeFalla 3 "Manuel" Ed Motta 4 "St. Louis Blues" — N. Cuscuna 5 "No Thanks" Sexo Explícito 6 "Vento" André Geraissati 7 "Maldita Cocaína" Eugenia de Melo e Castro 8 "Missa dos Vermes" — Livio Tragtenberg 9 "Manhãs de Domingo" — Ira! 10 "Quem É Você" Republika	*Document* — R.E.M. 2 *The Frenz Experiment* — Fall 3 *Tender Prey* — Nick Cave 4 *Siesta* — Miles Davis & Marcus Miller 5 *Greed* — Ambitious Lovers 6 *Strangeways Here We Come* — Smiths 7 *Talk is Cheap* — Keith Richards 8 *Time Boom X De Devil Dead* Lee Perry & Dub Syndicate 9 *Dream of Life* — Patti Smith 10 *Calenture* Triffids	1 "Late Night, Maudlin Street" — Morrissey 2 "Anna Stesia" — Prince 3 "Two-Lane Highway" — J. Zorn 4 "Easy Rider" — Iggy Pop 5 "Omotepe" — Joe Strummer 6 "No One Here" C. Voltaire 7 "Wheels Turning" — Woodentops 8 "Does One Perfect Morning" Jesus & Mary Chain 9 "Man with a Gun" — Jerry Harrison 10 "Peace Train" — 10,000 M.

(sem ordem de preferência) *Trashland* Mercenárias *Pior que Antes* — Garotos Podres *Forçando a Barra* — Golpe de Estado *Árvore da Vida* — Jorge Mautner *Marcelo Nova e a Envergadura Moral* *A Pedra do Gênesis* — Raul Seixas *Elo Perdido* — Arnaldo Baptista & Patrulha *Outsider* — Maria Angélica *Psicoacústica* — Ira!	(não votou em músicas)	(sem ordem de preferência) *Document* — R.E.M. *Buster Poindexter* *Lovely* — Primitives *Played* — Bodines *Viva Hate* — Morrissey *Brian Wilson* *White Coats* — New Model Army *World Without End* Mighty Lemon Drops *The World By the Storm* — Three Johns *The People Who Grinned Themselves to Death* — Housemartins	(sem ordem de preferência) "Always on My Mind" — Pet Shop Boys "Flowers in Our Hair" — All About Eve "Hey Jack Kerouac" — 10,000 M. "In-a-Gadda-a-Vida" — Slayer "Fish" Throwing Muses "Anarchy in the UK" — Megadeth "When We Was Fab" G. Harrison "Electrovamente" — GNR "Dream of Life" Patti Smith

1 *Bora-Bora* — Paralamas 2 *DeFalla* 3 *Carnaval* — Barão Vermelho 4 *Ideologia* — Cazuza 5 *Ouça o que Eu Digo: Não Ouça Ninguém* — Engenheiros 6 *Psicoacústica* — Ira! 7 *Ed Motta & Conexão Japeri* 8 *Nouvelle Cuisine* 9 *Trashland* Mercenárias 10 *Música e Ciência* — Os Mulheres Negras	1 "Ideologia" Cazuza 2 "Dois Elefantes" — Paralamas 3 "It's Fuckin Boring to Death" — DeFalla 4 "Baixo Rio" — Ed Motta 5 "Nunca Se Sabe" — Engenheiros 6 "Nunca Existiu Pecado" Barão Vermelho 7 "Receita para Se Fazer Um Herói" — Ira! 8 "Blues da Piedade" — Cazuza 9 "Vamos Dançar" Ed Motta 10 "Sanfona" — Paralamas	1 *Lovesexy* — Prince 2 *Rattle and Hum* — U2 3 *The Frenz Experiment* — Fall 4 *Spillane* — John Zorn 5 *Tracy Chapman* 6 *Outrider* Jimmy Page 7 *Viva Hate* Morrissey 8 *Paid in Full* — Eric B & Rakim 9 *Document* R.E.M. 10 *Naked* Talking Heads	1 "Angel of Harlem" — U2 2 "Sidewalking" — Jesus & Mary Chain 3 "These Early Days" — Everything But the Girl 4 "Prison Blues" — Jimmy Page 5 "Paid in Full" — Eric B & Rakim 6 "Dance On" — Prince 7 "Fast Car" — Tracy Chapman 8 "Bremen Nacht" — Fall 9 "I Don't Mind if You Forget Me" — Morrissey 10 "Van Diemen's Land" — U2

1 *Música e Ciência* Os Mulheres Negras *Por Diferentes Caminhos* Hermeto Pascoal 3 *Ideologia* — Cazuza 4 *Ed Motta & Conexão Japeri* 5 *Lumi* 6 *Nouvelle Cuisine* 7 *Go Back* — Titãs 8 *Bora Bora* — Paralamas 9 *Árvore da Vida* — Jorge Mautner & Nelson Jacobina 10 *Trashland* — Mercenárias	(sem ordem de preferência) "Milho" — Os Mulheres Negras "Faz Parte do Meu Show" — Cazuza "Corpo Fechado" Thaíde "Sub" — Os Mulheres Negras "I'm the Best" — Lumi "Ideologia" Cazuza "Manuel" — Ed Motta & Conexão Japeri "Pegue Essa Arma" — Ira! "Uns Dias" — Paralamas "Lady" — Ed Motta & Conexão Japeri	1 *Rattle and Hum* — U2 *Introspective* — Pet Shop Boys 3 *Mainstream* — Lloyd Cole & the Commotions 4 *Stronger Than Pride* — Sade 5 *Follow the Leader* Eric B & Rakim 6 *By All Means Necessary* — Boogie Down Productions 7 *Brian Wilson* 8 *Rank* — Smiths 9 *Viva Hate* Morrissey 10 *I'm Real* James Brown & Full Force	(sem ordem de preferência) "Paid in Full" — Eric B & Rakim "Colors" Ice T "Push It" — Salt'n'Pepa "Wheels Turning" — Woodentops "Fish" Throwing Muses "Rock da House" — Beatmasters "Fight Like a Brave" — Red Hot Chili Peppers "Lovesexy" — Prince "Hot Doggie" — Colourbox "Pump Up the Volume" — M/A/R/R/S

(sem ordem de preferência) *Carnaval* — Barão Vermelho *Psicoacústica* — Ira! *Go Back* Titãs *Cuidado!* — Lobão *DeFalla* *Dagdad* — André Geraissati *Feixe de Lux* — Egberto Gismonti *Ideologia* — Cazuza *Forçando a Barra* — Golpe de Estado	(sem ordem de preferência) "Farto de Rock'n'Roll" — Ira! "Receita para Se Fazer um Herói" Ira! "O Eleito" — Lobão "Cuidado!" — Lobão "Não Me Acabo" — Barão Vermelho "Pense e Dance" — Barão Vermelho "Noite de Balada" — Golpe de Estado "Moondog" — Golpe de Estado "Como Vovó Já Dizia" — DeFalla	(sem ordem de preferência) *Rattle and Hum* — U2 *Seventh Son of a Seventh Son* — Iron Maiden *Permanent Vacation* Aerosmith *Ram It Down* — Judas Priest *Talk Is Cheap* — Keith Richards *Pink Floyd Live* Pink Floyd *Appetite for Destruction* Guns'n'Roses *White Coats* — New Model Army *Get Rhythm* — Ry Cooder	(sem ordem de preferência) "Sweet Child O'Mine" — Guns'n'Roses "Welcome to the Jungle" — G. Roses "Can I Play with Madness" — Iron Maiden "I'm Down" — Aerosmith "Rag Doll" — Aerosmith "I Could Have Stood" — K. Richards "When It's Love" — Van Halen "In-a-gadda-a-vida" — Slayer "Helter Skelter" — U2 "When Love Comes to Town" — U2



HIP HOP TUPINIQUIM

O SUBÚRBIO INVADE O CENTRO

Há mais de quatro anos tomando conta do centro de São Paulo, os rappers mais representativos desta cena e seus respectivos DJs ganham, finalmente, seu primeiro LP. E são eles que destilam, aqui, todo seu veneno, sabedoria e energia, só possível mesmo a quem vive na rua, tirando do asfalto e do cotidiano pérolas que compõem a literatura de cordel dos anos 80, com apenas uma beat box na cabeça

Eles vêm de boné, abrigo, tênis de couro Nike ou Adidas. Eles vêm de longe, lá da periferia. Se encontram na Estação São Bento, a Estação Primeira do hip hop paulista. Alguns amam a cidade, outros temem a polícia. *Cultura de Rua* é o nome do LP que os reuniu: Thaíde, Código 13, MC Jack, O Credo e seus respectivos *crews*. O hip hop brasileiro pela primeira vez em vinil. Se vacilar, pegam essas rimas e atacam numa beat box com ritmo e poesia.

Eles chegaram na São Bento após a debandada dos punks. Mas há mais paralelos entre o punk e o hip hop do que supõe a nossa vã filosofia. DJ Uzi, do Credo, introduz: "Embora você escute as duas coisas e não veja nada muito em comum, tem. Se você diz que o punk veio do reggae, os mais desavisados também não vão acreditar". MC Who, também do Credo, continua: "O punk veio de Brixton, um subúrbio de Londres com muito imigrante jamaicano. E, como eles não tinham o lance musical enraizado, eles levavam uma onda de reggae. The Clash tinha muito disso". DJ Hum, que trabalha com Thaíde, completa: "E o rap também veio da linguagem do reggae". Who retoma: "Veio evoluindo — o *toasting*, depois o *dub*, o reggae cada um indo prum lado..." Uzi analisa: "A própria linguagem musical tem a ver. O punk simplifica. Seria um heavy metal sem o solo e a palhaçada, a coisa direta. E o hip hop seria o quê? Simplicidade. Bateria eletrônica e scratch. Tem uma música do Just Ice que é só boca — beat box e vocal. Isso é o ápice da simplicidade. E, diga-se de passagem, muita gente que era punk radical curte hip hop". MC Jack concorda: "É uma coisa de ideologia. Ambos são de subúrbio, de rua". Uzi relata: "Eu já vi um punk radical dizendo que o Public Enemy faz a música que tem mais energia que ele já ouviu"!

DJ Def Kid, do Código 13, relembra como tudo começou: "Depois que o break foi consumido enquanto moda, em 84, nós continuamos a dançar no Ibirapuera e na São Bento... A gente consumiu bastante música dos americanos e mesmo dos rappers ingleses e evoluiu naturalmente pra fazer a nossa própria música, pra poder mostrar a nossa mensagem". DJ Hum continua: "Os conjuntos saíram das gangues breaks: Back Spin, Crazy Crew, Street Warriors e Zulu". MC Jack conta: "Havia muita rivalidade entre as gangues. Elas não podiam se ver. A rivalidade era na dança, não existia violência. Aconteceu um tapa ou outro, isso é normal. Mas, de um tempo pra cá, reuniu todo mundo, tipo assim: ou todo mundo levanta o ideal nosso, que é o hip hop, ou então a coisa não vai dar".

Rock Brasil na mira dos DJs

As primeiras experiências musicais ocorreram via cover. Jack explica: "A gente usava as faixas instrumentais de discos mixes de 12 polegadas. Fazia cover em cima de sucessos de rap porque a gente ainda não tinha a estrutura para elaborar nossas próprias batidas". DJ Hum complementa: "A gente achava que os DJs usavam uma aparelhagem especial pra discotecar. Mas um dia eu resolvi tirar um ataque do Kurtis Blow mexendo no volume e deu supercerto! No começo foi assim".

Direitos autorais — O apoio de figuras inquietas do cenário rock paulista foi providencial. MC Who comenta: "Tudo começou quando a gente conheceu o Akira e mostrou as nossas letras. Ele se interessou, se integrou com o trabalho, forneceu o equipamento eletrônico, as baterias, o conhecimento musical dele e a gente começou a fazer as nossas próprias músicas". Situação semelhante aconteceu com Thaíde. DJ Hum: "Um dia o Kuru, do Fabrica Fagus, viu uma roda de break na São Bento e comentou com o Nasi e o André, do Ira!, que pintaram lá perguntando se alguém fazia letra... Logo, eles forneceram o estúdio pra gente, que não sabia tocar nenhum instrumento mas fazia uma música com a qual eles vibravam".

A confraternização entre rappers e rockers acabou possibilitando a gravação de um scratch de DJ Hum em cima de "Gritos na Multidão", do Ira! — na faixa "Homens da Lei". DJ Def Kid comenta: "Como os caras usaram lá fora outros estilos, como o rock, no rap a gente também tem a idéia de usar coisas nacionais. A gente, por exemplo, tem a idéia de utilizar a abertura de 'Até Quando Esperar', do Plebe Rude". DJ Uzi trilha a mesma tendência: "Antes do Credo nascer, eu encontrei o Charles Gavin e disse que tava formando um conjunto de hip hop e tava pensando em utilizar uma parte de 'Corações e Mentes'. Perguntei: 'Vou ter que pagar direito autoral?' Ele olhou pra mim, deu uma risada e falou: 'Não, vai fundo, vai fundo'".

A questão dos direitos autorais, entretanto, ainda não foi resolvida entre os artistas de hip hop e os demais artistas. No fundo, é a questão de sempre: o que é arte? Andy Warhol pagou direitos autorais para a Coca-Cola por sua famosa série de produções? DJ Ninja, que trabalha com MC Jack, é sintético: "Esse negócio dos caras falarem que a gente rouba música não tem nada a ver. Os nossos instrumentos são dois toca-discos. E, depois, é até bom ter música trabalhada pelos DJs". DJ Who ironiza: "Quem conhecia Ofra Haza antes daquela versão dos DJs londrinos com um trecho dela em cima de uma música do Eric B & Rakim? A mina lavava roupa lá em Israel". DJ Hum adverte: "As bandas nacionais que se cuidem, que nós vamos pra cima!". Tem gente pensando em usar até Roberto Carlos... DJ Hum continua: "Agora, nós não vamos entrar nessa de que só porque estamos no Brasil vamos fazer hip hop com material nacional. Porque falta qualidade aqui. Vai pegar um Capital Inicial fazendo *wow-wow*? Você não acha que soa melhor um scratch em cima de um *uuoooouuu* de um puta cantor funk americano?"

E a música negra brasileira? Jack rosna: "Se eu usar alguma coisa, vai ser contra a pessoa do tal venerado Ed Motta, que é negro, faz um som que é típico de negro e dá uma entrevista pra revista de *vocês* falando que não gosta de rap e hip hop..." Who emenda: "E vive usando elementos que são da nossa cultura!" Jack: "O G G lá... Pra mim é G G., 'gordo gay', não tô nem aí, vou escrachar... O cara vive fazendo percussão de boca." AG Naja, do conjunto de MC Jack, revela: "Ed Motta, diga-se de passa-

gem, foi muito bem recebido por todos os break dancers e rappers de São Paulo, quando fez aquele show no AeroAnta, onde, inclusive, fez uma música para nós dançarmos... E ele agora chega e fala que não gosta de rap!" Who ataca: "Ele fala que a gente imita o cara lá de fora. Pô, ele imita o tio dele, mano, que fazia isso há 15 anos" DJ Hum rebate: "O Ed Motta faz um som que é lá de fora também: funk cheio de metal pesado de beat box". Who pondera: "O cara é bom, tem uma puta voz, mas a gente tem que questionar essas coisas".

Entretenimento e contestação — A bronca, agora, é com o Gueto. Naja diz: "Aconteceu a mesma coisa com o Gueto. Eles iam nas festas do Mambembe, tocavam música do Run-DMC, tocavam rap e agora falam que não gostam de rap!" Uzi aponta: "E saiu na BIZZ que eles eram a primeira banda de hip hop... E hip hop, que eu saiba, não tem guitarra, baixo, bateria humana..." Who reclama: "Agora eles gravaram outro disco e lixaram a linguagem rap, como se tudo fosse um lance oportunista". Uzi metralha: "Cadê os bonés de antes? Eles foram lançados pela gravadora e pela imprensa como a primeira banda de hip hop do Brasil... Você pega a capa do *Estação Primeira* e o encarte dos Beastie Boys e nota alguma coisa alt de semelhante..."

E o resto da gangue que chupa na teta do hip hop do Brasil? DeFalla, por exemplo, que fez "Como Vovó Já Dizia"? Jack: "Achei superlegal. Com uns scratches ia ficar melhor ainda". Who: "Eles foram legais mesmo, mandaram o recado. E taí, é um hip hop e tá limpo. Em compensação, Tania Alves tentou fazer rap, Ritchie, Lulu Santos, Anime Perec... até Xuxa! Claro que nada disso soa bem"

Na hora de ouvir disco, porém, a pedida são mesmo os importados, apesar de "estarem lançando discos interessantes de uns meses pra cá", opinião compartilhada por todos. DJ Hum revela as preferências: "O Jack é bem LL Cool J (tendo com a referência, pois MC Jack está vestido a rigor no estilo do rapper de Hollis). Eu e a maioria preferimos Public Enemy. Eu ainda gosto de 2 Live Crew, que é puro entretenimento. O Thaide gosta mais de Ice T..." Who comenta: "O Public Enemy é muito político, questiona o racismo e a própria política; Ice T é muito mais de rua, ele questiona mais a faceta social, em cima da sua própria experiência de vida, uma via-crucis saída do gueto, com todas as dificuldades que ele tem como negro e pobre num país como os Estados Unidos". Além desses são citados Schoolly D e Boogie Down Productions. A seleção não podia ser mais radical.

E qual é a política do hip hop paulista? Uzi pondera: "Tá bem dividido. Tem uns que são mais críticos, outros que você saca que são entretenimento". Jack resume: "Existem diferenças de estilos, de como falar. Assim como Thaíde diz que polícia é marginal, que a polícia mata o povo. Isso é uma coisa que tem a ver com ele, ele já passou por isso. Agora, pra falar o que ele falou, eu atacaria por outro lado, rodearia o assunto, mas chegaria ao mesmo alvo". Uzi explica: "Em nível de estilo de som, o Thaíde e o Jack seriam definidos da mesma forma, que é def beat. Só que, entre o pessoal daqui, já arranjaram uma distinção entre eles em função da letra: o Thaíde seria o def beat 'frio', que fala direto, e o Jack o def 'quente', que é mais entretenimento, ironia". Who complementa: "É uma coisa que tem mais a ver com a formação dele. Quer dizer, do jeito que ele fala, ele tá supercoerente. A característica do rap é essa, ninguém tá viajando na idéia, como os grupos de rock faziam. Os grupos de rock falaram muita coisa que influiu na nossa formação, mas a gente viu que eles não eram coerentes com aquilo que diziam. E cada um aqui guarda uma coerência entre aquilo que é e o que fala. O Thaíde fala: 'Nasci numa favela de parto natural'. E ele nasceu

Eles consideram sua música "de verdade" e apontam as de mentira

numa favela de parto natural, mesmo!" DJ Hum conclui: "Por isso a gente denomina o hip hop de a música da verdade".

Coerência é a palavra-chave. Who critica: "Não adianta o cara ser filho de magnata e dizer do alto da cobertura dele, com uma puta gata, que tá sentindo cheiro de óleo diesel e que a vida maltrata ele. A gente não acredita nisso porque a gente tá na rua e só quando passa em posto de gasolina sente cheiro de óleo diesel". Uzi destrua: "Ele sente cheiro de óleo diesel porque tá abastecendo o Mercedes dele!" Who filosofa: "Não adianta o cara falar que a vida maltrata ele, que ele tá na maior roubada, porque ele tá no maior adianto. O cara tem que se conscientizar de que ele tá sendo um ponto de referência para o questionamento existencial de milhares de pessoas. Não pode mentir assim!"

Arte refinada? — Eles são da primeira escola do rap da São Bento e já enumeram vários nomes da segunda geração, entre eles O Estilo Selvagem, O Gorro, Região Abissal, KLJ e Rap Girls (só de mulheres). E fora de SP? Jack revela: "Nós fomos há um ano e meio em Belo Horizonte e o movimento lá tava até mais forte do que em São Paulo. No Rio, ouve um encontro na apresentação do Thaíde e do Skowa no Circo Voador. Pintaram duas gangs de break muito fraquinhas".

Mas há outra escola de rap em São Paulo: MCD, do Código 13, distribui as pedras: "O pessoal do *Som das Ruas* (coletânea lançada pela CBS) não tem nada de rua. Eles nasceram dentro dos salões de bailes". DJ Hum resume: "O que nos preocupa é que os caras pegam uma música como a do Chubb Rock e fazem o que nós fazíamos há quatro anos, *pra aprender*. Os caras gravam um disco fazendo 'A lagartixa na parede/ A lagartixa na parede...' ('O Melô da Lagartixa'). Eles não sabem sequer o que um DJ faz!" Jack, que já cantou para o Chic Show, lamenta: "Eles não me reconheciam enquanto talento e queriam exclusividade. O nome deles sempre tem que ser mais importante do que o do artista". DJ Hum revela: "As equipes de baile têm um poderio que as pessoas não imaginam, porque rola no subúrbio, longe da mídia. Só o Chic Show reúne 90 mil pessoas por fim de semana. É mole?"

E preconceito? Jack é positivo: "As pessoas dizem que rap é coisa de preto. Eles vêem o pessoal do Código 13 e perguntam: 'o que aqueles brancos tão fazendo aqui?'" MCD pega a deixa: "Tem uma música do Código 13 que fala: 'Negros e brancos de um mesmo lado'...," Who raciocina: "As pessoas ainda não identificaram o rap dentro do cenário musical porque ele é uma coisa marginal, que não é elaborada, o cara não é músico nem tem formação acadêmica. Mas o rap vai guardar seu espaço, assim como o rock."

O curioso é que essa música dita marginal se atreve a mexer com a arte refinada. Uzi compactua: "Eu tô pensando em usar jazz dos anos 50 e 60: Art Blakey, Miles Davis..."

Who completa: "Viajando até no som dito de vanguarda. Philip Glass, Laurie Anderson..." Trafegando na contramão, há ainda opções de uso do nacional-popular — pensando bem, um caminho natural para o rap brasileiro. Como afirma Uzi: "A gente esteve pensando em usar uma bateria de escola de samba numa música do Credo". Jack: "Música sertaneja também é uma. É um processo que vai da criatividade de cada DJ". Who confessa: "A gente faz magica cantando em português. É superdifícil"

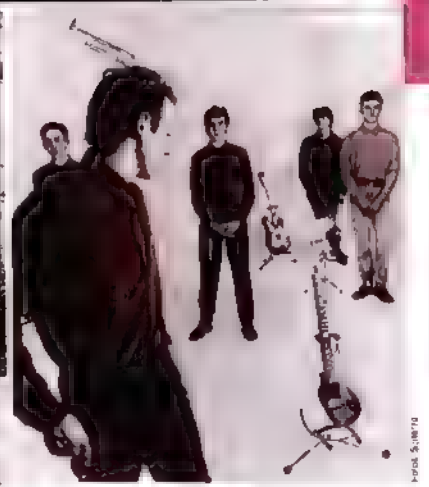
E qual é o segredo dessa magica? DJ Hum revela: "Aqui, todo mundo anda com uma bateria programada na cabeça, que faz uma batidinha que te acompanha sempre. *Tum-tum-tá tá-tum-tum*... Daí a batidinha começa a casar com as outras que você tá escutando..." Who embarca: "Você tá no metrô e tá escutando o barulho da porta abrindo e fechando no compasso da batida da tua cabeça. 'Estação São Bento', *tum-tum-tá*, 'Desembarque pelo lado esquerdo', *tá-tum-tum*. Antigamente, tinha a expressão 'isso da samba'; agora, isso da rap!" A música urbana brasileira.

MC Plasse

BIFF BANG POW!

WEATHER PROPHETS

HOUSE OF LOVE



O ELIXIR DA ETERNA ADOLESCÊNCIA

Weather Prophets, House of Love, Biff Bang Pow! Jasmine Minks. Talvez você nunca tenha ouvido falar nessas bandas. Mas vai começar logo, logo. Estas pérolas de outra vibração juvenil, mais diretamente ligadas aos anos 60, fazem parte do mais novo selo independente inglês, o Creation, e vão estourar este ano no Brasil.

Há três anos, a Grã-Bretanha foi invadida por uma profusão de combos tímidos, vestindo calças de couro preto, cantando praticamente no limite do afinado e cometendo um incesto desesperado com a geração dos *sixties*. Eles foram chamados de "shambling bands", "anorak bands", "geração de 86", "revivalistas" e "regressivos". Sua música, obcecada pelo pop perfeito apesar de ranger em arranjos improvisados, acabou se tornando uma sensibilidade comum na parada independente. Nada menos que o primeiro "movimento" espontâneo do pós-punk.

Imagine uma geração jovem demais para ter vivido o período de ascensão do punk. Uma geração que começou a ouvir Velvet Underground, Byrds e Love nos anos 80. Gente como Bobby Gillespie, do Primal Scream, que descobriu que os anos 60 foram insuperáveis — "a época áurea do rock". As novas bandas foram formadas assim, por fãs de música. Os garotos passaram a tocar o tipo de música que gostavam porque ele não estava mais sendo tocado por ninguém, em nenhuma parte. A situação é bem resumida por Paul Brotherton, guitarrista dos Bodines, uma das bandas apontadas como promissora no período: "Musicalmente, havia muito pouco ao redor. A única banda nova realmente boa em 1984 era The Smiths. Era como se todo mundo tivesse permanecido ouvindo Echo & The Bunnymen desde 1979".

A emergência da geração dos 80 foi radical. Abriu uma cratera entre as paradas, oposição uma proposta de primitivismo romântico ao embalo sexy/materialista dos Hot 100. O curioso é que essa mudança de cenário não fomentou sequer um terço da reflexão patrocinada pela performance incendiária do punk, que monopolizou a mídia de maneira obsessiva. O maior trabalho das retrospectivas desta década vai ser justamente focalizar essa mudança através do microscópio correto.

Essa história poderia ter tido um rumo completamente diferente se um grupo escocês chamado Laughing Apple tivesse obtido metade do sucesso a que tinha direito em sua época (a primeira metade da década). Era o grupo original de Alan McGee, um ruivo irrequieto que acabou criando um clube, Living Room, numa tentativa pessoal de promover bandas tão obscuras quanto a sua própria. McGee não se conformava em ver o silêncio da imprensa musical em relação às bandas que admirava, e, por um fanzine (*Communication Blur*), começou a lançar flexi-discs de suas bandas favoritas. Seu clube, por sua vez, passou a chamar a atenção para algumas bandas iniciantes e a dar lucro. Com o dinheiro, McGee acabou criando o seu próprio selo (cujo début foi o single de um grupo chamado Legend).

As primeiras gravações eram praticamente caseiras, e por isso Creation chegou a ser considerado o selo mais independente da Grã-Bretanha. Nada do que ele gravava tinha repercussão .. até "Upside Down", o single de estréia de Jesus & Mary Chain. Hoje, o estilo Creation domina a parada independente.

"O selo é meu gosto pessoal", confirma McGee. E nada melhor para desvendar esse gosto do que ouvir Biff Bang Pow!, a "banda original" da Creation, formada das cinzas do Laughing Apple com o próprio Alan McGee nos vocais. A banda combina duas tendências musicais bem definidas: um lado acústico e apaixonado e outro elétrico, vibrante, calcado no punk pop de Buzzcocks, no punk mod do Jam e na psicodelia do final dos 60 de grupos luminares como Creation, a banda que inspirou não só o nome do selo mas inclusive o nome do grupo — "Biff Bang Pow!" foi uma de suas últimas canções.

Biff Bang Pow! já chegou a seu quarto LP, *Love Is Forever*. Contudo, apesar de ter sido diretamente responsável pela criação do selo, permanece à sombra das estrelas do catálogo Creation. Mas há algumas vantagens nessa situação: "Nós certamente estamos em uma posição privilegiada, não temos nunca que dar explicações ou fazer concessões para aumentar a vendagem para a companhia." Uma curiosidade: Dave Evans, baterista da banda, agora toca com J&MC.

Após a transferência amigável dos Feedback Four (J&MC) para o selo Blanco y Negro (Alan McGee continuou a empresariá-los), a banda que passou a ser apontada como a mais promissora do *staff* da Creation foi The Bodines. Seu nome vinha de um personagem da série americana de TV *Beverly Hillbillies*. Eles se estabeleceram em Manchester e buscaram sonoridades afins com a finada banda de Ian Curtis e com os Buzzcocks de Pete Shelley.

The Bodines é a única banda dessa relação que teve um disco lançado no Brasil: seu LP de estréia, *Played* — que, por ironia, não pertence à Creation. O disco traz pelo menos um clássico: "Therese", música que chegou a ser considerada um dos marcos da década. O verso-chave da canção é "você espanta a saúde pra fora de mim". A música fez tanto sucesso que chegou a ser relançada após a saída do grupo da Creation, numa versão remixada, e chegou até o LP, editado por outro selo independente (Magnet). Assim como os Bodines, vários grupos saíram da Creation lastimando a falta de acontecimentos significativos (leia-se dinheiro). A maioria voltou arrependida. Bodines, entretanto, continua desaparecido.

Primal Scream é a banda de Bobby Gillespie, mais conhecido por ter gravado e excursionado com J&MC tocando num kit minimalista de bateria. Na verdade, Primal Scream foi formado meses antes da banda dos irmãos Reid, em 84. A banda surgiu em Edimburgo, entre Bobby, Jim "Nanjo" Beattie e os barulhos que eles tiravam de uma guitarra. Jim e Bobby eram colegas de escola que compartilhavam o mesmo gosto musical. Bobby conta: "Muita gente em 84 só considerava importante Frankie Goes To Hollywood. Para nós, importante eram os Blues Magoos, os 13th Floor Elevators e a Chocolate Watchband".

A fama de Bobby como enciclopédia de garage bands se equipara ao tamanho de sua franja e à excentricidade de sua banda, que chegou a somar seis integrantes, incluindo um músico apenas para tocar pandeiro. Mas, apesar de ter sido apontada como uma grande promessa do selo, Primal Scream só chegou ao primeiro LP em 87, depois de assinar com a WEA por meio de uma ramificação da Creation, Elevation, que representa os interesses do selo junto à gigantesca corporação. O LP *Sonic Flower Groove* foi votado pela revista italiana *Rockerilla* como o quinto melhor de 87.

Sonic, *flower* e *groove* são palavras feuches no conto 60-80. O disco é quase um manifesto. Bobby não tem vergonha de cantar refrões que repetem à exaustão "I love you" ou assinar composições que são um vício de tão doces. O flerte entre passado e presente ocorre num tunel do tempo florido e projeta um clímax próximo aos melhores clássicos da canção aveludada e elétrica dos *sixties*.

Peter Astor é a contraparte do tom primaveril de Gillespie. "Por que a chuva/ Parece sempre/ Cair sobre mim?", ele reclama no refrão de "Why Does the Rain", última gravação do grupo The Loft, o mais melancólico do catálogo original de McGee. The Loft foi uma cult band de vida breve. Sua formação era suspeitíssima: Astor era ex-colaborador da *New Mu-*

sical Express e outros dois integrantes do grupo escreviam na imprensa musical londrina (*Sounds* e *Record Mirror*). Sua dissolução ocorreu em pleno palco, no verão inglês de 85, depois de apenas cinco gravações

Astor acreditava que suas canções necessitavam de um acompanhamento diferente e, junto ao baterista do Loft e mais dois músicos, formou The Weather Prophets. As canções do novo grupo, entretanto, não diferiam muito da antiga embalagem: continuavam soando como variações de "Femme Fatale" e "Sunday Morning", canções do primeiro LP do Velvet Underground

A vocação trágica de Astor é acadêmica. Ele é formado em Literatura Inglesa. Nada menos do que o último jovem literato do pop. O primeiro single dos Prophets, "Almost Prayed", chegou ao topo da parada independente com um refrão de arrepiar: "Eu olhava os cisnes no rio de diesel/ Risquei um fósforo e os observei queimar contra a noite/ Eu quase rezei"

Em pouco tempo, o Weather Prophets chamou a atenção da Warner, que, via Elevation, bancou um LP produzido por Lenny Kaye, o lendário guitarrista de Patti Smith nos anos 70. Mas o disco não obteve a promoção necessária e a banda acabou voltando para seu lar espiritual, Creation. Seu novo LP, *Judges, Juris and Horseman*, traz a formação reduzida para trio, embalando as novas obsessões de Peter Astor com distorções de rock vigoroso *à la* R.E.M

Mais melancólico que Weather Prophets só o Felt, veículo sonoro de Laurence, um poeta ligeiramente louco, como todo romântico que preza a tradição. O Felt surgiu em 82. Sua entrada no Creation é tardia, consequência de uma afinação de propostas. Seus discos são climáticos, permeados por uma atmosfera sacra, o som da beatitude suicida nas alturas "Deixe-me dar um conselho/ Enforque-se em seus sonhos", sugere Laurence. Seus versos cinzentos são embalados por guitarras límpidas e um órgão celestial

O Pastels também surgiu em 82 e chegou à Creation na metade de sua trajetória. A voz introvertida de Stephen Pastel e o *drive* saturado da guitarra tornaram Alan McGee um fã confesso. Seu som é desacelerado como uma *trip* de heroína. Psicodelismo cinzento na tradição do VU. Em 85, romperam com a Creation e chegaram ao primeiro LP pelo diminuto selo Glass. O disco traz gravações da fase da Creation que não repetem o pique dos singles originais. Sua força, porém, está nas músicas inéditas, uma desconcertante sucessão de barulhos suaves que corroem, inclusive, uma resposta ao poema básico de Auden "If I Could Tell You", enterrada junto a um quarteto de cordas, sob quilos de distorção sulfúrica. Seu novo LP, *Suck on the Pastels*, traz a banda de volta ao Creation e às cicatrizes ácidas

My Bloody Valentine, criado em Dublin, Irlanda, gravou seu primeiro LP em Berlim, em 84, com todo o arsenal de feedback e trash pop que acabou tornando J&MC famoso. Entretanto, a banda só abandonou a segunda divisão independente após uma reformulação total, emergindo em 88 como uma das melhores bandas britânicas, capitaneando o renascimento da Creation. A atual formação são duas gatas estonteantes e dois rapazes malcomportados. Sua música é estridente, alucinógena. Suas canções falam de perversões sexuais, o caos do desejo... "Alimente-me com seu beijo", repete seu melhor single, através das entranhas da vocalista Valentine Bilinda. Suas harmonias psicodélicas são flashbacks ácidos, compostos sob influência de drogas químicas. A depressão e a extrema ansiedade de suas composições são o supra-sumo do cenário pós-Mary Chain, resultado de um cansaço terminal adquirido após intermináveis sessões de canções perfeitas tocadas de jeito agressivo.

House of Love é a atual *overnight sensation* da Creation. O rosto de seus integrantes ilustra as capas das principais publicações da Inglaterra. O quarteto vem de Camberwell, no sul de Londres. Assinaram com a Creation em 87 e obtiveram sucesso imediato. Seus dois primeiros singles foram prensados como um LP na Alemanha, terra natal do vocalista/compositor Guy Chadwick, o terceiro single, "Christine", se tornou um clássico da noite para o dia e seu LP de estréia foi sacramentado com os mais rasgados elogios da imprensa — "o melhor álgum desde a estréia dos Smiths!" Guy sequer se espanta: "As pessoas sempre gostaram de nós. Nós sempre tivemos críticas brilhantes. Ninguém nunca foi capaz de escrever nada de ruim sobre a gente, porque... bem, eu acho que somos brilhantes..."

Alan McGee, fundador e responsável pelo estilo da Creation: "O selo é o meu gosto pessoal"

A verdade, entretanto, é que Guy Chadwick na metade dos anos 80 liderava uma banda chamada The Kingdom e ninguém lhe dizia coisas brilhantes. Houve uma época em que ele, inclusive, esteve sob contrato da RCA. As canções que agora são aclamadas como antológicas são desse período. Na época, a gravadora "as odiava". Apenas uma coisa boa aconteceu nessa época: "Eu sempre fui um grande fã do Velvet Underground e do trabalho solo de Lou Reed. De alguma forma, minha esposa — que também me empresariava — encontrou o empresário de Lou Reed e disse: 'Tem esse cara que também está na RCA e que adoraria se encontrar com Lou'. Ela lhe deu uma gravação do meu material. Então, Lou chegou numa tour e seu empresário ligou: 'Lou ouviu o seu tape e ele realmente amou. Ele quer encontrar você'. Eu fiquei excitadíssimo. Mas, no dia seguinte, fui demitido da RCA"

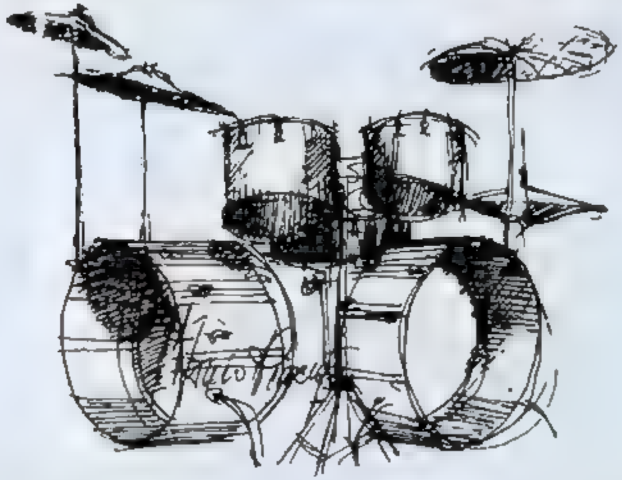
House of Love segue à risca as lições de sadomasoquismo de Lou Reed em seus anos visionários. Sangue e lágrimas são palavras-chaves nas canções, resultado de duas obsessões básicas: sexo e religião. A banda, inclusive, tirou seu nome de uma das novelas da autora erótica/pornográfica Anais Nin (Velvet Underground, por acaso, é o nome de um livro pornô). E Guy é bastante claro a respeito de religião: "Um homem pregado numa cruz é uma imagem lindamente forte". O sadismo e masoquismo na poesia de Chadwick é cantado em versos como "Isso é perverso e espiritual/ Eu gosto de ver as coisas sangrarem", ou mesmo "Eu amo o jeito dela chorar". A música é hipnótica, um *wall of sound* construído por guitarras dramáticas, feito porcelana bonita prestes a se partir em pedaços. A banda faz questão de pisar nesses cacos.

O catálogo da Creation ainda traz a beat music dos Jasmine Minks, responsável por "You Cut Me Deep", uma das melhores faixas da coletânea best seller *Doing It for the Kids*, de 88, além do folk com feedback de Jazz Butchers, o feedback de Slaughter Joe, o eletroacústico de Momus, o neo-mod de Times, as *love songs* melancólicas de Razorcuts, Emily e Nikki Sudden, os debutantes Apple Boutique Blow Up, Pacific, Jacobites etc. Isso vai começar a sair no Brasil este ano (via Stiletto)

É possível dizer que Creation é a última grande gravadora independente que conta — enquanto a Factory vampiriza Joy Division, a 4AD repete a fórmula de Cocteau Twins *ad infinitum* e a House Music milita contra o "espírito" independente, aproximando novamente os extremos estilísticos das paradas britânicas. Seu catálogo é a "revolução" possível. Daqui a dois anos vão estar contando a história do acid house com cores menos carregadas. O tempo reescreve tudo. Mas nada apaga a canção de pura vibração juvenil. O pop eternamente adolescente. Os bons tempos para sempre

Marcel Plasse

2º ENCONTRO BRASILEIRO DE BATERISTAS



Agarre esta chance de mostrar seu talento junto aos maiores bateristas do Brasil

1º prêmio
Uma bateria "DRUM SÉRIES" ROCK com dois bumbos, dois tons-tons, surdo e caixa. Equipada com ferragens e pedais.

2º prêmio
Uma bateria "DRUM SERIES" FUNK com um bumbo, dois tons-tons, surdo e caixa. Equipada com ferragens e pedais

3º prêmio
Uma bateria "DRUM SERIES" STUDIO com um bumbo, dois tons-tons, surdo e caixa. Equipada com ferragens e pedais.

Prêmio Especial.
Uma bateria eletrônica ao melhor solo ou programação para bateria eletrônica e periféricos

Como participar:
Grave um solo de bateria em fita cassete de aproximadamente 2 (dois) minutos. Envie a fita junto com o cupom de inscrição para a ESCOLA DE MÚSICA DRUM - Rua Edson, 96 CEP 04618 - Brooklin - São Paulo SP, respeitando as normas do regulamento.

Regulamento:
1 - O solo deverá consistir apenas da performance do baterista, sem acompanhamento de músicos.

2 - O solo deverá ser de natureza original. Reproduções previamente gravadas ou solos já escritos não serão aceitos.

3 - Só aceitaremos uma fita por concorrente

4 - A fita deverá ser marcada com o nome do baterista, endereço e número do telefone (marque no corpo da fita e não na caixa).

5 - O cupom de inscrição deverá ser remetido junto com a fita. Não envie outro tipo de material escrito, com cartas ou foto. Se o concorrente tiver menos de 18 anos, um responsável deverá assinar por ele

6 - Só participarão do concurso os cupons que chegar em nossas mãos até 05/03/89.

7 - As fitas tornar-se-ão propriedades da ESCOLA DE MÚSICA DRUM LTDA. e não serão devolvidas.

8 - Serão selecionados 20 (vinte) melhores solos e interpretados ao vivo para julgamento em local e data pré-determinados.

9 - Os finalistas serão notificados e seus nomes publicados na revista BIZZ de abril

10 - O transporte e hospedagem dos finalistas correrá por conta dos organizadores do evento

11 - A qualidade do som da fita não contará pontos na escolha. Os solos serão analisados pela originalidade, técnica, imaginação e musicalidade, não importando o estilo ou gênero a ser usado.

12 - Será permitido o uso de acessórios eletrônicos.

Como fazer sua inscrição
Aos candidatos, será cobrada a taxa de 01 (uma) OTN do mês vigente, que deverá ser enviada a ESCOLA DE MÚSICA DRUM LTDA, em forma de cheque nominal cruzado, junto com a fita e a ficha de inscrição.
As inscrições também poderão ser feitas diretamente na escola, bem como a gravação em seu estúdio.

Envie este cupom junto com a fita para:
Escola de Música Drum Ltda.
Rua Edson, 96 - Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP

Nome ______
End.: ______
Cidade ______
CEP ______ *Estado* ______
Tel ______

Realização

DRUM
Rua Edson, 96
Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP
Tel. (011) 533-7721

Apoio Cultural

BIZZ
FM 97

Por Sônia Maia

Edgard Azy

O Brasil — especificamente o Estado de São Paulo, Curitiba e Brasília — ganha seu único programa de TV destinado às novas bandas. Trata-se de uma iniciativa da TV Cultura SP que desde março de 87 colocou no ar o *Boca Livre*, já chamado por alguns de *Chacrinha* dos anos 80. Sob o comando de um dos heróis da agitação cultural paulista — Kid Vinil — e inspirado no antigo *Fábrica do Som*, vai ao ar, ao vivo, às segundas-feiras com reprise aos domingos. Cinco novíssimas bandas apresentam uma composição própria, julgado por um júri de cinco pessoas pertencentes ao meio. Ao final de cada semestre, os vencedores de cada semana concorrem a viagens, videocassetes e aparelhos de som. Público e audiência não faltam — sedemos de um programa similar, a galera lota o teatro Franco Zampari, localizado na estação Tietê do Metrô paulista. Só falta mesmo um apoio mais significativo de outras empresas privadas — como gravadoras, rádios e afins — para que o programa possa dar algo mais que simples divulgação às bandas — o que já é honroso neste mar de péssimas opções televisivas para o público jovem.

Todo ano o Colégio Objetivo realiza um festival de música jovem que já rendeu talentos como o de Paulo Ricardo, ex-aluno e que já pisou no palco de um dos eventos do gênero. No final do ano passado eu estive presente numa das eliminatórias como jurada. Vinte bandas se apresentaram e mostraram amadurecimento, embora nem todas tenham talento suficiente para sair da "diversão" para o mercado. A surpresa ficou por conta das boas letras. A iniciativa de um evento desse porte — realizado com uma boa equipe de som, com patrocínios e no ginásio do Ibirapuera, palco onde pisam, normalmente, só os grandes nomes nacionais e internacionais — peca apenas por uma falha. Acontece que o júri é formado por professores das várias unidades das Organizações Objetivo, mais um júri popular de pais de alunos e, raramente, uma pessoa do meio musical. Por não estarem atentos às diversas vertentes da música jovem, o júri acaba deixando de fora bandas personalizadas, inovadoras e de boa presença de palco. Foi o que aconteceu com o Banana Explícita — um hip hop em cima, com uma letra bem ao sabor dos tempos ("Rock & Hip Hop") —, de fora para a final. Outro destaque vai para o excelente grupo — sem nome — que apresentou a música "Inocente", a grande revelação desta eliminatória.

Talvez não seja do interesse das Organizações Objetivo estender seu festival para fora dos âmbitos de suas unidades. Mas dado o nível — que poderia se sedimentar ainda mais com um júri à altura dos grupos —, seria bom que fosse feita uma divulgação maior pela imprensa, porque, com certeza, dali podem sair muitos talentos.

Everton Ballardin / Azul

Colarinhos Caóticos é uma banda cujo vocalista/guitarrista entrou na redação de *BIZZ* distribuindo as cópias de seu primeiro LP — *Introdução* — a todos que encontrava pela frente. Vinda do Sul, surpreendeu por ainda não ser conhecida nem aqui, nem lá. Numa audição, os críticos mais exigentes da revista se encantaram. Ao descobrir sua história, pudemos entender porque um primeiro disco, de uma banda completamente desconhecida, pôde chamar tanto a atenção. Egito (vocal/guitarras), Leandro (bateria), Álvaro (teclados/sampler...) e Beltrão (baixos) estão tocando há mais de seis anos. A formação desta banda data de agosto/setembro de 87, com os atuais integrantes desde novembro do mesmo ano. O que despertou interesse da moçada daqui foi a fusion jazz-rock-caótica, tocada com conhecimento de causa e que traz a marca registrada do Sul — anarquia interveniente —, embora o grupo pouco circule pelo circuito gaúcho. Até aí pode parecer nenhuma novidade. Só que esta fusion soa não intencional, e tem paralelo apenas com as diferentes origens e referências de seus compositores. Álvaro e Leandro têm uma formação jazzística; Beltrão já tocou baixo acústico na Orquestra Sinfônica de Cachoeirinha; e Egito já percorreu várias cidades brasileiras tocando com "Deus e o mundo". Na palavra de Egito, "quando surgiu a proposta de fazer esta banda, buscamos uma linguagem nossa, que não tivéssemos ouvido em lugar algum. Talvez isso pudesse vir a ser chamado de rock Brasil, porque pegamos uma coisa do negro americano, de dançar, e o lado da opressão, miséria e fome do Terceiro Mundo, que aparece não apenas nas letras mas também na música. Inclusive o nome do grupo remete a isso". Muitos tentaram algo parecido, mas poucos conseguiram identidade e coesão tão certeiras quanto os Colarinhos Caóticos.

WEA

RATTLE AND HUM — U2 (WEA)

Criado em Dublin, no início de 78, o U2 percorreu uma trajetória cercada de ricas paisagens, sedutores atalhos e inevitáveis abismos. Hoje com o duplo *Rattle and Hum*, que, entre hits, versões e inéditas, totaliza nove composições gravadas ao vivo em sua turnê americana e cinco em estúdio, o quarteto (Bono Vox, vocais e guitarras; The Edge, guitarra, teclas e backing vocals; Larry Mullen, bateria e Adam Clayton, baixo) alcançou a glória que, para tornar-se incontestável, vem reforçada pelo energético filme homônimo, dirigido por Phil Joanou, e a biografia *The Unforgettable Fire — The Story of U2*, de Eamon Dunphy. *Rattle and Hum*, com uma produção digna de todos os méritos, deve ser encarado como uma síntese de toda a sua obra e das linhas de fuga pessoais e impessoais que a inspiraram. É o testamento em carne viva de um ciclo que recolhe a espontaneidade de *Boy* (78), a maturidade de *October* (81), o popismo de *War* (83), os vigorosos esboços de *Under a Blood Red Sky* (84), o tom popster-convencional de *Unforgettable Fire* (84) e a incorporação passional da América de *The Joshua Tree* (87), a qual ocupa lugar primordial em todo este novo álbum.

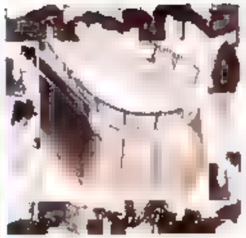
O grande trunfo do U2 acaba por ser finalmente flagrado, ou seja, sua força de soar como uma banda compacta em que todos assumem funções destacadas e genuínas, plenas de *punch* e sensibilidade. Obviamente que nesta arte do grande rock o U2 não escapa de alguns suados clichês, concessões ao pop ortodoxo e uma postura de conhecido político que, vista ao vivo (no filme isso é marcante), chega a empolgar, mas, se analisada imparcialmente, nada deixa a dever ao chato populismo de protesto que em certa instância é convivente com o discurso do *establishment* (vide que em sua terra o grupo vem sendo duramente criticado). Contudo, dada a energia de certas canções, tais detalhes passam batidos. Naturalmente, a inclusão das covers "Helter Skelter" (Beatles) e "All Along the Watchtower" (Bob Dylan) e das participações especiais de B.B. King ("When Love Comes to Town"), Bob Dylan ("Hawkmoon 269" e "Love Rescue Me"), Brian Eno ("Heartland") e do arranjador americano Van Dyke Parks ("All I Want Is You") deram um colorido bastante peculiar. Entre as novas composições, os destaques são a lindíssima balada "Van Diemen's Land", a 60's soul-popster "Angel of Harlem", a emotiva folk-ballad "Love Rescue Me" e o hard-power-rock "Desire". Quanto às versões, vale ressaltar a energia de "Helter Skelter" e a inteligente recriação de "All Along the Watchtower". Resta esperar os próximos passos e as novas releituras da América, o país que reinventou a musicalidade do U2.

Fernando Naporano

O MITO — Joao Gilberto (EMI-Odeon)

É demais! O João da capa, sentado em um banco de praia, é aquele da virada dos anos 60, ainda com todos os seus cabelos e olhos postos num ponto invisível. E o João que já na época devia saber (os gênios sempre sabem, e nisto nao vai qualquer arrogancia) que estava instaurando uma revolução na musica brasileira que acabaria por repercutir em vasta parcela do mundo. Eu me lembro de, bem menino, ouvir pela primeira vez "O Barquinho", na voz de Maysa. O que era aquilo? Que harmonia torta e envolvente era aquela, em franco desafio ao samba-canção vigente? Hoje percebo por que todo mundo na família, a exceção da tia cantora que me fez a revelação, torcia o nariz, em estado de choque. Aquilo era *novo*. Era uma nova geração em estado de graça sacudindo o marasmo a porradas, a sutileza das modulações substituindo o choramingo histriônico dos boleros, a riqueza dos acordes em troca do pífio violão e orquestrações dos monstros sagrados. Este LP triplo é um magnífico presente para os ouvidos. Por recuperar 39 musicas gravadas por João entre 58 e 61. Por mantê-las intatas, com seus começos subitos e *fade* rudes, sem ousar uma remixagem. E mais, para quem se interessa por música e tem um violão ao alcance, por trazer todas essas músicas fielmente cifradas por Ugo Marotta, um dos pioneiros da bossa nova. O que se vê nesses discos é um verdadeiro tratado de harmonia. Em apenas um deles, contam-se nada menos que 45 acordes diferentes, que João emenda e perfila com a maestria de quem sabe juntar em um todo coerente coisas anteriormente julgadas dissonantes ou dispares demais. João canta os clássicos da bossa nova (como o entortante "Desafinado") e recria Ary Barroso ("É Luxo Só", "Morena Boca de Ouro") e Caymmi ("Samba da Minha Terra", "Saudade da Bahia"), tudo em versões curtas, quase sempre sem repetições da melodia, como era o costume da época. Dá uma luz surpreendente a ingenuidade de "Trevo de Quatro Folhas" e ao surrealismo de "O Pato". Só os privilegiados tem um ouvido igual ao de João. Coisa mais bonita é você. Um documento obrigatório como aprendizado, como emoção.

José Eduardo Mendonça



DeFALLA (Plug/BMG)

Nao sei não, algo me diz que o grupo gaúcho está se acomodando à própria imagem. Se o primeiro LP era um desnorteante exercício no caos, este — ainda que contenha os mesmos elementos corrosivos — soa sempre um tanto mais polido, mais pálido, menos visceral. Meio subjetivo? É. De qualquer modo para quem não conhece: eis uma banda a anos-luz da pasmaceira do rock nacional, movida a hip hop e hard rock, com ramificações de Beatles a Raul Seixas (é um achado a regravação de "Como Vovó Já Dizia") e cinema (*O Massacre da Serra Elétrica* e *Nascido para Matar* estão entre as citações). As letras? 80% de *nonsense* em inglês, inconsequência total. Só falta algum sangue.

A.A.

INDESTRUCTIBLE — Four Tops (BMG-Ariola)/**LET ME TOUCH YOU — The O'Jays** (EMI-Odeon)

Dois exemplares de uma espécie rara nos dias de hoje: discos não só de soul, como *com* soul.

E quando as cordas vocais filtrando a Alma são as de Levi Stubs e Renaldo "Obie" Benson, dos Four Tops, ou as de Bobby Massey e Bill Isles, dos O Jays, dois grupos cujos *back catalogues* espetam corações há décadas. (Mais precisamente, desde 54 — os Tops — e 58 — no caso dos O Jays.)

Apesar de ser da mesma geração, os dois grupos se tornaram emblemáticos de diferentes safras/fases/estilos. As harmonias doces na renda tecida a muitas vozes, metais, violas e violinos: o pop de ouro da Motown, *design* de produtores como Smokey Robinson e o trio dos irmãos Eddie e Brian Holland com Lamont Dozier. Este, o celeiro em que os Four Tops floresceram e frutificaram.

Em *Indestructible* — com a Motown deixada há muito tempo —, há um rodízio de "produções" e um *big help from friends* como Aretha Franklin, Albert Hammond, Narada Waldem e até Huey Lewis & the News (!). Mas é um disco que deve ser ouvido do fim para o começo: o primeiro lado é uma morna decepção. O segundo, desde "Loco in Acapulco" (parceria Lamont Dozier/Phil Collins), pega fogo.

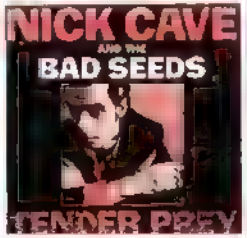
O celeiro dos O'Jays foi aquela transição entre *soul* e *disco* que é o Philly Sound dos produtores Kenneth Gamble e Leon Huff. É com essa mesma dupla que o trio rasga o protocolo em *Let Me Touch You*. Ouça dance.

J.A.L.

LOOK OUT!... IT'S LOUIS JORDAN AND THE TYMPANY FIVE (Brasidisc)

O cantor e saxofonista Louis Jordan (1908-1975) foi um elo de ligação essencial entre o jazz, nas suas formas mais tradicionais, e a sua evolução para o rhythm n'blues até o rock n roll. Seu modelo era Fats Waller e sua aprendizagem foi feita numa *big band* até tornar-se, ele mesmo, modelo e influência declarada de gente como Fats Domino e Chuck Berry. Se esta coletânea não chega a reunir todos os seus maiores sucessos, ela serve pelo menos para completar a discoteca de muitos colecionadores.

J.Y.N.



TENDER PREY — Nick Cave & The Bad Seeds (Stiletto)

Misericórdia, refúgio, morte são as palavras recorrentes das "baladas-preces" de Nick Cave neste LP dedicado a Pixote. É o quinto com os Bad Seeds, que sofreram uma pequena alteração: sai Barry Adamson, entra King Congo Powers (ex-Cramps, ex-Gun Club) e o pianista alemão Roland Wolf. Só que as tormentas da alma de Nick em *Tender Prey* são iluminadas por uma grande diversidade de climas e arranjos (talvez uma lição aprendida com *Kicking Against the Pricks*), e o resultado é uma surpreendente viagem pelos porões da existência. A destacar, canções como "The Mercy Seat", "Mercy", "City of Refuge", "Deanna", que ilustram a feliz combinação do sombrio com o luminoso.

B.A.

O GRANDE AH...! (Independente)

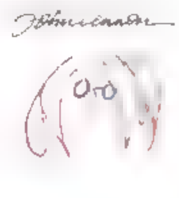
Imagine as letrinhas pseudo-engraçadinhas da Blitz cantadas com um vocal sub-Vania Bastos e tocadas com um instrumental à la 14-Bis, com participação especial de Claudio Venturini. Ah...! É isso. Made in Minas Gerais. Às vezes, o resultado soa uma mistura de Jean-Luc Ponty com Lô Borges. Suas musicas seguem uma linha de citação que aspira ao status da cinetilha, entretanto nao conseguem ultrapassar a pouca definição da visao telenaníaca. Algumas perolas: "Que marciano que m/Foi dar bandeira pra cima de mim/Trazendo essa besteira de Marte Pro fundo do meu quintal?" Ou, "Tarzan tá viajando de cipó em cipó". Um grande... argh!

M.P.

HAVE GUITAR, WILL TRAVEL — Bo Diddley (Brasidisc)

É bom termos outro disco de Bo Diddley editado no Brasil para observarmos, por exemplo, que uma musica como "Desire", do último LP do U2, é bem menos original do que seus créditos nos fazem supor. Sua batida é claramente inspirada no toque sincopado da guitarra de Elias McDaniel, ou Bo Diddley, que se tornou sua marca registrada em canções como "Who Do You Love?" e "I'm a Man", que mereceram incontáveis versões posteriores de várias bandas. O repertorio de *Have Guitar...* não inclui as músicas mais conhecidas de Diddley, mas apresenta uma bem elaborada seleção com seus sucessos intermediários, com grandes momentos como "Mumblin' Guitar", a instrumental "Spanish Guitar" e o inspirado diálogo entre Diddley e seu *side man*, o baixista e tocador de maracas Jerome Green, em "Say Man, Back Again". Um detalhe: a Brasidisc, que já melhorou a qualidade sonora de seus LPs, poderia dar uma caprichada no som e nos créditos de capa.

C.P.



IMAGINE — John Lennon (EMI)

A trilha sonora do filme sobre a vida de John Lennon tem poucas surpresas. Há apenas duas gravações inéditas. "Real Love" é uma gravação caseira de John e seu violão. A qualidade sonora não é das melhores, mas a musica compensa com uma atração hipnótica. A impressão é de que se trata de um *out-take* do *Álbum Branco*, embora seja uma das últimas composições do ex-beatle. A outra inédita é uma versão de "Imagine", um *out take* da sessão que definiu a gravação oficial, que, por sinal, também está incluída neste álbum duplo. No disco 1 é que se concentram as musicas dos Beatles: das calças de couro ("Twist and Shout") ao psicodelismo ("A Day in the Life"). A seleção tem momentos históricos, como a inclusão da "Ballad of John and Yoko", canto de cisne da carreira dos *Fab Four*. A passagem mais iluminada do disco 2 é "God", celebre por dizer: "Eu nao acredito nos Beatles/ O sonho acabou". Mas talvez a lembrança mais amarga para seus fãs seja "(Just Like) Starting Over", a canção em que John anunciava sua disposição de recomeçar, à vespera de seu assassinato. É daí que "Imagine" para tocar os corações de maneira barata... *C'est la vie*.

M.P.

THE HIT STORY OF BRITISH POP — VOLS. 1 a 6 (Brasidisc)

O título é bastante pretensioso para uma coleção que exclui Beatles, para citar o exemplo mais óbvio. Trata-se de uma combinação de hits de um numero reduzido de expoentes do pop britanico dos anos 60 — apenas 25 artistas. The Kinks sao os recordistas em repetição, com onze canções — de "You Really Got Me", tida como precursora do heavy e do punk, até "Lola", que cunhou a famosa frase "girls will be boys and boys will be girls" —, material suficiente para um LP proprio. Mesmo assim, há surpresas para os fissuradinhos em pó de gravações raras, como as duas faixas dos Rockin' Berries, gravadas em 64 e 65, timidamente flertando com o estranhamento dissonante que o Velvet Underground consagraria dois anos depois. Há tambem Lonnie Donegan, a versão britânica de Presley e maior representante do skiffle (estilo precursor do rock britânico), com uma música do final de sua carreira, quando seu trabalho se voltara para o vaudeville. Destaque também para "Ain't That Funny", de Jimmy Justice, um *top ten* de 62 assinado por Les Vandyke, pseudônimo de Johnny Worth, o mais consistente compositor de hits do periodo. Em compensação, há também a pieguice kitsch de Joe Dolan, alguns covers infelizes de Beatles e Stones e cinco (!) canções do Status Quo, grupo que invariavelmente é considerado o pior de todos os tempos. Mas esse não é o fim das faixas boas. Sandie Shaw é a cantora favorita de Morrisey. Entre suas nove participações se destaca "Puppet on the String". Petula Clark nao tinha metade do seu estilo. A mais antiquada das *girl singers* vem com "Ya Ya Twist". The Searchers passaram para a história por "Needles and Pins", um cover de Jackie DeShannon que apresentou pela primeira vez o timbre de guitarra que se tornaria marca registrada dos Byrds. Há ainda mais cinco canções do grupo na coleção. Donovan foi a resposta britanica a Bob Dylan. Em "Universal Soldier", sua pregação pacifista atinge um alvo conturbado: a guerra do Vietnã. Há ainda The Honeycombs com o clássico "That's the Way", The Foundations com o soul "Back on my Feet Again" e uma dúzia de outros excitantes refrescos. Para ouvir como acompanhamento do *revival* dos biquinis neste verão.

Marcel Plasse

LIVE & WELL — B.B. King (WEA)

Foi muito interessante para B.B. ter tido uma arrancada definitiva em sua carreira através do produtor Bill Szymczyk — na época (69) um jovem promissor que ainda produziria, entre outros, J. Geils Band e The Band. Com B.B. King, Bill fez um trabalho livre de certos apegos tradicionalistas.

Assim, do lado [illegible] (ao vivo em Nova York), o *bluesman* aparece à vontade, fazendo o publico vibrar e participar em "Don't Answer the Door" e "Just a Little Love" com força e paixão. Do lado "Well", ele é reunido com uma turma das mais competentes do *blues rock* branco num estudio de Los Angeles. Gente como o pianista Al Kooper e o genial baixista G. Jemmot. Um meio dolente leva, então, a um suingue de matar.

L.R.

ARACY — Aracy de Almeida
ARACY AO VIVO E A VONTADE — Aracy de Almeida (Continental)

Parabéns à Continental pela feliz idéia desses dois lançamentos. Em primeiro lugar, a raridade de registro em vinil dessa cantora e personagem tão especial apaga qualquer suspeita de oportunismo. Em segundo, como diz Zé Rodrix, é uma pena e uma injustiça que as novas gerações só conheçam "Aracy" como atriada do programa de Silvio Santos. *Aracy* registra, no lado B, momentos inspirados da maior intérprete de Noel Rosa: "Pra Que Mentir", "Último Desejo", "Meu Consolação" — só a irreverência de Aracy para captar a poesia irônica do poeta da Vila. No lado A, ela demonstra que era igualmente boa com outros compositores — atenção para a belíssima "A Voz do Morto", de Caetano Veloso, e "Sala do Meu Caminho", de Custódio Mesquita e Evaldo Ruy. *Ao Vivo e à Vontade* é o fruto de uma calhordíssima e brilhante homenagem de Tico Terpins (que a chamava de pai) e Zé Rodrix. Trata-se de um show realizado no então templo dos independentes paulistas Lira Paulistana, em 1980. A qualidade é até surpreendente para um disco gravado ao vivo. Nele Aracy canta Noel, claro, e há uma rápida e engraçada entrevista com imensa participação do público. Aliás, é curioso comparar as duas versões de "Não Tem Tradução" — a voz, na mais recente, envelheceu um pouco, mas o espírito e a técnica continuam intactos. De quebra, o texto de *Le* Rodrix na contracapa conta a história desse show e ilumina um pouco a personagem Aracy de Almeida. *B4*

DUO FÉNIX (RCA)

Num bilhete enviado a Claudio Daudelsberg (que forma o duo no violão e teclados com Delia Fischer), o respeitadíssimo Chick Corea classifica este disco de "muito bonito".

E é mesmo.

Parece, no entanto, de uma identidade indefinida, ao se demasiado na trilha do próprio Corea, mesmo que mais consistente que vários grupos instrumentais nacionais e internacionais que embarcam na velha e desgastada *fusion*. Pontos para "Ornithology", o clássico de Charlie Parker, em boa adaptação de Daudelsberg. *J E M*

CASUAL GODS — Jerry Harrison (PolyGram)

Tal como o guitarrista Richard Lloyd (do saudoso Television), a eminência parda dos Talking Heads, o ex-*modern lover* Jerry Harrison tem uma produção solo bissexta. Este é seu segundo LP solo - sete anos depois de *The Red and the Black*, feito na mesma pegada por *Remain in Light* (1980), uma das obras-primas dos Heads — e apresenta Harrison revisitando a fase mais funk e pop do grupo, cristalizada durante os anos 80, e distante da atual fase afro-caribenha desenvolvida em *Naked*. Porém, esta capa — com uma impressionante foto do garimpo de Serra Pelada — também esconde pepitas casuais como "Man With a Gun" e "Let It Come Down". *C P*

CONTOS DE BENIN — Araketu/ LAMBADAS — Avatar (Continental)

As águas da música afro-caribenha-baiana continuam atravessando pontes e chegando ao vinil, sem que — no entanto — a equação *quantidade* versus *qualidade* esteja satisfatoriamente resolvida. Falta, principalmente, produção e instrumental que avancem além do simples prazer tribal da dança. Dançar é de lei, mas pensar também.

O bloco Araketu, criado há oito anos no subúrbio de Periperi, chega ao segundo disco de forma fraca. Não adianta simplificar de modo paternalista a pobreza musical dos blocos afro, que mantém a força no vocal e na percussão, justificando a maioria dos trabalhos como uma força de resistência cultural. Isto já sabemos, mas... e daí? Não vamos chorar o leite derramado quando a questão em foco é a musicalidade. Nem mesmo a presença dominante de Tonho Matéria, uma das estrelas da música afro-baiana, salva o resultado final de *Contos de Benin*. Ao contrário do Olodum, o Araketu não possui um ritmo original ou empolgante, com sua bateria não indo além do samba convencional e mesclado ao toque do ijexá. Para piorar a situação, o bloco segue a via saturada das letras recheadas de historicismo, com relatos dos deuses, reis e lendas do povo africano. Nas faixas em que o Araketu investe numa visão social — "Crianças Desabrigadas" e "Desgosto de Mãe" — a coisa fica ainda mais beirutana, com letras quase patéticas sobre menores desamparados.

Quanto ao segundo disco, o ritmo caribenho da lambada — há muito popular no Norte e Nordeste — vive dias de glória com a proliferação de lambaterias por todo o país. Mas, gravada em dezesseis canais nos estúdios da WR (a *alien*-mãe da nova música baiana), a estréia da banda Avatar é medíocre. Das oito faixas, salva-se apenas "Mule Fubanga", um mela-cueca que traz a assinatura de Geronimo em parceria com Dito (ex-Tom e Dito). O resto é muito rasteiro, com pelo menos duas músicas horríveis: as melosas "Truzulu da Maneta" e "Mel do Cajá". Entre as dezenas de bandas de lambada que ensaiam em fundos de quintais por toda Salvador, certamente existem coisas melhores. Poupe-se. *Hagamenon Brito*

CULTURA DE RUA — Vários E
dorado

Nada mais lógico que a metrópole São Paulo dê à luz versões verde-amarelas do hip hop. A diferença é que o acesso aos equipamentos de som adequados é mais difícil na periferia daqui que nos bairros pobres de lá. Os quatro grupos — Thaide Código 13, MC Jack e O Credo — que dividem as oito faixas desta coletânea (a primeira do gênero no Brasil) têm uma história comum que começa nos tempos do *breakdance* em 83, e passa pela estação São Bento do metrô, local onde os DJs rappers e grafiteiros se agregaram aos *breakdancers*. As músicas revelam letras fortes e arranjos criativos, mas os sons e o *beat* ainda não conseguem morder com a força das feras do Bronx, por causa de produções anêmicas. *J V N*

CONFESSIONS OF A POP GROUP — THE STYLE COUNCIL (PolyGram)

Os fãs do The Jam nunca vão se conformar. Paul Weller e Pete Townshend socialista que liderou a mais inglesa de todas as bandas surgidas na onda do punk rock, permanece firme junto ao valor. The Style Council, o duo que Weller formou com o tecladista Mick Talbot após enterrar o Jam, agora conta oficialmente com os vocais de Dee C. Lee, que já havia participado de LPs anteriores. O lado A, que tem como subtítulo "The Piano Paintings", é o reino de Talbot que chega a decalcar Ravel numa suíte de três partes (!). O lado B, o das "confissões de um grupo pop", é mais razoável. Weller sonha em virar um cantor de soul. Mas o melhor que consegue é soar como plágio. *M P*

SHOWDOWN! — Albert Collins/Robert Cray/Johnny Copeland (WEA)

Para os neófitos, que podemos pensar que se trata de um outro disco de Robert Cray — considerado por alguns a revelação da guitarra blues dos anos 80 —, é bom esclarecer que as coisas não são bem assim. Na verdade, o grande astro desse *Showdown!* é o *bluesman* texano Albert Collins, também conhecido como "o mestre do Telecaster" e pupilo do lendário Lightnin' Hopkins. Na ativa desde 1958, Collins celebrizou-se pelo seu toque cool de guitarra, tendo tocado com Little Richard e Johnny "Guitar" Watson e no fim dos anos 50 tornado-se o mentor musical do jovem Johnny Copeland, e anos mais tarde também de Cray. Ouça e comprove como as maiores glórias são do velho mestre. *C P*

ÁRVORE DA VIDA — Jorge Mautner GG-WEA)

Jorge Mautner, 48 anos, é cantor, compositor, violinista, escritor, filósofo e ativista político. Como escritor, publicou nove livros desde 1962. Como político, foi fundador do partido anarquista Kaos e um dos primeiros na lista dos intelectuais perseguidos pelo Movimento de 64, obrigado a viver exilado nos Estados Unidos, de 64 a 72. Como cantor e compositor tropicalista, selou um pacto de amizade irrestrita com Caetano Veloso e Gilberto Gil, desde que subiu pela primeira vez num palco, em 58. Apesar de ser um grande compositor ("O Vampiro", interpretada por Caetano, e "Lágrimas Negras", por Gal Costa (que constam neste LP, o sexto de sua carreira), são de sua autoria -, Mautner permanece pouco conhecido no Brasil.

Árvore da Vida é um álbum acústico e intimista. Traz a voz de Jorge, seu violino — um presente de Gil — e o violão do inseparável parceiro e compositor Nelson Jacobina. A dupla alinha doze canções de forma simples e direta, gravadas ao vivo em dois dias, com a cumplicidade do produtor Pena Schmidt (Titãs, Ira!, Lulu, Mulheres Negras) e do maestro Paulo Calazans, que souberam respeitar as características peculiares da arte de Mautner. Como não poderia deixar de ser, diante do rápido currículo acima exposto, o engajamento domina o álbum. Nem todas as músicas são meditas — "Maracatu Atômico", seu grande hit, e "Samba Jambo" já foram gravadas em outros carnavais por Mautner, enquanto as regravações de "O Vampiro" e "Hiroshima Brasil" resgatam seu primeiro compacto, lançado e já esquecido em 59. *Árvore da Vida* se escuta/folheia como um livro em que se sucedem páginas de denúncia ("Hiroshima Brasil") angústia ("Maracatu"), sofrimento amoroso ("Lágrimas Negras", "Zum Zum") divertimento ("Menino Carnavalesco") e meditação ("Yesua Ben Joseph", "Árvore da Vida"). Predomina a poesia lapidar das letras, que formam um equilíbrio frágil com as notas minimas dos instrumentos e a voz de cantor de rua de Mautner.

O cantor-poeta questiona e quer ser questionado. Um exercício raro nesses tempos de alienação. Além de trazer o fino da arte de cabaré político, Mautner assina aqui o melhor trabalho de sua atormentada carreira. *Jean Yves de Neufville*

O ELO PERDIDO — Arnaldo & Patrulha do Espaço (Vinil Urbano)

Após sua saída dos Mutantes e de *Lobi* (74), Arnaldo elegeu a Patrulha como banda de apoio e deitou e rolou em muitos shows pelo Brasil. Embora ultra badalada, sua fase com a PDE na época não chegou ao vinil. Graças aos esforços do baterista Rolando Castello Junior foi lançado um LP ao vivo, gravado em 77, e agora estes takes de estúdio de 77.

A discutível qualidade das gravações é o menos importante, pois trata-se de uma relíquia de poesia existencial e romantismo à queima-roupa. Embalada pela concepção hard-rock dos 70's e por geniais atmosferas de balad e blues, o LP traz oito faixas, entre as quais a baladaça "Sunshine", a very-hard "Sexy Sua", a bluesy-psicodélica "Emerginado da Ciência" e a classic-blues-ballad "Fique Aqui Comigo", testamentos de um atormentado que viveu a paixão em seus limites, quase lhe custando a própria vida. *F N*

SOUTH OF HEAVEN — Slayer (WEA)

For hangers only, ou apenas para os convertidos". Em seu quarto LP (primeiro para o selo Def Jam), este quarteto matador cada vez mais alia — com nitidez e qualidade — todos os mais felizes rótulos do novo metal (*speed, death, crash*...) e ainda endossa em cima do clima agressivo que suas letras transportam.

Desde a abertura — com a faixa-título —, já destinam uma microvisão arrepiante para fã nenhum do Sabbath ou afins) reclamar. Sem pausa ou intervalo, passam direto para os temas seguintes — com títulos como Mandatory Suicide, Dissident Agressor", "Spill the Blood", "Silent Scream" e por aí vai.

Estão mesmo em grande forma. Lombardo é um bateria que varia muito e por isso impõe respeito, enquanto os solos e *riffs* dos guitarristas Hanneman e King vêm cada vez mais cortantes. Por outro lado, Araya não mais que compre seu papel no baixo, embora tenha melhorado um pouco nos vocais.

Um disco, enfim, que — para ser ouvido direto — requer uma cabeça em ótimo estado. Caso contrário, ela será literalmente massacrada. *L B*

RÁPIDO & RASTEIRO

E, sem mais delongas, vamos que vamos que o pacote do mês está pesado. E comecemos por **SÉRGIO REIS** (RCA), num country mais para Nashville que para Conceição do Mato Dentro, onde em uma das faixas o moço declara "Mãe, se mandar o emprego da embora eu vou junto!" Será que ainda é assim a iniciação sexual do povo da UDR? Ainda na linha country, mas bem melhor, **TRIO** (WEA), com **Dolly Parton, Linda Ronstadt** e **Emmylou Harris**, um trio de peruas para Hebe nenhuma botar defeito, mas, para quem curte, expoentes daquela idiotia rural da qual falava o camarada Lenin ⊗ No território do samba com competência, a marrom **Alcione**, em seu 16.º LP, **OURO E COBRE** (RCA), com direito à eletrizante rapaziada da Beija-Flor, de Nilópolis, em "Obrigado Bateria"; e o garoto **Zeca Pagodinho**, em "Jeito Moleque" (RCA), junto ao qual o jeito é preparar as loiras geladas, as canas e as quadris (delas também, é claro) ⊗ Em **ABC DO SERTÃO**, muita composição boa de Gonzaga e Humberto Mesquita, mas mestre **Gonzagão** foi escolher logo como parceiro o indefectível chato **Fagner** (RCA). E **Roupa Nova**, hein, gente? (RCA). Bleargh! Quem é **Eric Carmen**, afinal, para merecer um LP chamado **THE BEST OF...?** (BMG-Ariola). Para quem não se lembra, sucesso com "All by Myself" e figurante das trilhas de *Footloose* e *Dirty Dancing*. O texto de apresentação começa dizendo que "pop não é palavrão". É mesmo? ⊗ **Joelho de Porco**, como a gente sabe, é um amontoado de seres patéticos mais ou menos abonados, agora em **18 ANOS SEM SUCESSO** (Eldorado). Bem feito. Já os **HERÓIS DO DIA** misturam Led Zep e Clash e pedem para anularmos nosso voto. Ou seríamos nós que teríamos de anular o disco deles (Electric Produções)? ⊗ **Russell Hitchcock** (BMG-Ariola), ex-vocalista do Air Supply, chega a dar sincera saudade dos Carpenters. **SILHOUETTE**, de **Kenny G.** (BMG-Ariola) é mezzo jazz mezzo brega, numa pizza difícil de digerir ⊗ Em **DANGEROUS AGE**, o **Bad Company** faz um hard rock bom no gênero. Vindo de 74, o grupo, no entanto, acaba sendo mesmo coisa de dinossauro: grande, velho, com cérebro pequenininho ⊗ Bem-vinda **Rosa Maria**, a veterana, com sua bela regravação de "California Dreamin'" (WEA), num maxisingle (Eldorado) ⊗ Nas trilhas, **BEETLEJUICE** tem como destaque o calipso "Day-O", de Harry Belafonte, tesouro dos anos 50, e **WILLOW** (BMG-Ariola) traz uma orquestração bonita e densa, *à la* John Williams, mas insustentável sem o filme ⊗ **THE INSTRUMENTAL WORKS**, de **Alan Parsons** (BMG-Ariola), ex-produtor do Pink Floyd, soa como new-age, trilha sonora de filme yuppie ⊗ Finalmente, um belo pacote de jazz, com **Shorty Rogers** e sua orquestra, em **SHORT STOPS** (RCA), **Illinois Jacquet** e sua big band em **JACKET'S GOT IT!**, **Milt Jackson** em **BE BOP** (WEA); e, de quebra, hits nas vozes miraculosas de **Billie Holiday** e **Ella Fitzgerald** (RCA)

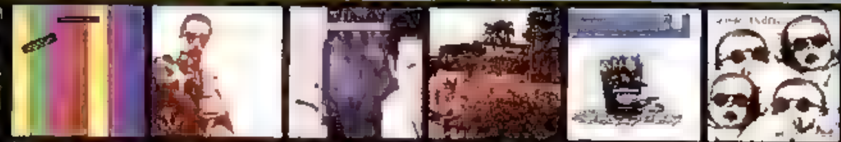
José Eduardo Mendonça

COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPAC

Aos poucos, o *compact disc* vai se tornando fonte de uma enxurrada de coletâneas. Só este mês, chegam às prateleiras. **OS GRANDES SUCESSOS** (Som Livre) de **Little Richard; GREATEST HITS** de **Janis Joplin** e **Carole King** — ambos CBS —, além desta última cantora/compositora ter também seu principal LP, **TAPESTRY**, lançado em CD. Na prateleira MPB, aparecem também a série **CONVITE PARA OUVIR**, uma garimpada preciosista nos acervos da RGE dos anos 60. Entre os primeiros volumes, destaque para **Maysa** e **Chico Buarque**. Enquanto isso, na série **A ARTE DE...** (que vai fundo nos anos 70 via o selo Philips, lançamento PolyGram), é a vez de **Tom Jobim**. Agora, se a fissura for rock e pop, **Sade** reaparece digital em seu primeiro LP, **DIAMOND LIFE** (CBS); o **Pink Floyd** com **WISH YOU WERE HERE** e **ANIMALS** (ambos CBS); e um *best-seller* do folk acre-doce, **BRIDGE OVER TROUBLED WATER** (CBS), de **Simon & Garfunkel**. Fechando o pacote, rock'n'roll brasileiro do bom e do melhor, através dos dois primeiros LPs da **Legião Urbana**, ambos pela EMI-Odeon.

José Augusto Lemos

BOLSA DE DISCOS



	INTROSPECTIVE Pet Shop Boys (EMI-Odeon)	A PEDRA DO GÊNESIS Raul Seixas (Copacabana)	BRIAN WILSON (WEA)	SUPERCARIOCA Picassos Falsos (BMG-Ariola)	TALKING WITH THE TAXMAN... Billy Bragg (Stiletto)	PIOR QUE ANTES Garotos Podres (Continental)
Arthur G. Couto Duarte (Rádio Liberdade, BH/MG)	Bom	Razoável	•	Ótimo	Bom	Ótimo
Fernando Naporano (O Estado de S. Paulo)	Bom	Bom	Ótimo	Razoável	Bom	Bom
José Eduardo Mendonça (Bizz)	Interessante	Interessante	Ótimo	Interessante	Interessante	Interessante
Jean Yves de Neufville (Folha da Tarde, SP)	Ótimo	Fraco	Ótimo	Razoável	Bom	Razoável
Marcel Plasse (Bizz)	Ótimo	Razoável	Interessante	Ótimo	Bom	Interessante
Bia Abramo (Bizz)	Interessante	Razoável	Bom	Ótimo	Bom	Razoável
Celso Pucci (Bizz)	•	•	Interessante	Bom	Bom	•
Alex Antunes (Set)	Interessante	Razoável	Interessante	Bom	Bom	•
Marisa Adán Gil (Bizz)	Interessante	Razoável	Ótimo	Ótimo	Bom	•
Hagamenon Brito (A Tarde, Salvador/BA)	Fraco	Fraco	Fraco	Interessante	Ótimo	•
Tom Leão (O Globo, RJ)	Bom	•	Razoável	Ótimo	Ótimo	Interessante
Leopoldo Rey (FM 97, Santo André, SP)	Interessante	Bom	Interessante	Razoável	Interessante	Interessante

Ótimo · Bom · Interessante · Razoável · Fraco

CINEMA

MOONWALKER

A NOVA TRAVESSURA DO GAROTO MICHAEL JACKSON

Michael Jackson pode-se considerar um artista bem-sucedido. Começou aos oito anos de idade, já vendeu mais de trezentos milhões de discos, inscreveu seu nome no* Livro Guiness de Recordes*... E agora se prepara para entrar de vez no cinema. Não que ele seja um novato: seus clips demonstram que familiaridade com a imagem ele já tem. Moonwalker ainda mostra senso de humor e disposição para a aventura, além de clips inéditos e versões arrasadoras. De quebra, o empresário/anjo da guarda Frank Dileo fala sobre o ídolo e sobre o filme.

Moonwalker traz dois filmes em um — sob o mesmo título, convivem uma retrospectiva de carreira relampago e uma história de ficçao cientifica emendadas, sem que, necessariamente, exista uma ligaçao coerente Considerando-se que *Moonwalker* existe em duas versões — uma para os cinemas e outra, maior, em videocassete —, seriam quatro filmes com a mesma denominaçao.

Seja como for, *Moonwalker é a continuação do envolvimento cada vez maior de Michael Jackson com o hibridismo de musico e imagens que ele burilara à perfeição em Thriller*. Se os clips que sucederam *Thriller* e *Captain Eo* (o curta atração estrelado por Jackson e dirigido por Coppola, em Epcot Center) foram no mínimo anticlimaticos, *Moonwalker* consegue, pelo menos em parte, arremeter o ex-menino prodigio de volta à frente da competição

A abertura do filme sublinha os pontos altos da carreira de Michael, rebatendo clips surrados e, eventualmente, oferecendo novidades — como a sequência de massa de modelar animada bolada para "ABC", antigo hit do Jackson Five De interessante mesmo, esta primeira metade de *Moonwalker* apresenta ao publico um Michael dono de um senso de humor afiadissimo e muito mais inteligente do que se poderia supor Nos dois clips inéditos organizados nesta parte inicial, ele nao apenas satiriza todo e qualquer rumor circulado a respeito de sua excentricidade, como devolve a dose de veneno, atirada na direçao da imprensa sensacionalista Em "Speed Demon" ele revista as perseguições tornadas clássicas em "A Hard Day's Night", adicionando uma entortada genial Para fugir ao assédio de fas grotescos e paparazzi beligerantes, Michael opera em si mesmo uma "cirurgia plástica" que o transforma num coelho motoqueiro — o climax da seqüência ocorre num belissimo cenário surrealista desertico onde Michael, sem afetaçao, o mais humanamente possível, baila com o coelho Noutra seqüência, a de "Leave Me Alone" (uma faixa de *Bad* disponivel somente em compact disc), ele une-se à criatividade do diretor Jim Blashfield (o mesmo de "And She Was", do Talking Heads, e "Boy in the Bubble", de Paul Simon) para realizar o melhor clip de sua carreira desde o marco *Thriller* Misturando animação de objetos, xerox e filme, aqui está Michael Jackson em todo o seu esplendor excêntrico, sanguineo, arrebatador E ele escracha de uma só tacada três rumores: o de que teria mandado construir um altarzinho em homenagem a Elizabeth Taylor (aqui a atriz aparece em diversas fases, num altarzinho neo-egipcio criado em animação), o das visitas a uma cúmara hiperbarica que lhe traria longevidade (ele canta de dentro de uma) e o de que teria pretendido comprar os restos mortais do Homem-Elefante (a mais genial de todas. Michael acorrentado a uma bola de ferro, dançando juato com... o Homem-Elefante). E o ponto mais alto da primeira parte de *Moonwalker*

A segunda parte de *Moonwalker* traz a história que existe por trás do clip de "Smooth Criminal": Michael é um defensor do bem que combate o malvado traficante de drogas Frank Lideo (um trocadilho com o nome do próprio empresário do cantor, Frank Dileo) para salvar as crianças do vício. As coisas ficam difíceis quando Lideo toma como refém uma coleguinha de Michael, a menina Eddie Os outros dois assecias — Michael Brandon Adams, mais Sean Lennon, filho de John e Yoko — não ajudam nada, e o que resta a Michael é utilizar se de seus superpoderes: toda vez que ele ve uma estrela cadente no céu, faz um desejo e consegue se livrar do vilão, virando um supercarro esporte ou transformando-se em um transformer criado por animação de computador. Quando vence Lideo, Michael leva as crianças para um show seu, onde canta uma versao arrasa-quarteirão de "Come Together" dos Beatles O final do filme é uma *coda*, com o grupo vocal africano Ladysmith Black Mambazo, talvez o momento mais humano de todo o filme

Mas tudo isso, vale a pena avisar, está apenas na versao em video de *Moonwalker*. Nos cinemas nao se verá a versão longa de "Smooth Criminal", tampouco "Leave Me Alone", "Come Together" e a *coda* com o Ladysmith Black Mambazo

Por *José Emilio Rondeau*
de Los Angeles

FRANK DILEO: O ADMINISTRADOR DO MITO

BIZZ — *O vilão de* Moonwalker *é um poderoso traficante de drogas chamado Frank Lideo. Quem foi o autor dessa brincadeira?*
Frank Dileo — Acho que isso partiu dos produtores ou do diretor. Não sabia que eles tinham feito isso até que vi a tomada pronta, filmada, nos *dailies*. Eles filmaram a sequência na qual o nome do vilão é mencionado num só dia, antes

Jackson em seu melhor: excitante, sanguíneo e arrebatador

que eu chegasse no estúdio. Não sei se gosto da brincadeira. Não sei como meus filhos vão reagir *(risos)*
BIZZ — *Pode-se argumentar que seja uma referência freudiana, no sentido de que Michael Jackson veria você como um pai e estaria brigando com esse pai.*
Dileo — Talvez, talvez. Muitos jornalistas já me perguntaram se Michael me vê como pai dele. De certo não estou me esforçando para que isso aconteça, conscientemente pelo menos. Na verdade, acho que ele me encara como uma pessoa mais velha que ele. . Certa vez, perguntei a ele se isso o perturbava - o fato de as pessoas fazerem esse tipo de colocação — e ele disse que não. Tento ser uma pessoa leal e verdadeira para ele e, se isso é ser um pai, então é isso que eu sou.
BIZZ — *Como você se tornou empresário de Michael?*
Dileo — Isso aconteceu anos atrás, quando estávamos fazendo o *Thriller*. Eu era vice-presidente de promoção da Epic Records *(a gravadora de Michael)* e um dia ele me convidou para ir ao estúdio ouvir as faixas de *Thriller* durante a fase de mixagem. Ele mostrou algumas faixas e gostei delas. Então, conversamos a respeito de algumas idéias que eu tinha para divulgar o disco. A partir daí, construímos uma boa relação de trabalho. Eu nunca havia pensado em empresariar Michael. Aliás, eu nunca havia pensado em empresariar pessoa alguma, porque basicamente eu sou uma pessoa de disco. Só que, durante um almoço no Beverly Hills Hotel, enquanto conversávamos sobre o clip de *Thriller*, ele me perguntou: "Você algum dia considerou a possibilidade de empresariar?" Eu disse: 'Eu planejo algum dia ser presidente desta companhia de discos". E ele: "Bom, mas eu gostaria que você fosse meu empresário". E foi assim que começou.
BIZZ — *Michael Jackson é seu único cliente. É o bastante?*
Dileo — É muito trabalho. Se você vai empresariar um artista da estatura de Michael Jackson, vai trabalhar apenas para uma pessoa. Eu não seria capaz de cuidar com carinho de algum outro artista sem que isso acontecesse em detrimento de meu trabalho com Michael. O próprio coronel Tom Parker *(ex-empresário de Elvis Presley)* — de quem sou bom amigo — me aconselhou:
Nem pense em pegar mais um artista, é coisa demais. É difícil e você tenta fazer sempre o melhor. Para ser um empresário, você precisa manter a calma, distinguir o certo do errado, você precisa tomar decisões."
BIZZ — *O que é mais difícil: lidar com o sucesso ou lidar com o artista?*
Dileo — *(pausa)* Hum . Michael não é um problema. Portanto, a maior dificuldade é lidar com o sucesso e todas as coisas que vêm a reboque. Mas a vida é assim. Minha filosofia de vida é a seguinte: todo mundo tem as mesmas chances. Ou seja, qualquer pessoa pode ser bem sucedida, seja nos negócios, seja no entretenimento. Se você trabalhar duro, você consegue. O difícil é manter esse sucesso.
BIZZ — *E você acha que Michael consegue isso?*
Dileo — *(pausa)* Sim., acho que sim. Não era nossa meta superar o *Thriller*. Antes de fazermos *Bad* me sentei para conversar com ele e disse:
Mike, não se coloque sob a pressão — como outras pessoas certamente fariam — de entrar no estúdio e criar um disco melhor que o *Thriller*. Faça o que estiver no seu coração, com o melhor de sua habilidade. E todo mundo envolvido nesse trabalho fará o mesmo. O resultado final será o resultado final. Ok?" A imprensa publicou uma série de besteiras a respeito disso. Um monte de escalas. A maioria das vezes em que um artista lança o produto seguinte a seu disco de maior sucesso, não se dá tão bem assim. Depois de *Saturday Night Fever*, os Bee Gees venderam só dois milhões de cópias de seu disco seguinte.
BIZZ — *Quem vê Moonwalker logo percebe que não existe relação alguma entre o filme e o livro* Moonwalker.
Dileo — Foi meio difícil escolher um título. Do que iríamos chamar? *Smooth Criminal? Michael Contra Fulano de Tal?* Daí partimos para *Moonwalker*. Algo como "caminhando ao longo da vida e por sobre a Lua." *(risos)*
BIZZ — *Mas o que acabou motivando a realização desse filme?*
Dileo — Número um: filmes são uma forma de expressar emoções. Número dois: é uma progressão natural para Michael. Ele é um grande cantor, ele faz isso desde os 8 anos de idade. Portanto, trata-se de uma progressão para um outro nível.
BIZZ — *Isso significa que ele virá a participar de filmes onde representaria mais do que canta e dança?*
Dileo — Certo. Nosso objetivo para 89 é realizar um filme. No momento estamos estudando alguns scripts. O melhor deles será transformado num filme. Acho que Michael tem talento e carisma suficiente para fazer o que bem entender na tela.

J E R

HISTERIA, CHUTES E PRAZERES SELVAGENS.

Saíram os resultados dos Concursos Armazém do Esporte & Polygram.
Se o seu nome estiver nesta lista, fique histérico,
dê chutes no ar e ligue para o telefone (021) 281-9997. Você vai sentir o
prazer selvagem de ganhar seu prêmio.

Luís Paulo de Vasconcelos - Rua Padre João Alvares, 153 - Embu - SP
Mauro C. Z. Alvares - Rua Barigui, 214 - Vila Militar - Foz do Iguaçu - PR
Flavio Henrique Lopes - Av. Pres. Dutra, 105 - Douradina - MS
Luís Carlos de Barros Develly - Rua Pedro Teles, 600 c/58 apto. 201 - Jacarepaguá - Rio de Janeiro - RJ
Luís Felipe Raymundi Duarte - Rua Capitão Eleutério, 93 - Centro - Passo Fundo - RS
Carlos Augusto Guimarães Desimon - Rua Aparício Castro, 130 - Colina - Guaíra - RS
Anna Claudia Guimarães - Av. Arruda Botelho, 262 apto. 192 - Alto de Pinheiros - São Paulo - SP
Heider Martins Santos Ferreira - Av. Joana Angélica, 588 apto. 204 - Salvador - BA
Joelma Melo da Silva - Rua Cel. Marcilio Franco, 444 - Vila Izolina Mazzei - São Paulo - SP
Luís Henrique Alves dos Santos - Av. Dr. Clemente Ferreira, 663 - Piracicaba - SP
Alessandra Codolo - Rua Raul de Carvalho, 1648 - São José do Rio Preto - SP
Thiago Fontes de Mello - Rua Prof. Ferreira Lima, 242 - Cidade Universitária - Campinas - SP
Leyla Aguerey - Rua dos Adobes, 33 - Santo Antonio - Salvador - BA
Luís Claudio de Brito - Rua Tonelero, 25 apto. 504 - Copacabana - Rio de Janeiro - RJ
Leandro Alberto Nesello - Rua Ibipora, 1087 cx. postal 115 - Pato Branco - PR
Chantal Castelli - Rua Dona Balduína, 167 - São Paulo - SP
Durval Barbosa Maia - Rua Simões Dias, 2 lt. 01 qd. K - São Gonçalo - RJ
Edson Marcos P. Carvalho - Rua 36, quadra 53, 5 - André Carloni - Serra - ES
Bruno de Paula Ribeiro - Rua 48, 49 - Vila Santa Cecília - Volta Redonda - RJ
Wilson da Silva de Lima - Rua Mourão Rangel, 554 - Rangel - João Pessoa - PB
Luciano Clochadio - Rua Sebastian Bach, 102 - Jardim América - Rio de Janeiro - RJ
Robson Lacerda Barroso - Rua Itajaí, 488 - J. Paraíso - Santo André - SP
Marcos Antonio P. Souza - Rua Guarajas, 626 - Lagoa do Meio - Linhares - ES
Marcelo Eduardo de Mendonça - Rua Sacadura, 26 apto. 101 - Jardim Maringá - São Paulo - SP
Tais de Oliveira Tebet - Rua Getúlio, 350 apto. 101 - Méier - Rio de Janeiro - RJ

ARMAZÉM do Esporte

PolyGram

INSTINTO FATAL

No clássico cult *The Night of the Living Dead*, o diretor George Romero dava sustos na plateia com um horror gráfico explícito: zumbis grotescos e nojentos formavam um exército sobrenatural. Em *Instinto Fatal*, no entanto, Romero optou pelo que se poderia chamar de "terror intimista" — um terror psicológico que assombra os sentimentos dos personagens sem que evidencias dessa assombração tomem, necessariamente, forma física visível. E o melhor susto, lógico, é o que vem de onde não se espera.

Nesse filme, o atleta e universitário Allan Mann (Jason Beghe) sofre um acidente que o torna tetraplégico. A namorada o abandona pelo cirurgião yuppie que afirma não haver cura para o caso de Allan. A mãe tirana "assume o poder" e muda-se de mala, cuia e enfermeira penteliha para a a casa do filho. Tudo parece irremediavelmente perdido até que o amigo cientista Geoffrey (John Pankow) dá de presente a Allan uma macaquinha treinada para auxiliar deficientes físicos nas tarefas diárias. A macaca, batizada Ella, torna-se grande companheira.

Mas Allan começa a desconfiar de que ele e Ella desenvolveram uma espécie de comunicação extra-sensorial. Mal sabe ele que Ella é, na verdade, um experimento de Geoffrey durante algum tempo, a macaca vinha recebendo injeções de tecido sensorial humano.

O que ocorre entre Allan e Ella a partir daí foge à compreensão dele — como ele consegue ver com os olhos da macaca? Por que aparecem mortos, de repente, todos seus inimigos? Por que morrem também as pessoas de quem Ella não gosta?

Allan (Jason Beghe) e Ella: a macaca voltará viva?

E aqui reside o terror de *Instinto Fatal* — não se vêem cenas de violência, quase. Não se vê sangue. Não há monstruosidades em cena. Mas a dúvida que se mantem durante todo o filme e as possibilidades que ele oculta são apavorantes.

José Emilio Rondeau

HAIRSPRAY

Divine (a mais alta) em sua deliciosa revisitação dos anos 60

Depois de parcialmente decantado e assimilado, o espírito *bubble-gum* está de volta, já é a quarta ou quinta geração — Annette Funicello, Frankie Avalon, Elvis, Sandra Dee, John Travolta, Olivia Newton-John, Patsy Kensit e os Monkees não vieram antes à toa. A diferença é que, em *Hairspray*, o teor de ingenua bobagem é menor. Construído em moldes de cabelo, o filme tem muito mais cinismo do que possa supor a primeira impressão que ele inspira. A aparência de eterna bobagem é logo atropelada pelas intenções consistentemente anárquicas do diretor John Waters e pela presença "inignorável" do travesti Divine (morto em 88). Juntos eles perpetraram as apologias mais *trashy* da cultura americana, sempre locadas em Baltimore — ou o paraíso dos cafonas. Extravagâncias e ataques ao bom gosto não faltaram.

Hairspray narra as aventuras de uma gordinha simpática no mundo pop de 62. Ela é contagiante e ajuda a retocar o retrato frequentemente idiota da época. Com Kennedy na presidência e John Glenn em órbita, o orgulho — assim como os cabelos — era inflado e quase obrigatório. Os refendos finos pilares que encimavam as cabeças formavam verdadeiros bolos de noiva. A criatividade era suspeita mas sempre exuberante. Daí que no *Corny Collins Show* pululassem adolescentes ansiosos por sucesso em danças sintomaticamente zoomórficas. O programa, apresentado na TV de Baltimore, é o favorito de Tracy, a nossa gordinha. Em pouco tempo, ela, com seu largo carisma, atravessa o espelho, entra no programa e conquista todo mundo (menos Amber, a invejosa rival). Mas tudo não passava de um amontoado de loucuzinhas caretas. Querendo sempre ser a mais moderna, Tracy vai almas de novas experiências e cai nos redutos *beat* e *black*, descobrindo que quem inventou o rock e todas aquelas danças foram justamente os discriminados. Bidu, mas sempre oportuno.

Divertidíssimo, *Hairspray* tem uma verdadeira *blondie*. Debb e Harry, e outras surpresas escondidas. É o trash-pop-cult-extra-hot-movie do ano... *Daniel Benevides*

A 89 DE A A Z.

O mundo dá o seu recado nas ondas da 89 FM, a rádio-rock.

89 FM

VÍDEO

COMÉDIA

DOIS HERÓIS BEM TRAPALHÕES (Crime Wave, EUA, 1985)
Direção: Sam Raimi. Com Louise Lasser, Paul L. Smith, Brion James, Bruce Campbell. Globo

Sam Raimi virou um *cult* diretor depois das tomadas horrendas de *Uma Noite Alucinante*, continuação quase *remake* do seu pequeno clássico *A Morte do Demônio*. Neste filme intermediário entre os marcos de sua carreira, ele solta a franga. A ação é furiosa. Uma trama para eliminar um sócio ganancioso acaba colocando na vizinhança de indefesos cidadãos dois dos piores tipos da raça humana: assassinos nervosos! A situação se transforma numa onda de crimes inacreditável, uma chacina de gags impossíveis, impulsionadas por movimentos de câmeras ágeis e pelo roteiro de Raimi e dos irmãos Coen (de *Arizona Nunca Mais*). Bruce Campbell, o ator canastrão de *Uma Noite Alucinante* e sócio de Raimi, faz uma ponta. Morra de rir. M.P.

O CÉU PODE ESPERAR (Heaven Can Wait, EUA, 1978)

Direção: Warren Beatty e Buck Henry. Com Warren Beatty, Julie Christie, James Mason. CIC

Um dos grandes sucessos do ator diretor Beatty — na verdade, uma refilmagem de *Here Comes Mr. Jordan* (41), de Alexander Hall. Ele está no auge do seu charme como o jogador de futebol americano Joe Pendleton, que é mandado para o céu antes da hora. Como o seu corpo foi cremado, a única saída é voltar em outro — o escolhido pelos anjos é um rico industrial cujo assassinato está sendo planejado pela esposa e amante (dela). O choque entre as personalidades de Pendleton e do morto ahistado rende ótimas situações, bem aproveitadas por Beatty. Uma comédia despretensiosa e (extremamente) agradável. M.A.G.

SERVIÇOS ÍNTIMOS (Room Service, Inglaterra, 1986)
Direção: Terry Jones. Com Julie Walters, Alec McCowen, Shirley Stelfox. Globo

Terry Jones, dos Monthy Python, disseca os hábitos sexuais da recatada sociedade britânica, revelando quão pouco recatada, na verdade, ela é. Tudo começa quando uma garçonete que ganha a vida sublocando apartamentos para prostitutas fica sem dinheiro para pagar os aluguéis, porque suas clientes lhe aplicam um calote. Ela resolve ir à luta por conta própria e passa a recrutar senhores para suas sessões de "polimento francês". Sua primeira descoberta é que todos os homens são pervertidos, adoram se vestir de mulher e apanhar. O humor não é escrachado, mas seu senso britânico de ridículo é refinado. M.P.

DRAMA

O AMOR NÃO TEM SEXO (Prick Up Your Ears, Inglaterra, 1987)

Direção: Stephen Frears. Com Gary Oldman, Alfred Molina, Vanessa Redgrave. Dif

Stephen Frears costuma chocar alguns e deliciar muitos. No festival de Cannes de 87 este filme sobre a vida do escandaloso e bem-sucedido dramaturgo inglês Joe Orton causou sensação. A ação do filme é contada a partir da morte de Joe (Oldman, o Sid de *Sid & Nancy*) e seu amante e assassino Kenneth (Molina) — que se suicidou depois de matar Joe a marteladas. Um biógrafo (Wallace Shawn) vai reconstituindo a vida de Orton a partir de seus diários e de entrevistas com sua agente teatral (Redgrave). A relação complicada e trágica de Joe e Kenneth é tratada com bastante sutileza, ajudada e muito pela trinca de bons atores (Oldman, Redgrave e Molina, que recebeu o prêmio de melhor ator em Cannes). B.A.

ETERNAMENTE TUA (Eternally Yours, EUA, 1939)
Direção: Tay Garnett. Com David Niven, Loretta Young, Broderick Crawford. Hollywood Classics

Muita bobagem foi feita em nome do amor. *Eternamente Tua* é uma delas. David Niven espalha cacoetes de elegância na pele de um mágico e prestidigitador famoso, "O Grande Arturo", uma espécie de Houdini. Sua habilidade arrebata Loretta Young e se casam. O cosmopolita e a princesa de Cincinnati, Ohio. A felicidade dura dez horas no casamento e vem o divórcio. O resto é reconquista. Muito arrastado e às vezes estranhamente rápido, o filme se sustenta apenas por algumas boas cenas de mágica. D.B.

REDS (EUA, 1981)

Direção: Warren Beatty. Com Warren Beatty, Diane Keaton, Jack Nicholson, Jerzy Kosinski. CIC

Charmosa embora longa superprodução baseada na vida de John Reed, jornalista e militante comunista. Reed fazia parte de um grupo de intelectuais nova-iorquino, entre os quais também se encontrava Eugene O'Neil (Nicholson, esbanjando como coadjuvante), e esteve presente a um dos principais momentos da história da humanidade, a Revolução Russa. As partes mais interessantes do filme são exatamente as passadas na revolução e as cenas de uma Nova York supermoderna do começo do século. O resto dos 200 minutos ficam perdidos na história do casal Louise Bryant (Keaton, namorada de Beatty na época) e Reed, aborrecida como qualquer história de casal. B.A.

FICÇÃO

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS III (Amazing Stories III, EUA, 1988)
Direção: Joe Dante, Robert Stephens e Tom Holland. Com Hayley Mills, Stephen Geoffreys, Dennis Lipscomb, Mary Ellen Trainor, Kristen Vigard, Jon Cryer, Joann Willette, Jeff McDowell. CIC

A série produzida para a televisão americana por Spielberg nem de longe teve o charme dos velhos seriados fantásticos que pretendia homenagear, como *Além da Imaginação* e *5ª Dimensão*. Esta terceira coletânea com seus episódios sofre do mesmo problema de suas antecessoras — apresentando uma única boa história. A primeira, escrita pelo próprio Spielberg, traz o diretor Joe Dante (de *Viagem Insólita*) de volta a um de seus temas prediletos — o da materialização de monstros dos quadrinhos — porém com fraco resultado. "O Greebbie" é um monstro bonachão que devora tranqueiras domésticas e assombra uma dona de casa ordeira. O segundo episódio, "O Dia da Mudança", é ainda mais tolo, desenvolvendo mal a romântica história de um simples rapaz californiano que descobre de uma hora para a outra que sua família é alienígena. O filme só vale pelo terceiro segmento. Dirigido por Tom Holland (*A Hora do Espanto*), em tom de pastelão, "A Quantidade Errada" conta o que Jon Cryer (o melhor amigo de Molly Ringwald em *A Garota de Rosa Shocking*) faz com um preparado que devolve à vida as fotos das páginas de revista. Inclusive as páginas centrais da *Playboy* e as do magazine de terror *Fangoria*. A.A.

TERROR

O MONSTRO HUMANO (The Human Monster, GB, 1940)
Direção: Walter Summers. Com Bela Lugosi, Hugh Williams, Greta Gynt, Edmond Ryan. Hollywood Classics

Londres. Sombras por toda parte. Nas lamas do rio Tamisa um corpo. E, ali perto, numa velha companhia de seguros Bela Lugosi esfrega as mãos satisfeito. Ouve-se um violino. Passam-se os dias e outros corpos vêm à tona. A Scotland Yard vagueia desnorteada, as únicas pistas — algumas mensagens em braile — levam a um obscuro asilo de cegos... Um filme B mede-se por sua atmosfera e seus clichês. Por isso *O Monstro Humano* é imprescindível. E não se iludam ao pensar que Bela Lugosi está morto. D.B.

MUSICAL

PARALAMAS DO SUCESSO — V, O VÍDEO (Brasil, 1987)

Direção: Sandra Kogut e Roberto Berliner. Transvídeo

Para um vídeo que se pretende musical, este aqui tem dois problemas sérios. Em primeiro lugar, a qualidade de som é sofrível — a impressão que dá é que os níveis de gravação são estourados o tempo todo. O outro problema acontece em nível de concepção: os diretores preferiram privilegiar o lado documentário, tentando compor um retrato das experiências vividas pelo grupo durante o ano de 87. Até aí tudo bem, se as (várias) entrevistas não estivessem sobrepostas às músicas, colhidas em shows no Ibirapuera, Maracanã, ensaios etc., impedindo o espectador de acompanhar até [illegible] gravações [illegible] realizadas no Circo Voador em 85. De qualquer forma, não deixa de ser um prato cheio para os fãs, reunindo ainda alguns bons clips ("Alagados", "Selvagem") e uma cover inédita, "Sing Our Own Song", do UB 40. M.A.C.

POLICIAL

CORPOS ARDENTES (Body Heat, EUA, 1981)

Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner, Richard Crenna, Mickey Rourke. Warner

Uma onda de calor assola a Flórida. Uma mulher misteriosa e fatal (Kathleen Turner) associa-se ao amante ambicioso (William Hurt) para dar cabo do marido rico (Richard Crenna) e ficar com a herança. Não é só a história que lembra as dos policiais B dos anos 40. A economia narrativa, os jogos de luz e sombra, os diálogos ambíguos — tudo se encaixa à perfeição para criar um autêntico *film noir* movido a sexo, dinheiro e crime. William Hurt é pura tensão. Kathleen Turner puro tesão. E veneno. De brinde, Mickey Rourke dublando Bob Seger cantando "Feel Like a Number", enquanto monta uma bomba-relógio. A onda de calor aumenta. Quanto mais quente, melhor. C.C.

SUSPENSE

A TRAMA (The Parallax View, EUA, 1974)
Direção: Alan J. Pakula. Com Warren Beatty, Paula Prentiss, William Daniels. CIC

Um senador americano é morto. O assassino é condenado, mas a Corte Suprema não vê no ato nenhuma ligação política. Só que após um tempo algumas pessoas presentes no local do crime são ameaçadas e eliminadas. Dentre elas uma colega do jornalista vivido por Warren Beatty. Ele se envolve e as pistas reveladoras o levam até a inacessível alta cúpula do poder. Numa mistura de Clark Kent com James Bond desiludido, o repórter assume o papel de detetive e passa apuros inusitados. A pretexto jornalístico ele conhece os sórdidos bastidores do Poder e do Capital e passa de caçador a caça. A solução da morte que gera mortes parece se revelar a cada instante, nesta empolgante trama contra o tempo e a sorte. W.S.

WARREN BEATTY

Milionário, excêntrico, bonitão, *heartthrob*. O jovem tímido, que sonhava ser presidente dos Estados Unidos, não poderia imaginar que se tornaria ator e mais todos aqueles adjetivos. Nascido em 30 de março de 1937, em Arlington, estado da Virgínia, EUA, o filho do diretor de escola Ira O Beaty e da professora de teatro Kathlyn MacLean e irmão caçula de Shirley MacLaine tinha futuro como jogador de futebol. Seu primeiro emprego foi num teatro, onde sua tarefa era vigiar os corredores e manter os ratos longe. Na universidade Northwestern, ele cursou apenas um ano e decidiu se mandar para Nova York.

Beatty (ele acrescentou um t ao nome paterno) começou por cima: seu primeiro papel no cinema foi ao lado de Natalie Wood em *Clamor do Sexo*, de Elia Kazan, na época Oscar de melhor filme, hoje um clássico. Seu estilo como ator se aproximava do saído do Actor's Studio, mas sua vida pessoal não tinha nada em comum com os dilaceramentos de Dean, a rebeldia de Brando ou o doloroso envolvimento com drogas de Montgomery Clift. Seu único vício eram e continuam sendo as mulheres. Teve dúzias de casos — o mais longo e mais importante foi com Julie Christie — e nunca se casou. Tem dinheiro o suficiente para construir mais de uma mansão em Hollywood (e o faz há anos), mas prefere morar em hotéis.

Depois de *Clamor do Sexo*, Beatty atuou em várias produções medianas até que se sobressaiu novamente com *Uma Rajada de Balas* (67), uma história cheia de ação, violência e sexo que se tornou um enorme sucesso de bilheteria. Beatty voltava a ser o centro das atenções. Na época da guerra do Vietnam, ele foi a primeira estrela de Hollywood a se manifestar contra ela, o que lhe custou a recusa de seu nome para papéis que iriam se tornar sucessos de bilheteria e crítica: *Golpe de Mestre* e *O Poderoso Chefão*. Ele voltaria com *Shampoo*, onde era um cabeleireiro que conquistava suas clientes. Beatty retornava ao topo. Depois ele estrearia como diretor em *O Céu Pode Esperar*.

A década de 80 encontrou um Beatty completamente envolvido num projeto ambicioso: a biografia de John Reed, jornalista americano de esquerda que escreveu o mais fascinante relato sobre a Revolução Russa, *Dez Dias que Abalaram o Mundo*. O problema de Beatty era conseguir tornar um comunista simpático aos olhos do público conservador americano. Não só conseguiu como o filme foi indicado para o Oscar em várias categorias. A mesma excentricidade que o levou a abraçar um projeto tão arriscado o fez embarcar numa barca totalmente furada. *Ishtar*, seu último filme, foi um dos maiores fiascos do cinema americano dos últimos tempos.

Em 88, ele foi visto apoiando o democrata Gary Hart para a presidência dos Estados Unidos. Também foi visto circulando com belas jovens atrizes como Kelly McGillis e Molly Ringwald. Sua carreira parece estar em baixa depois do fracasso de *Ishtar*, mas com Betty ninguém pode apostar: ele pode estar lá em cima de novo a qualquer momento. *Bia Abramo*

Filmografia completa (os filmes assinalados com sinal * são disponíveis em vídeo): *Clamor do Sexo (Splendor in the Grass*, 61); *Em Roma na Primavera (The Roman Spring of Mrs. Stone*, 61); *Anjo Violento (All Fall Down*, 62); *Lilith* (64); *Mickey One* (65); *A Deliciosa Viuvinha (Promise Her Anything*, 66); *Jogador Romântico (Kaleidoscope*, 66); *Uma Rajada de Balas (Bonnie and Clyde*, 67); *Jogo de Paixões (The Only Game in Town*, 70); *Onde os Homens São Homens (McCabe & Mrs. Miller*, 71); *Ladrão que Rouba Ladrão (Dollars*, 71); *A Trama (The Parallax View*, 74)*; *Shampoo* (75); *Golpe do Baú (The Fortune*, 75); *O Céu Pode Esperar (Heaven Can Wait*, 78 — também direção)*; *Reds* (81 — também direção)*; *Ishtar* (87)

Caroline Greyshock

THE CHURCH

UNDER A MILKY WAY

(Karin Jonsson/Steve Kilbey)

Sometimes when this place gets kind of empty
sound of the breath fades with the lights
I think about the loveless fascination
under the milky way tonight

Lower the curtain down in Memphis
lower the curtain down all right
I got no time for private consultation
under the milky way tonight

Wish I knew what you were looking for
might have known what you would find

(refrão)
And it's something quite peculiar
something shimmering and white
It leads you here despite your destination
under the milky way tonight

Wish I knew what you were looking for
might have known what you would find
(repete)

(repete refrão)

Under the milky way tonight...

© Bug Music (Direitos cedidos para o Brasil a Edições Intersong Ltda)

SOB A VIA LÁCTEA

Às vezes, quando este lugar se torna meio vazio
o som da respiração vai baixando com as luzes
penso sobre a fascinação destituída de amor
sob a via láctea esta noite

Abaixa a cortina lá em Memphis
abaixa a cortina por inteiro
não tenho tempo para consultas privadas
sob a via láctea esta noite

Gostaria de saber o que você estava procurando
talvez soubesse o que encontraria

(refrão)
É algo bem peculiar
algo radiante e branco
traz você até aqui apesar de seu destino
sob a via láctea esta noite

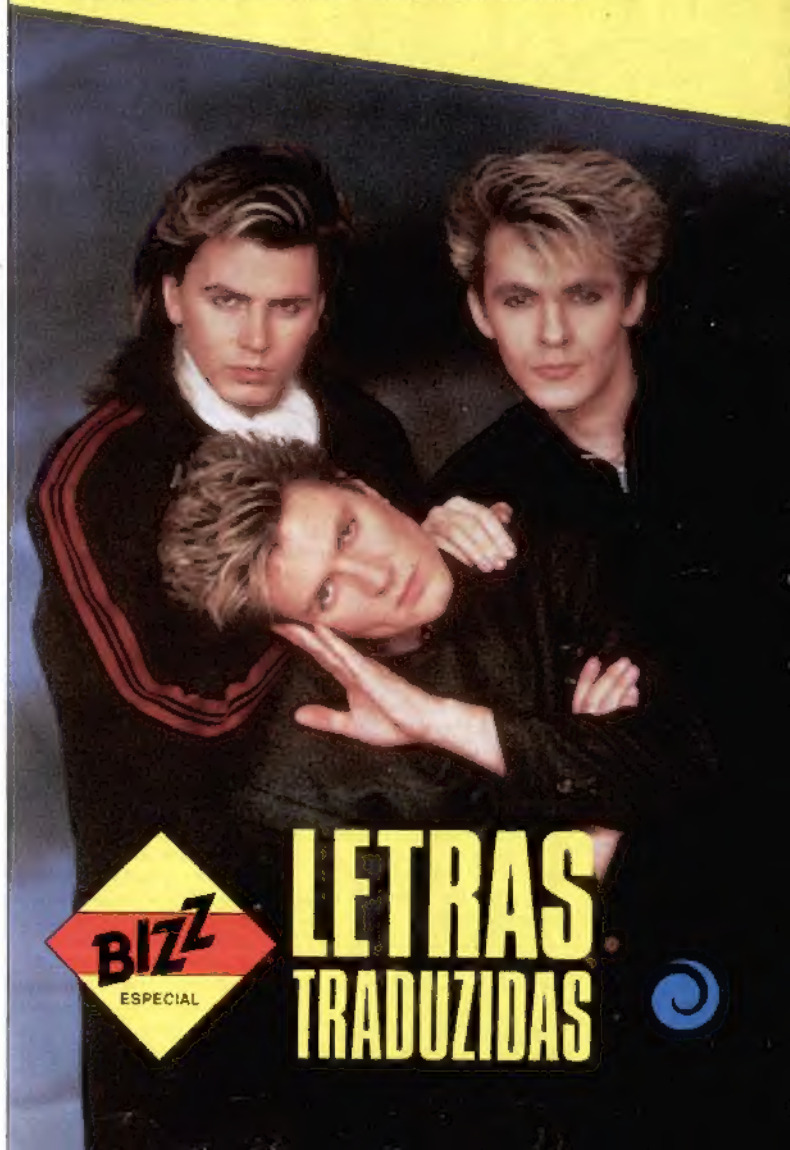
Gostaria de saber o que você estava procurando
talvez soubesse o que encontraria
(repete)

(repete refrão)

Sob a via láctea esta noite...

VOCÊ PEDIU, BIZZ TRADÚZIU.

TRACY CHAPMAN, NEW ORDER, JOY DIVISION, HOUSE MARTINS, PRINCE, JIMI HENDRIX, JESUS & MARY CHAIN, ECHO & BUNNYMEN, KYLIE MINOGUE, PET SHOP BOYS, DURAN DURAN, NOEL, A-HA, SMITHS, TERENCE T. D'ARBY, GENE LOVES JEZEBEL, U2, THE CURE, THE MISSION, THE CULT, IRON MAIDEN, DEF LEPPARD.



BIZZ ESPECIAL

LETRAS TRADUZIDAS

FRANK ZAPPA, JESUS & MARY CHAIN

Gostaria que vocês publicassem a discografia completa do Frank Zappa e do Jesus & Mary Chain. **Cynthia F., São Paulo — SP**

A discografia de Frank Zappa é gigantesca. Em vinte e dois anos, Zappa gravou 53 LPs — sem contar nenhum pirata! Aí vai a relação oficial: *Freak Out* (1966), *Absolutely Free* (1967), *We're Only in It for the Money* (1967), *Lumpy Gravy* (1967), *Cruising with Ruben & the Jets* (1968), *Mothermania* (1969), *Uncle Meat* (1969), *Hot Rats* (1969), *Burnt Weeny Sandwich* (1970), *Weasels Ripped My Flesh* (1970), *Chunga's Revenge* (1970), *Filmore East June* (1971), *200 Motels* (1971), *Just Another Band from L.A.* (1972), *WakaJawaka* (1972), *The Grand Wazzo* (1972), *Overnite Sensation* (1972), *Apostrophe (')* (1974), *Roxy & Elsewhere* (1974), *One Size Fits All* (1975), *Bongo Fury* (1975), *Zoot Allures* (1976), *Zappa in New York* (1978), *Studio Tan* (1978), *Sleep Dirty* (1979), *Sheik Yerbouti* (1979), *Orchestral Favorites* (1979), *Joe's Garage, Act I* (1979), *Joe's Garage, Act II & III* (1979), *Tinseltown Rebellion* (1981), *Shut Up'N Play Yer Guitar* (1981), *Shut Up'N Play Yer Guitar Some More* (1981), *Return of the Son of Shut Up'N Play Yer Guitar* (1981), *You Are What You Is* (1981), *Ship Arriving Too Late to Save a Drowning Witch* (1982), *The Man from Utopia* (1983), *Baby Snakes* (trilha sonora, 1983), *London Symphony Orchestra, Vol. I* (1983), *Boulez Conducts Zappa, the Perfect Stranger* (1984), *Them or Us* (1984), *Thing-Fish* (1984), *Francesco Zappa* (1984), *The Old Masters, Box I* (1985), *FZ Meets the Mothers of Prevention* (1985), *Does Humor Belong in Music* — disponível apenas em compact disc (CD) — (1986), *The Old Masters, Box II* (1986), *Jazz From Hell* (1986), *London Symphony Orchestra, Vol. II* (1987), *The Old Masters, Box III* (1987), *You Can't Do That on Stage Anymore* (sampler) (1988), *Frank Zappa: Guitar* (1988), *You Can't Do That on Stage Anymore Vol. I* (1988), *You Can't Do That on Stage Anymore Vol. II* (1988).

A discografia do Jesus & Mary Chain, por outro lado, é bastante reduzida. São apenas 3 LPs: *Psychocandy* (1985), *Darklands* (1987), *Barbed Wire Kisses* (1988).

DESABAFOS

O alternativo morreu. O comercialismo sobreviveu. Não digo esta frase com o sorriso de um capitalista cultural, mas com a obrigatoriamente realista visão do panorama cultural que envolve a música. O comercialismo deu seu vôo de Fênix com o inquestionável sucesso da Xuxa (que recebeu apoio até de intelectuais) e o pertinaz acúmulo de artistas comerciais que as rádios Globo, Estácio e Fluminense não querem subtrair. Inclui-se ainda a conversão da Panorama FM para o universo do só-sucesso. Outro ponto notável é a falência da Estácio FM. Sua alcunha de "alternativa" tornou-se anódina, visto que até George Michael — um dos grandes expoentes do comercialismo do Primeiro Mundo — toca com freqüência em sua programação. Sem falar dos sucessos comerciais de Legião Urbana e Dire Straits — que, mal saíram das paradas, já tem gente querendo sua volta. (...) O mesmo "playboyzinho" inconformista que, desde 85, clamava por mudanças e criticava o governo, agora freqüenta os "grand-mondés" que são as danceterias noturnas, gasta OTNs para completar seu acervo de rock, gasta energia e muitos quilowatts com o lazer mais supérfluo. E, mesmo tentando resistir ao modismo, cai na caretice. (...) É o comercialismo aceito pela juventude incoerente, que já está se entregando à mesma breguice que encafonou a juventude transviada dos anos 50/60, ineficaz e inútil — já que se entregava sem controle aos diversos ramos do consumismo ordinário. (...) E as rádios? Bem, há muito o que dizer. A começar pelo caso da Fluminense FM e o célebre primeiro de abril de 87. Naquele dia, a rádio resolveu programar uma ironiazinha, tocando "Like a Virgin", de Madonna, e avisando que a emissora só iria tocar sucessos. Bem, a Fluminense acabou aderindo a um repertório muito mais comercial. (...) Dois meses após esse dia, Lobão estourava nas rádios com "Vida Bandida". Quando este mega-sucesso ocorreu, as emissoras Fluminense, Estácio e Globo, oficialmente alternativas, não esconderam o entusiasmo com o sucesso de seu artista "tocável", dobrando a presença do cantor em suas programações. (...) Essas mesmas três rádios dão valor ao exército comercial de Sullivan e Massadas, que congrega Adriana, Rosana, Joana, Roupa Nova, Leonardo, José Augusto, Xuxa, Trem da Alegria e Lulu Santos. Este não grava músicas da dupla, mas toma chá com caviar com eles. Lulu Santos virou brega mesmo. Seu lugar é agora com gente como Yahoo, Patrícia Marques, Roupa Nova e todos esses que aparecem no *Viva a Noite*. Ele rompeu com o rock e toma cafezinho com seus novos patrões, que lhe garantem um grande aumento de salário. (...) Outro exemplo de comercialismo: descobri que o produtor do LP *Carne Humana*, do Zero, é compositor do Dominó (Paul Mounsey, que faz as músicas para as letras inexpressivas e comerciais de Edgard Poças). Descobri ainda que neste LP do Zero participa um componente dos Abelhudos — máquina comercial de Renato Correa, um "Golden Boy" que se tornou produtor-empresário.

(...) Se as FMs preferem manter estes nonezinhos como Lulu Santos, Phil Collins e Dire Straits aos dos talentosos Durutti Column, Weather Prophets, Woodentops, Smiths e Depeche Mode — que hoje é cruelmente explorado pelo universo só-sucesso, tal como ocorre com New Order, Housemartins e R.E.M. —, é porque ganham muito dinheiro para isso. Eu reclamo mudanças. Chega de sistemismo. Chega de acomodar-se no sistema. Ou então o alternativo vai morrer soterrado pelo capitalismo cultural que monopoliza a mídia e promove a manutenção do comercialismo. Espero que finalmente alguma coisa mude. Chega de mesmices. **Alexandre Figueiredo Pereira, Niterói — RJ**

Já faz algum tempo que estão ocorrendo manobras de certas gravadoras em relação aos lançamentos de coletâneas, sejam temas de novela, de amor, desamor e por aí afora, existindo algo em comum entre esses lançamentos. O fato é que muitas vezes, quando algumas músicas excedem certo tempo — ainda não descobri o critério adotado. —, estas simplesmente são abreviadas e/ou cortadas na metade do tempo de duração normal da versão original. Gostaria de perguntar aos senhores diretores, técnicos ou mixadores (ir)responsáveis pela produção dessas coletâneas até quando vai essa brincadeira, pois a falta de respeito para com o consumidor é gritante, empurrando-nos um produto inacabado, quase vazio em seu conteúdo. Trata-se de um embuste, um roubo, coisa de *malandro metido a esperto*, num país onde essa atividade ainda não está regulamentada mas já é bastante concorrida.

Lamentável perceber que este engodo não se aplica apenas às coletâneas de músicos estrangeiros, mas também a artistas da MPB, tais como Rita Lee e Guilherme Arantes, já que a *Som Livre* é expert nesse tipo de baixaria, seguida de perto pela *Epic/CBS*. Ser que reclamar não vai adiantar nada, pois, além de estragar o trabalho de um artista, os senhores ainda pensam que o povo é burro e consome qualquer lixo. **Renato Weisser, Ribeirão Preto — SP**

ABAIXO-ASSINADO PARA O U2

A editora do fanzine U2 - Brasil, Mônica Sarmento, realizou o sonho de inúmeros brasileiros fãs dessa banda: entregou um abaixo-assinado — com 600 assinaturas — reivindicando um show do U2 no Brasil, diretamente para o Bono! Ela mandou um cartão-postal da Irlanda, contando os detalhes do encontro com o Bono e a expectativa da estréia do filme *Rattle and Hum*. U2 no Brasil não é um sonho! Afinal, acabei de ver o New Order em pleno Maracanãzinho... **Gabriela Cunha, r. Laranjeiras, 462/209, CEP 22240, Rio de Janeiro — RJ**

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Olá! Sou uma garota italiana de 16 anos. Gostaria de me corresponder com pessoas do Brasil e de toda a América do Sul! Desculpem-me, eu não falo português, mas posso escrever em inglês, francês e italiano. Gosto de Bon Jovi, Whitesnake, Billy Idol, A-ha e muitos outros! **Ariane Idey, Via Ricasoli 15, I-50132, Firenze — Italia**

Alô, gente! Adoro a BIZZ. Acho que é superlegal e inteligente (tirando um deslize ou outro). Compro todo mês, e só tenho pena de que chegue a Portugal com meio ano de atraso. Bom, fora isso, gostaria de dizer que tenho 17 anos e adoraria trocar correspondência com jovens brasileiros que, como eu, curtam Rita Lee (fase "pré-Roberto"), Legião Urbana, Cyndi Lauper e Huey Lewis & The News. Espero que haja alguém nessas condições... **José Nuno Kardeira Valente, av. Dr. Barahona, n.º 5-A, 1.º Dt.º 7000, Évora — Portugal**

Sou um angolano de 24 anos de idade. Gostaria de me corresponder com jovens brasileiros e de outros países, principalmente de expressão portuguesa. **Filomeno de Souza, B. Patrice Lumumba, travessa de Moçambique, n.º 28, Luanda — R.P. Angola**

COMPRANDO JÓIAS

Compro as edições de BIZZ dos números 1 a 9; Ídolos do Rock 14-B (especial só RPM); Calendário do Rock 87 (edição 28-C) e tudo sobre o RPM. **Joana D'Arc S. Santos, av. 2, n.º 38, CEP 07780, Franco da Rocha — SP**

Gostaria de comprar edições de BIZZ que tragam matérias sobre o grupo A-ha. **Fabiane A. P. Soares, r. Useringueira, 75, CEP 06180, Osasco — SP**

Compro as edições de BIZZ do número 4 ao número 11. **Adriana, travessa República de Malta, 02, CEP 02180, São Paulo — SP**

VENDENDO RELÍQUIAS

Vendo os números 15,16,17 e 19 de BIZZ. **Hermes Marcelo, r. Camélias, 23, CEP 30460, Belo Horizonte — MG**

Vendo as edições da revista BIZZ do número 2 ao 6, do 8 ao 11, do 13 ao 32 e do 34 ao 39. **Antônio Carlos, r. Saldanha da Gama, 76, 9.º andar, CEP 11320, São Vicente — SP**

FÃ-CLUBE

New Order *Fã-clube oficial do New Order*, R. General Polidoro, 183/304, CEP 22280, Rio de Janeiro — RJ

ERRATA

Na edição anterior, deixamos de dar crédito de pauta à *Marcel Plasse* na matéria de capa *Rock Brasil 89 — O Ano da Guerrilha*.

ARNALDO BAPTISTA
LOKI? (1974)

No pop brasileiro, são raros os que driblaram a barreira lingüística e edificaram trabalhos fundamentais. Em meio às síndromes progressivas, à invasão da Nordésia e do "rockão pauleira", no início de 74, o LP em questão surgiu não apenas como antídoto a essas tendências, mas também como uma obra única e radical do rock brasileiro.

Gravado em terríveis condições emocionais — Arnaldo havia perdido Rita Lee para sempre —, após sua saída dos Mutantes, o disco conta, além da participação de três ex-integrantes (o baterista Dinho, o baixista Liminha e Rita nos backing-vocals), com arranjos de Rogério Duprat. A gravação feita às pressas proporcionou um *punch* inigualável e, dado seu estado emocional, *Loki?* acabou por ser o maior tratado existencial do rock brasileiro, algo digno do desespero suicida da *nouvelle vague*, da dolorosa raiva incontida dos *angry young men* ingleses e de poetas visionários que enxergaram o lado obscuro da realidade.

Arnaldo demonstrou o que significa amar até perder o nome, buscar os paraísos artificiais a partir da desintegração da alma e percorrer os porões proibidos dos sentimentos, dando vazão aos abismos da vida e anunciando esboços da morte tateada, ainda que não consumada. Nessas antevisões, ele já parecia estar ciente das amargas metamorfoses que delineariam seu destino tatuado por uma tentativa de suicídio em 1980, após ter criado a alucinada Patrulha do Espaço.

Se, textualmente, provou genialidade, em nível musical nada deixou a dever; ou seja, a partir de sua voz arrancada do âmago e de um sensível piano de concepção clássica, ele percorre o tecido rock com eclética maestria, indo das mais tristes baladas até *progressive rocks*, passando por tons de bossa, jazz, funk e blues.

A primeira faixa do LP, a linda *rock'n'roll ballad* "Será Que Eu Vou Virar Bolor?", usando o título como mote, traça ironicamente um paralelo entre o futuro de seu amor e o do rock'n'roll, ambos ameaçados de extinção. A seguinte "Uma Pessoa Só", arranjada por Duprat, remonta os lindos sonhos dourados de 71/72, quando os Mutantes viviam em comunidade na Serra da Cantareira, numa *trip* coletiva em que era possível ser "uma pessoa só". "Não Estou Nem Aí" é uma *beat-ballad* pulverizada por tons bluesísticos/jazzísticos em que, sombreado pela (im)possibilidade de esquecer os "males", ele desafia a morte de forma sarcástica. Em "Vou Me Afundar na Lingerie", um bluesy-popster de primeira linha, instala a evasão absoluta do mundo real "deslanchando bem embaixo" e propondo afogar as mágoas no deslumbre da natureza e na relatividade das pequenas. A instrumental "Honky Tonky" é um delicioso mergulho ao piano.

A segunda fase traz a memorável "Cê Tá Pensando Que Eu Sou Loki?", esmerado exercício bossístico que desbanca a loucura, mas não exime o prazer pelas viagens. Na baladaça "Desculpe", penetra na angústia passional, um "Jealous Guy" à brasileira, que sentindo "o pulso de todos os tempos" exige o amor a qualquer custo. Na fragmentada "Navegar de Novo", desvenda sua particular "passagem das horas" e as dimensões (im)possíveis do tempo. "Te Amo, Podes Crer", uma balada de *amour fou*, encarna o pranto de um abandonado que revela: "Dentro de algum tempo eu paro de tocar/espero o apocalipse de então eu te encontrar", um verso que resumiria profeticamente seu futuro. Fechando, a folk-psicodélica "É Fácil", microssíntese do amor absoluto.

Se hoje sua obra é mítica, saiba que Arnaldo pagou muito caro por toda essa paixão levada às últimas conseqüências. "Já leu todos os livros" e sabe que "a carne é triste".

Fernando Naporano

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editoras Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Redatora: Marisa Adán Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Angelo Assan, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yadzi
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Clovis Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Carlos E. Miranda, Carlos Pucci, Celso Masson, Daniel Geenevides, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Jean-Yves De Neufville, Jose Augusto Lemos, José Roberto Mahr, Kid Vinil, Leopoldo Rey, Lorena Calabria, Luis Antonio Giron, Marcel Plasse, Marcelo Abreu, Marcia de Magalhães Alvaro, Marcos Camposim, Marcos Smalkoff, Margareth de Moraes, Otavio Rodrigues, Patricia C. de Faria, Tarik de Souza, Tom Leão, Walter Silva
Arte: Marco Inci
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Ciclaire Eurico Sallis, Geraldo L. Gomes, Gladstone M. Campos, Kid, Marcelo Faustini, Mila Maluhy, Monica H. Mendes, Ricardo Siqueira, Rochelle Costi, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Lilge de Lima Dora Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Mattei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto, Gilberto Newton da Silva Oliveira
RJ-Gerente: Getúlio Torres
Contato: Lúcia Camarate
Produção Gráfica-Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

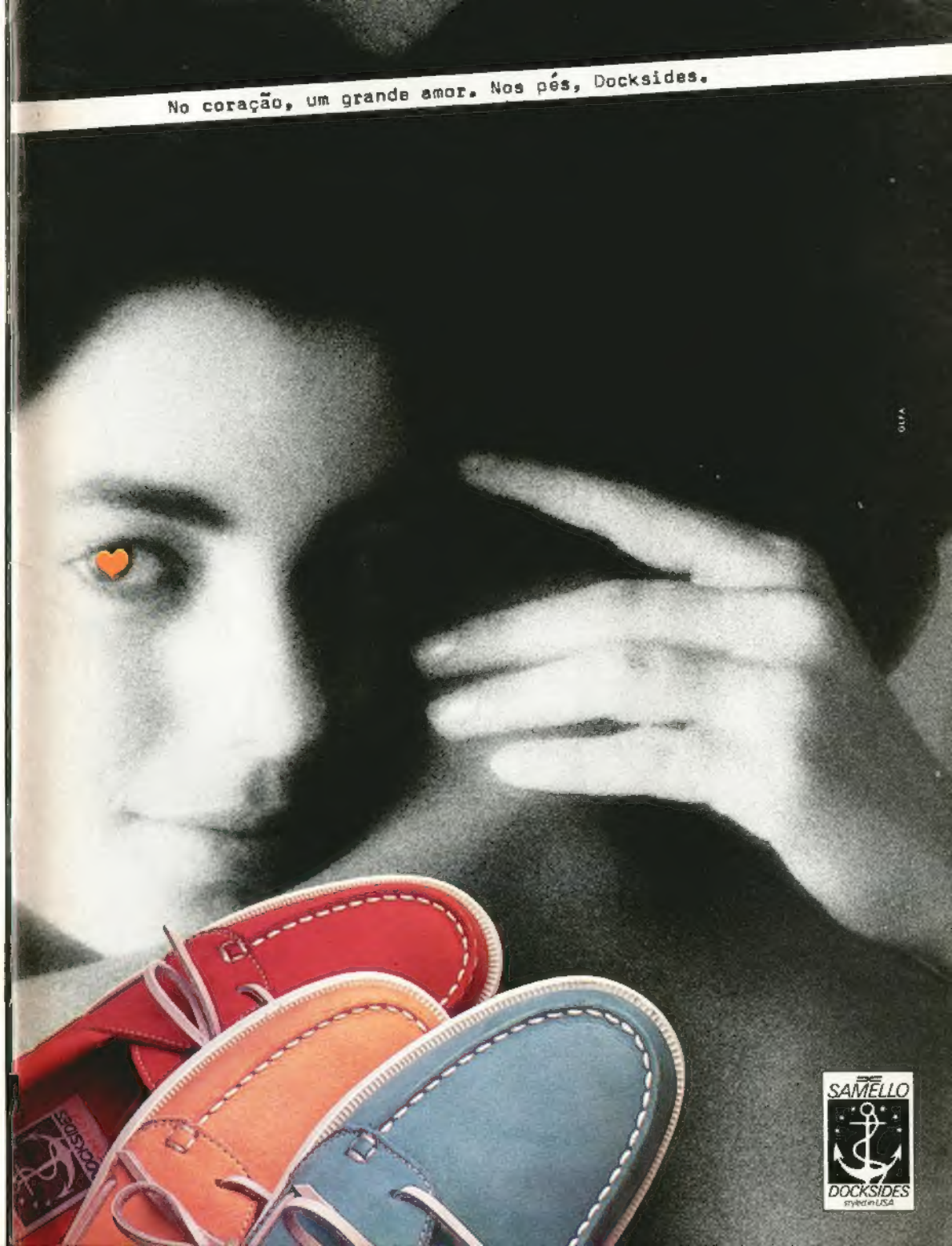
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Mironesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 650731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399.
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Aura Rojas Barreto - av. Chavantes Alves de Lima, 4400, São Paulo SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Marandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Bolzanine
Gerente de Circulação: Otávio Finotto Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Marandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 177, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 66061, CEP 05098, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Estabrin Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas, Estabrin Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Arrentega dos Fetais, 2665, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 26.400,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija o credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antes/adiantadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTN verificadas no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



GIGANTES A LASER

Os últimos lançamentos do Dire Straits (Money for nothing), Supertramp (Live'88) e Jean Michel Jarre (Revolutions) já estão nas lojas na versão pura do Compact Disc.
Os 3 discos, considerados entre os mais importantes da temporada, reúnem criatividade, ousadia e genialidade que, até então estavam disponiveis apenas em Lps e K7s de cromo Basf.
Agora os gigantes vão para as vitrines do Brasil com a força do laser e aí a história é outra.

PolyGram